ANNO IV — N. 30 FEVEREIRO, 1929

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

SUMMARIO

Entre uma pergunta e uma resposta — Um povo maravilhoso, *J. H. Fabre.* — Os actos voluntarios, *Iago Pimentel.* — A collocação dos alumnos em aula.— Como se faz uma excursão. — Curso de agua.—Educação physica, *R. Eloy de Andrade.* — Noções de coisas. — Caderno de preparação de lições, *Emilio Moura.*—Myopia Escolar, *Humberto Martins Vieira* —Escripta, *Mlles. Berger et Truillet.* — Os nossos concursos—Pequena Anthologia de recitativos.

A VOZ DA PRATICA — DAQUI E DALI

ACTOS OFFICIAES

BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAES

ANNO IV — N. 30 FEVEREIRO DE 1929

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

ARQUIVO PUBLICO
N.º 210
Data 20-10-77
BIBLIOTECA

ENTRE UMA PERGUNTA E UMA RESPOSTA

Que é que fazeis, em vossas aulas, depois de uma pergunta a qualquer alumno?

Se elle responde de prompto, ficaes satisfeitos, quando acerta, irritados, quando erra. Mas se elle demora em responder?

Tendes tido a precisa paciencia para esperar uns momentos a resposta de vosso alumno ou, soffregos e desavisados, começaes a insinuar a resposta, principiando-a com algumas palavras ou logo lh'a ensinaes ou passaes para outro alumno?

Se assim tendes procedido, faz-se mister uma completa transformação no vosso modo de ensinar. O momento mais fecundo para vossa aula é precisamente o que decorre entre a vossa pergunta e a resposta do vosso alumno. Aquella vacillação, aquelle enrugar-se-lhe a testa, aquellas palavras vagas, aquelle silencio por vezes completo é a meditação, o esforço mental, a machina mental que se agita e trabalha, á busca de uma solução. As perguntas que não produzem esse silencio e essa vacillação não são as melhormente educativas. São perguntas que exigem resposta prompta e que pouco pedem ao raciocinio. São perguntas que se dirigem mais

á memoria do que á intelligencia. Mesmo a essas perguntas que se dirigem á memoria, entretanto, deveis dar a vossos alumnos o espaço necessario para que as recordem, com tranquillidade, procurando as respostas com a convocação que fazem de todas as suas associações de idéas.

O professor que dirige uma pergunta e, sem paciencia, dá logo a resposta, revela absoluto desconhecimento de seu officio e mostra, alem disso, que não passa de um grande menino, de uma natureza primitiva, sem senso nem reflexão, precipitada em falar e agir.

— Menino: qual o 3.º governador do Brasil ?

Como o pequeno nada diz, eil-o a insinuar:

— Foi Mem de...

Fazei a pergunta e esperae a resposta. Deixae que o alumno pense e que se recorde. No caso que se refere, perguntae qual foi o 2.º governador do Brasil, qual foi o primeiro, quem combateu os francêses, quem fundou a cidade do Rio de Janeiro. Afinal de contas, procurae suggerir, appellando para outros conhecimentos, a resposta esperada.

Sem o esforço, o padecimento, a angustia, a agitação das faculdades dos alumnos, pouca utilidade tem a escola. Mais vale a uma intelligencia ter-se esforçado atrás de um conhecimento e não o ter deparado do que recebê-lo, sem esforço, da bocca ingenua e insensata do professor.

Claro: com o trabalho de sua intelligencia á busca de uma resposta, ainda que não a encontre, o alumno exercita a sua intelligencia e *cresce* em intelligencia. E' como se fosse para o nosso corpo uma caminhada atravez de um campo atrás de um objecto perdido: não se encontrou o objecto, mas o corpo exercitou-se e ganhou muito mais do que ganharia, se tivesse ficado parado.

Não vos esqueçaes, portanto, desta lição muito simples que ora se vos recommenda: o mais fecundo momento da aula é o silencio que vae entre a pergunta do professor e a resposta do alumno. Cortar esse silencio, immediatamente, sem que se dê o necessario tempo para o alumno encontrar a resposta, é desconhecer por completo que o officio do professor consiste mais em provocar uma resposta e escutá-la, com paciencia, do que ensiná-la, sem ponderação.

Dae a resposta certa ao alumno, só depois de exgottados todos os meios de suggerir-lh'a, ainda que nessa pergunta e nessa resposta se escôe todo o tempo de uma aula.

UM POVO MARAVILHOSO

Introducção ao livro "Le monde merveilleux des insectes", de J. H Fabre

Quando os viajantes nos contam que, em certo archipelago da Polynesia, é de supremo bom tom abrir-se uma grande incisão no labio inferior para encaixar uma concha e que, em outro, seria de soberana indecencia apresentar-se alguem em publico sem ter a cartilagem do nariz trespassada de uma espinha de peixe, ou o lóbo da orelha distendido até ao ombro por um peso sempre crescente; quando nos dizem que em tal região passar-se-ia por insociavel se se não tivesse o cuidado de levantar artisticamente finas tiras da epiderme e impregnar as sangrentas escoriações de vermelhão e anil; quando nos narram estes mil detalhes estranhos sobre os costumes dos povos, o nosso sorriso é quasi de incredulidade, apesar de sermos nós mesmos sujeitos a usos, senão identicos, ao menos analogos. Seria preciso ir muito longe para encontrar, suspensos á orelha, pedaços de metal e pequenas pedras? Se o seu peso não é bastante para distender a orelha até ao ombro, é porque, apparentemente, estas pequenas pedras são muito caras. A opinião commum já não estabeleceu que nada de melhor se pode apresentar sobre a face do homem do que uma barra transversal abaixo do nariz? Só variam os meios empregados. Lá, servem-se de uma espinha de peixe ou de um pedaço de madeira afilado; aqui, preferem se os proprios pêlos agglutinados com cosmetico. Além de menos doloroso, produz effeito identico, o que é essencial. Seria impossivel encontrar, nas nossas cidades, braços tatuados com figuras emblematicas? Se, da cabeça aos pés, o neo-zelandez converte a sua pelle em um estofo natural, onde se casam, em traços indeleveis, o negro, o vermelho e o azul, reconheçamos que não faltam entre nós pessoas que sigam o seu exemplo, mas de longe, de muito longe, pois têm a epiderme muito sensivel. Estas narrações de viajantes não vão alem do que se pode crer. A meio meridiano de distancia, o homem, lançando mão dos mesmos thesouros de imaginação, chega, para se enfeiar, aos mesmos resultados.

Mas eis que nos falam de um povo que, por sua conducta, seus usos, suas leis, seus costumes, suas construcções, suas in-

dustrias, se distancia tanto dos outros que, apesar dos mais severos testemunhos, ainda se diz: quem viajou pode mentir á vontade. Neste povo, o vestuario é, ás vezes, de uma severa simplicidade. Poder-se-ia mesmo dizer que não existe. Para isto concorre, apparentemente, a doçura do clima, porém outras vezes elle é de uma sumptuosidade tão louca, que jamais foi igualada pelo nosso luxo. Enfeitamos com ouro e prata algumas roupas de gala, engastamos algumas pedras raras em collares, pulseiras e diademas, mas eis a verdade: somos uns pobretões.

Para este extranho povo, ao contrario, a Golconda e o Perú não lhe bastariam com os seus thesouros. Onde se proveem? Ninguem o sabe ainda. Vestem se uns de grandes chapas de ouro laminado; outros preferem um traje de bronze florentino, justo ao corpo e que põe em evidencia as suas fórmas; outros, ainda, escolhem dalmaticas de prata, e alguns, pois aqui como em toda parte não se discutem os gostos, alguns se contentam com uma casaca de cobre ou de aço polido. E' um tanto pesado, um tanto inflexivel, mas como brilha ao sol! e o que é que o prazer de sobresair não faria supportar! Comprehendemos muito bem esta attitude. Perdoemos, pois, a esta extravagante nação as suas vestes metallicas. Este amor desenfreado dos metaes não exclue, porém, o uso de roupas mais hygienicas. Ha os que se pavoneiam sob majestosas capas de velludo negro recamado de purpura, ou que se cobrem com chlamydes escarlates franjadas de ouro.

Vêm-se os que se envolvem de casacas de um arminho tão macio, tão branco, que o nosso, comparado a elle, não passa de um tecido grosseiro. São friorentos, convalescentes talvez, que procuram um pouco de calor nesses agasalhos de uma estranha suavidade. Outros se accommodam melhor em um sobretudo de marroquim ou de couro da Russia, que lhes deixa plena liberdade de movimentos. Não são pessoas activas que se dedicam aos adornos, ao ondear dos tecidos, á gaze, ás rendas. São effeminados, e no paiz, em geral, gozam de pequena consideração. Ahi não se contentam de collocar um rubi no dedo, uma simples esmeralda, e envergonhar-se-iam de nossos mesquinhos collares de pedras preciosas, apiedar-se-iam de nossos diademas de brilhantes. Para irem á guerra, sentir-se-iam deshonrados se não possuissem, ao menos, uma armadura de rubis, um capacete de saphiras, braçal e escarcella de esmeraldas.

Ainda mais, lidando nas mais vulgares occupações, esta mania das pedras preciosas não os abandona. O menor carpinteiro não não teria prazer no seu officio se não tivesse a mesa de trabalho incrustada de carbunculos; o mais humilde lavrador não tocaria em seus instrumentros se não tivesse a reluzir sobre o peito grandes placas de turqueza e de esmeral-

da. Conta-se mesmo que, para exceder em brilho aos outros, alguns não hesitam em coroar-se de chammas phosphoricas, correndo o risco de se queimarem vivos. Um diadema de phosphoro em combustão deve ser de bello effeito, sem duvida, mas como é perigoso! Mas, afinal, que se acautelem, pois isto só a elles diz respeito. Para terminar estas ligeiras considerações sobre suas vestimentas, mencionemos os penachos, as plumas, os arminhos e os capacetes com que todos ornam invariavelmente a cabeça. Têm por este genero de atavios, algumas vezes muito incommodos, amor mais pronunciado que pela riqueza dos tecidos. Tal dentre elles, obreiro que ganha para comer e cuja unica habilidade consiste em furar algumas peças de madeira, não sairia de casa se não trouxesse á fronte um par de enormes martinetes, maiores do que elle. Existe, pois, em todas as classes deste povo, amor ao luxo bastante a espantar as mais ricas das nações civilizadas. E apezar disso, existe tal ordem, tal economia, que, para satisfazer aos seus pendores, nenhum delles vae alem da fortuna da familia. Leis sumptuarias, escrupulosamente respeitadas, prohibem a cada qual exceder o que lhe permitte seu patrimonio. Tambem esta nação, a uma sóvez tão econo mica e tão prodiga, não conta um só exemplo de algum dos seus arruinado por despesas insensatas. Oh! Poderiamos dizer o mesmo de nós mesmos?

Os mais velhos são, em geral, muito sobrios, pois é necessario economizar um pouco nos viveres para acudir ás despesas da indumentaria, senão onde se iria parar? Um pouco de ambrosia tirada de certas plantas, de quando em quando, é o sufficiente para muitos delles. Ha mesmo os que, durante toda vida, não tomam nenhum alimento. Não quer dizer que soffram, pois a isto estão habituados. Para a maioria, entretanto, faz-se necessario um regimen substancial, ora vegetal, ora animal, conforme os temperamentos. Alguns adoram os legumes, outros preferem a caça um pouco passada ou mesmo horrivelmente apodrecida. Mas são, sobretudo, as creanças que comem. Meu Deus, que lambazes, que gulosos! De dia, á noite, á toda hora elles comem, comem o bastante para arruinar a casa mais opulenta. Não têm senão uma idéa—comer, outra occupação senão comer, comer sem cessar e, coisa inconcebivel, sem nunca morrer de indigestão. Oh! como os paes causam lastima no meio destes gulosos, cujo cerebro, coração e tudo mais está no ventre.

Se tivessem, ao menos, de criar uma só criança, mas os desgraçados têm, no dizer dos viajantes, centenas de milhares, a um só tempo. Não é uma familia como as nossas, e sim uma multidão de glutões. Tambem, que acontece?

A affeição maternal, repartida para tão grande numero, se enfraquece proporcionalmente e a mãe, incapaz de satisfazer

ás necessidades de tantas boccas, expulsa de casa os meninos, sem maior preoccupação. E' cruel, não ha duvida, mas que fazer? Tranquillizemo-nos, todavia. A familia expulsa não morrerá de fome, nem viverá da caridade publica, pois neste paiz maravilhoso as crianças são de uma precocidade inaudita. Aquelles a quem a necessidade toca de casa, antes da hora, sabem, apezar de muito jovens, ganhar honradamente a vida. Em algumas tribus, sómente a rainha é bastante rica para criar familia numerosa, sem enviá-la, ainda no cueiro, para os riscos e os perigos do mundo. E' construido um grande palacio com appartamentos para cada um dos principezinhos, e uma multidão de amas serve o berço real. Fala-se ainda de alguns nobres caçadores que teriam escrupulo em abandonar sua familia, pouco numerosa é verdade, e que a abastecem amplamente de caça.

Diz-se tambem que, á força de economia e de actividade, algumas mães, apesar de pertencerem ao povo, fornecem ás crianças o pão de cada dia, o que constitue excepção. A regra é que as crianças são capazes de se manter e sejam tocadas de casa o mais cedo possivel. Assim o querem as leis do paiz. Esta regra espartana, a qual não é talvez estranha á politica, é exigida pelo numero e voracidade dos meninos.

Lycurgo não desejava na sua republica senão pessôas válidas, sãs de corpo e de espirito. Nosso povo, ao que parece, tomou alguma cousa do codigo lacedemoniano. Abandonando, desde tenra idade, os cidadãos a uma concurrencia desenfreada, espera que o fraco desappareça, deixando o seu logar ao forte.

Não nos deve surprehender o cannibalismo num povo cujos principios têm esta inflexibilidade selvagem. Em algumas tribus, os jovens são alimentados de sangue ainda quente. Os horriveis glutõezinhos suspendem-se á veia aberta da victima, paralysada por um golpe de espada envenenada. Têm necessidade de carne fresca, de carne que estremeça entre os dentes.

Mas, por emquanto, fechemos os olhos a estes horrores e occupemo-nos das armas e dos instrumentos de trabalho.

Somos habeis na fabricação de nossas armas, mas confessemos, apesar do nosso amor proprio, que este povo é muito mais habil do que nós. Poderiamos comparar com os seus, pois no fundo a sua fórma não é muito differente, os nossos punhaes, estyletes, cutelos, espadas, alfanges. Porem o que não saberiamos imitar destas armas, mesmo de longe, é a finura do corte, a agudeza da ponta, a flexibilidade da lamina. Para assim nos subrepujar, é necessario que este povo esteja na posse de aço especial e de um methodo secreto de temperá-lo.

Não trazem todos espadas, o que é uma felicidade, pois aquelles que a trazem tem o detestavel habito de envenená-la.

Os caraibas embebiam a ponta de suas flexas no veneno das serpentes ou no succo temivel de certos cipós. Os espadachins desta nação insociavel têm sempre na bainha de seus punhaes uma reserva de toxico que molha a extremidade da arma e envenena mortalmente á mais simples arranhadura. Sabe-se, de fonte segura, que elles não tiram este veneno dos animaes ou das plantas, mas que o preparam por processos desconhecidos de nossa sciencia.

Na industria assassina, a pratica precede sempre o saber. Muito antes de Scheele ter desvendado a natureza do acido prussico, Locusta preparava a bebida fatal destinada a Britannicus. Passar-se-ão, da mesma fórma, longos seculos antes que a Europa saiba a composição do veneno elaborado por estes selvagens. Irrasciveis ao mais alto grau, estes esgrimistas sacam da espada pelo mais futil dos motivos. Acotovelando-os inadvertidamente, sem esperar vossas desculpas, elles vos apunhalam sem demora.

Por isso, os viajantes que os visitam têm o cuidado de observar uma minuciosa prudencia, para não despertarem em nada, a sua sombria susceptibilidade. O perigo é tanto mais imminente por não abandonarem nunca estes terriveis brigões a sua arma, assim de dia como á noite.

Um espadachim, nas nações policiadas, dependura por algum tempo, ainda que para dormir, a sua espada. Aqui, nunca. Nenhum delles se alimentaria nem dormiria sem trazer comsigo sua lamina envenenada. A espada está incorporada áquelle que a traz, arma e guerreiro são uma unica peça. Dir-se-ia que nasceram juntos, como Minerva e sua lança. A' arma branca, alguns preferem o mosquete. Ha entre elles uma especie de revólver que se carrega pela culatra, usado pelos bandidos de baixa categoria. Poder-se-ia acreditar que o segredo da polvora lhes veio do monge Rogerio Bacon, inventor desta terrivel substancia, ou dos chinezes, que reivindicam para si a mesma descoberta. Entretanto, considerando-se bem, accordamos em reconhecer que estes mosqueteiros se adiantaram á Europa e á Asia no uso das materias explosivas e que a invenção se perde na noite dos tempos. Fazem do revólver emprego muito irregular. Aquelle que visa o inimigo, não o faz senão recuando. Imita o Partha que desfechava o dardo, fugindo. Alem da adaga e do mosquete, elles se servem ainda de uma infinidade de outras armas, tão estranhas na fórma, que o estojo de um cirurgião, com seus bisturis, lancetas, escalpellos, serras, tenazes, pinças, trepanos, etc, pode apenas dar uma idéa dellas. Por falta de expressões para descrevê-los, passá-las-emos em silencio.

Seus instrumentos de trabalho não são menos variados. Nossa industria, tão sábia sem duvida, teria vantagens em alguns pontos. Não se saberia admirar bastante, entretanto, a que engenhoso grupo de instrumentos chegou este povo que deve tudo á inspiração individual e nada ao estudo collectivo. Os navegadores encontraram as tribus da Polynesia na posse de alguns instrumentos muito elementares para tecer as fazendas, trabalhar o solo, preparar a madeira, como machados de silex, cabos talhados em ramos bifurcados, agulhas de osso de peixe, e nada mais. Mas aqui, que differença! E' um arsenal completo onde todas as profissões são largamente representadas. Não imaginemos que as relações com as nações civilizadas tenham dado a este povo seus instrumentos e suas industrias Seria um grave erro. Immutavel nos seus usos, elle não quer communicar nada. Accusam-se os chinezes de tendencias identicas. Aliás que necessidade tem de nossas inspirações? Encarnou em si o genio da industria. Seus obreiros têm uma tal aptidão para a arte que devem exercer que, sem aprendizagem, sem exercicio, sem tentativas, attingem a perfeição quasi desde o nascimento. Cita-se, entre nós, alguns prodigiozinhos que, adiantando-se á idade e á experiencia, fazem falar de si aos dez ou doze annos, nas artes mecanicas, por exemplo. Mas quem jamais teve conhecimento de crianças de alguns dias tecendo seda ou esculpindo madeiras duras? E' porém o que se passa muito commummente neste povo privilegiado. Ainda mais: por processos que nós invejaremos sempre sem poder imitar, o obreiro e seus instrumentos não são senão uma unica peça, como nós e nossas mãos. O marceneiro encontra em si seu cepilho e seu trado; o lavrador, sua enxada e seu arado, e assim nas diversas profissões. Esta transformação bizarra duma parte do corpo em instrumento de trabalho não surprehende tanto quando se sabe a que modificação se presta o organismo exercitado por um longo habito.

O povo de que falamos o comprehendeu perfeitamente. Deu-se á fantasia de não respirar pelo nariz ou pela bocca, de medo de se suffocar, como nos acontece ás vezes não offerecendo senão uma via ao alimento e ao ar. O problema era difficil. Não importa, pois elle o resolveu admiravelmente. Abriu sobre os flancos algumas casas para deixar passar o ar e, desde então, a respiração por ahi se realiza. Este meio de respiração lhes pareceu tão vantajoso que todos se apressaram em adoptá-lo.

O mesmo povo convenceu-se de que ter o coração no peito é coisa perigosa para fazer face ao inimigo. Mudou-o de logar. Mas, em vez de transportá-lo da esquerda para direita, como o fazia ineptamente certo medico de Moliére, elle o poz para traz, no meio do dorso. E' logico e prudente!

Que diremos da vista? Não temos senão dois olhos. Perder um é horrivel desgraça; perder os dois é o que pode nos acontecer de mais terrivel. Ah! se tivessemos alguns de sobresalente? Pois bem, este povo afortunado applicou-se a descobrir um meio de possuir, não dez olhos, nem vinte, nem cem, mas milhares. E se todos não o conseguiram, muitos delles possuem vinte mil, e mais.

O organismo, ainda uma vez, presta-se a tudo. E' sufficiente saber solicitá-lo com arte. No paiz destes videntes extraordinarios, aquelle que não tem a seu serviço senão duas ou tres duzias de olhos é, pelo menos, chamado zarolho.

Não é tudo: este povo, que faz o que quer de seu corpo, criou em si, com uma dobra do ombro, asas; remos, com as pernas sabiamente achatadas; balões interiores, que se enchem e levantam os mais pesados, com as cavidades respiratorias alargadas; sinos mergulhadores, para armazenar, debaixo dagua, o fluido respiravel, com alguns ramos de pêlos e algumas rugas da pelle. E' tão bem apparelhado que vive indifferentemente sobre a terra, na onda e no ar. E, não contente de tudo isto, quiz desafiar o segredo do tumulo, adormecer na morte para renascer á vida. Ahi é que elle devia fracassar e foi ahi que venceu plenamente. Por duas, tres, quatro vezes, elle se transfigura. Hontem morto, sob uma fórma, amanhã, renascido sob nova fórma. O prodigio chegou ao auge. Este povo, quem o viu? Tê-lo iam divisado em algum planeta vizinho, com os telescopios gigantes de Herschell ou de lord Rona?

Não, elle habita o mesmo planeta que nós, vive entre nós. Vêde, sobre uma rosa, percebo daqui um de seus membros com sua casaca de bronze polido. E' um Besouro. Este povo extraordinario é o dos Insectos.

(Traduzido por A. C.)

OS ACTOS VOLUNTARIOS

(Aula de psychologia, realizada no Curso de Aperfeiçoamento)

A's excitações que nos chegam de nosso proprio organismo ou do mundo exterior, nós podemos responder por meio de actos reflexos, de actos instinctivos ou de actos habituaes. Se nossa mão toca em uma chamma, immediatamente a retiramos, graças a um movimento reflexo; se somos ameaçados por algum perigo inesperado, instinctivamente fugimos; se encontramos na rua um conhecido, automaticamente o cumprimentamos, segundo o habito que nos implantou a educação.

São tão numerosas, porém as excitações que a todo momento recebemos e em tal gráo podem ellas variar e contrariar-se umas ás outras, que, não podendo responder a todas a um só tempo, nos vemos muitas vezes constrangidos a escolher uma dentre as varias reacções a que nos vemos solicitados. Extenuados pela fadiga de uma longa caminhada e precisando, portanto, de repouso, podemos nos ver instigados a dar outra caminhada, á procura de agua para mitigar a sêde que ao mesmo tempo nos devora. E' evidente que, não podendo a um só tempo entregar-nos ao repouso a que a fadiga nos convida e satisfazer a necessidade que nos impõe a sêde, teremos que nos decidir por uma das duas cousas.

E, assim, em circumstancias parecidas e innumeraveis, incessantemente nos vemos forçados a fazer uma *escolha* entre as differentes acções que temos de executar: deante de dois caminhos, somos obrigados a optar por um; em frente de uma viva tentação, teremos de escolher entre o prazer que ella por ventura nos trará e aquillo que consideramos o nosso dever.

Em todos esses casos, que nos serviram de exemplo, é claro que a nossa *escolha* ou a nossa *decisão*, embora nos dando a illusão de que nós é que assim o queremos, far-se-á no sentido da solicitação mais imperiosa, d'aquella que no momento, por qualquer motivo, representa nosso maior interesse. Se a fadiga for maior do que a sêde, entregar-nos-emos ao repouso; se preponderar a sêde, iremos á procura da agua; entre os dois caminhos,

decidir-nos-emos por aquelle que nos pareça mais suave; deante da tentação, escolheremos, ora o prazer, ora o dever, de accordo com as normas de proceder que adquirimos.

Nem sempre, entretanto, uma das solicitações é bastante forte para excluir as outras. Nesse caso origina-se em nossa mente uma especie de contenda ou de disputa, na qual, por meio da reflexão, por meio de comparação entre aquillo que nos parece mau e aquillo que nos parece bom, uma das solicitações se faz finalmente valer, a outra ou os outros sendo rejeitados. Quando acontece semelhante facto, *concebemos*, primeiro, os diversos partidos que se apresentam em luta; *deliberamos*, depois, julgando a qual devemos attender; em seguida, *decidimos* ou *escolhemos a um delles* e, emfim, executamos o acto ou serie de movimentos que lhe correspondem. Estamos cançados e temos sêde; poderiamos beber da agua que corre a nosso lado e immediatamente descançar, mas a reflexão de que a agua é impura e nos poderia causar alguma infecção, impelle-nos ao esforço de dar ainda uma caminhada, á procura de outra agua. A essa capacidade de *decidir* ou *escolher* é que se dá o nome de *vontade* e o acto resultante della é que se chama de *acto voluntario*.

Tal qual como os actos reflexos, os actos instinctivos e os actos habituaes, o acto voluntario é ainda uma resposta ou reacção a excitações vindas do mundo exterior ou do proprio organismo, mas uma reacção escolhida pelo proprio individuo dentre as muitas que tendem a realizar-se ao mesmo tempo. Ao passo que os actos reflexos e os actos instinctivos, modos de reacção herdados, e os actos habituaes, modos de reacção adquiridos, se repetem sempre do mesmo modo, provocados pelas mesmas circumstancias, executados sem esforço, sem que a consciencia precise tomar parte nelles, os actos voluntarios são sempre actos conscientes, actos novos, isto é, executados pela primeira vez, actos variados e adaptados ás circumstancias imprevistas do momento, realizados com maior ou com menor esforço. Andamos em nossa marcha habitual pelo caminho nosso conhecido, sem precisar de prestar attenção aos nossos passos; se o caminho porém, nos é desconhecido ou nelle se encontram inesperados obstaculos, nossa attenção será immediatamente despertada e teremos agora de fazer com esforço aquillo que dantes faziamos automaticamente.

O que ha de novo nos actos voluntarios, não são os movimentos que os constituem: estes já puderam existir em outras situações. A novidade está na combinação, que ainda não fôra realizada, desses movimentos. Se uma parte do acto é antiga, outra parte ou pelo menos as condições em que elle se realisa e ás quaes elle se adapta são desusadas.

Quando se procura analysar o mecanismo dos actos voluntarios, quer pela observação do que se passa em nosso intimo, quer pela observação da maneira pela qual elles se exteriorizam, verifica-se desde logo que todo acto voluntario só pode ser executado mediante o aproveitamento daquella capacidade que possuimos de inhibir ou de refrear um acto reflexo, um acto instinctivo ou um acto habitual que se ia desencadear. Se um accesso de tosse nos vem insolitamente importunar, nós o podemos até certo ponto inhibir ou refrear por um acto de vontade; se temos medo, nossa tendencia é fugir, mas, por um acto de vontade, podemos nos conter, inhibindo o acto instinctivo que se ia produzir; se temos o habito de falar em voz alta, por um acto de vontade podemos moderar a nossa voz, todas as vezes que as conveniencias o exigem. A escolha ou decisão final que caracteriza a vontade e da qual resulta o acto voluntario, só é possivel mediante um acto de inhibição previa: para que, entre varias reacções que tendem a realizar-se ao mesmo tempo, possamos escolher uma, é necessario que a outra ou as outras sejam inhibidas. Quando uma criança cessa repentinamente de chorar, deixa de gritar ou contem-se em uma explosão de colera, ella mostra nesse acto de inhibição que sua vontade começa a despontar.

Por intermedio do mecanismo da inhibição é que se organizam no recem-nascido os movimentos voluntarios. Elles surgem progressivamente dos movimentos reflexos e dos movimentos desordenados que, como sabemos, são os unicos movimentos que nelle se encontram. A criança, nos primeiros dias de sua existencia, move os braços automatica e tumultuariamente. Mais tarde começa a brincar com elles e se diverte em vê-los mexerem-se: procura, depois, reproduzir os movimentos casualmente effectuados e, á custa de exercicios reiterados, vae pouco a pouco conseguindo coordená-los, isto é, executá-los, em vista de um fim determinado. A cordenação é alcançada por meio da inhibição das contracções musculares inuteis e desordenadas que em começo acompanhavam aquelles movimentos.

Em sua essencia, como é facil deprehender-se de tudo que atraz foi exposto, os actos voluntarios se assemelham aos actos reflexos e obedecem, em rigor, ás mesmas leis que governam as manifestações mais simples da vida de relação: no fundo, elles não são mais do que os mais complicados dos reflexos condicionados tendo como estes, sua séde na cortex cerebral ou camada cinzenta que reveste exteriormente o cerebro. O phenomeno da inhibição que, como sabemos, é o principal mecanismo por cujo inter-

medio se organiza o acto voluntario, faz parte, com effeito, como já pudemos vêr quando estudamos os actos reflexos, das funcções normaes do systema nervoso.

O influxo nervoso que, em ultima instancia, vae determinar a contracção dos *musculos voluntarios*, isto é, dos musculos sujeitos ao dominio da vontade, parte das regiões bem determinadas da cortex cerebral, denominadas, por isso, *regiões psycho-motoras*, representadas, em cada um dos hemispherios de que se compõe o cerebro, pela *circumvolução frontal ascendente*. Sua destruição, praticada experimentalmente em animaes, como o cão e o macaco, ou provocada no homem pela doença, determina a suppressão dos movimentos voluntarios dos musculos da face e dos membros da metade do corpo opposta ao hemispherio cerebral lesado.

O influxo nervoso, nascido nas grandes cellulas que se encontram nas referidas regiões psycho-motoras, desce pelos cylindraxes dessas cellulas, os quaes, reunidos e formando feixes de fibras, atravessam o centro de cada hesmispherio e vão terminar em differentes alturas da protuberancia, do bulbo e da medulla, entrando em contacto com os neuronios motores que se encontram nestes ultimos orgãos. Destes neuronios motores partem as fibras que vão constituir os nervos periphericos craneanos e racheanos, encarregados de provocar as contracções voluntarias dos musculos da face e do corpo.

Antes de entrarem em relação com os neuronios dos nervos periphericos, os cylindraxes vindos da cortex cerebral cruzam-se todos, os do hemispherio direito passando para o lado esquerdo e, vice-versa, os do hemispherio esquerdo passando para o lado direito.

Este facto nos explica como a lesão de um dos hesmispherios vae determinar paralysias da metade do corpo do outro lado.

A VONTADE E A EDUCAÇÃO

Os actos voluntarios constituem, é intuitivo, a forma mais elevada, mais aperfeiçoada de toda a actividade animal. Actos intelligentes e derivados da capacidade que temos de poder escolher as nossas reacções, delles é que decorrem todos os nossos vicios e todas as nossas virtudes; á custa delles é que se affirma em definitiva nosso caracter individual, pois em nossa maneira de agir voluntariamente é que o comportamento de cada um de nós se distingue do comportamento dos outros.

A cada passo a vida social exige de nós que nos saibamos conter; a cada momento ella nos offerece situações ineditas, deante

das quaes temos de modificar as nossas reacções herdadas ou adquiridas, supprimindo-as ou combinando-as em novas maneiras de ser.

Os individuos fortes, os individuos que têm vontade sabem enfrentar todas as mencionadas situações; nelles a vontade se revela como um *dominio do individuo sobre si mesmo*, o qual, pela disciplina de suas reacções, sabendo opportunamente inhibir a umas e permittir a outras que se realizem, é capaz de adaptar-se facilmente ás mais variadas circumstancias do ambiente. Os individuos *impulsivos* não se sabem conter: suas reacções se desencadeiam ao sabôr das excitações que as provocaram, como formas reflexas de uma actividade rudimentar. Os individuos fracos, os individuos sem vontade, chamados *abulicos*, incapazes de escolher as suas reacções, incapazes, portanto, de agir por si mesmos, submettem-se facilmente ao imperio dos outros.

De tudo isto se infere que o objectivo maximo de toda educação é, incontestavelmente, a organização da actividade voluntaria. Educá-la é ensinar ao individuo a agir, é, por conseguinte prepará-lo para a vida. O dominio que o individuo pode ter sobre si mesmo, não é, com effeito, innato. Em verdade, ao nascer, já trazemos comnosco, na organização de nosso systema nervoso, os elementos naturaes ou, melhor, o apparelhamento apropriado ao exercicio da actividade voluntaria; o manejo ou a utilização efficiente desse apparelhamento, porém, só póde ser conseguido mediante um longo e persistente apprendizado.

O recem-nascido não tem vontade propriamente dita. Os actos voluntarios nelle se manifestam e se organizam paulatinamente, como a consequencia da coordenação progressiva de seus movimentos reflexos e desordenados. Nos *idiotas* a vontade não chega a se organizar. Elles podem aprender a regularizar suas necessidades, a comer; a vestir-se por si sós, por exemplo, mas sua actividade permanece reduzida a seus elementos mais simples Uma vez organizada, a vontade pode desmantelar-se, como costuma acontecer com certas formas de doenças mentaes, ou enfraquecer-se, como normalmente succede na velhice. O velho pode conservar seus habitos antigos - conversa, lê jornaes, guarda em suas relações mundanas a mesma cortezia de outros tempos — mas o apagamento gradual de sua vontade cada vez mais transparece nas manifestações crescentes de seu egoismo e em sua manifesta incapacidade para adaptar-se a novas situações.

O dominio do individuo sobre si mesmo se estabelece, em primeiro lugar, como consequencia de prohibições vindas do mundo exterior. A criança não trepa na cadeira porque os paes lh'o prohibem. Nós não praticamos um determinado acto, por-

que os costumes, as conveniencias, as regras moraes ou religiosas no-lo impedem. Em segundo lugar, elle resulta da reflexão sobre as consequencias que a pratica de um determinado acto poderia acarretar. A criança não segura o objecto fragil porque poderia quebrá lo e, se o quebrasse, poderia ser castigada pelos paes. Não bebemos da agua que corre a nosso lado, porque essa agua é talvez impura e nos poderia fazer mal. Contemonos deante da tentação pelo pensamento dos embaraços, dos aborrecimentos, das afflicções que a satisfação de nosso desejo faria recahir sobre nós ou sobre outras pessoas. Isto nos demonstra que tudo aquillo que esclarece o nosso pensamento, qualquer especie de conhecimentos que o enriqueça, em uma palavra, o apuro e o aperfeiçoamento constante de nossa intelligencia, é uma condição indispensavel não só á organização, como ao progresso da vontade.

Como atraz explicamos, porém, os actos de vontade só se podem effectuar graças ao mecanismo da inhibição, que nos permitte conter ou refrear esta ou aquella de nossas reacções. E' esse o mecanismo para o qual se deve voltar todo systema de educação da vontade. Ensinar a criança a conter-se, a inhibir-se, a ser disciplinada, é ensinar-lhe a ter vontade. Mediante o exercicio nós podemos adquirir o habito de nos contermos e de refrearmos em nós toda especie de desejo. E' preciso, entretanto, que esse habito não seja levado ao exaggero, do contrario a repressão constante, a contenção continua de todas as reacções acaba por se tornar paralysante, impedindo o surto de todas as impulsões espontaneas, que n o raramente servem de ponto de partida aos mais bellos e mais generosos actos.

Tudo aquillo que, por qualquer processo desperta o interesse da criança tambem lhe desenvolve a vontade. O interesse faz com que a criança se detenha e concentre sua actividade em volta de um unico objecto, por outras palavras, o interesse desperta a attenção que, como ainda iremos ver, é sobretudo um acto de vontade. Os trabalhos manuaes sob todas as suas variedad s, assim como o desenho, forçando a criança a servir-se mais habilmente de suas mãos, a supprimir os movimentos desnecessarios e a conter-se nos irregulares, provocam o mesmo resultado. A educação physica, em seus multiformes aspectos — os esportes, os jogos de luta, a gymnastica - coordenando e disciplinando os movimentos, fornece incomparaveis instrumentos para o ensino da acção, implantando na criança os habitos de *conter-se, de ter calma, de ter coragem, audacia, presença de espirito, perseverança,* qualidades essas todas que revelam, no mais alto gráo, o dominio que o individuo é capaz de adquirir sobre si mesmo, sabendo affirmar-se como um sêr que pode tudo aquillo que quer.

Não nos devemos esquecer de que um organismo perfeitamente sadio é um elemento imprescindivel á completa expansão da vontade. Num corpo debil, num systema nervoso lesado pela doença ou carregado de taras hereditarias morbidas, é claro que a vontade não se organiza ou só se organiza incompletamente. Dahi se deduz como, na educação da vontade, todas as prescripções de hygiene, todas as condições necessarias á conservação da saude e ao desenvolvimento do corpo, devem ser tomadas na maior consideração.

IAGO PIMENTEL

Professor de Psychologia Educacional na Escola Normal de Bello Horizonte.

A COLLOCAÇÃO DOS ALUMNOS EM AULA

Como installar meus alumnos em aula?

—Como installar meus alumnos na sala de aula?

Pergunta que parece muito facil de responder e entretanto não é. Em geral não se dá grande importancia a questões dessa natureza. Professores zelosos e instruidos procuram elevar constantemente o nivel da escola, cuidando tão só da qualidade do ensino e da maneira de ministrá-lo. Nenhuma preoccup ção quanto á collocação das crianças neste ou naquelle ponto da sala, mais perto ou mais longe do quadro negro. Ou melhor: nenhuma preoccupação séria. Os alumnos são agrupados de accordo com um criterio falho e insubsistente, se é que se obedece a um criterio.

Mas isto é uma questão de ordem material, dirão alguns. Seja. As questões de ordem material não são menos dignas da attenção dos professores. E é bom que ellas sejam resolvidas antes das questões de ordem intellectual: a preparação antes da acção.

Dissemos que o criterio geralmente adoptado quanto á collocação dos alumnos deixa muito a desejar. Em que consiste elle? Na *classificação pela idade*. Conhecidas que são as differenças existentes entre alumnos da mesma idade (maior ou menor grau de desenvolvimento physico e intellectual, formação mais ou menos adiantada do caracter, etc.) temos que esse methodo é inteiramente precario e não nos satisfaz. Joaquim, como Pedro, tem nove annos; o primeiro é o que se chama um precoce, e o segundo um retardado; José, de sete annos, tem a mesma compleição physica que Raymundo, de onze. Como julgá-los pelo mesmo estalão? Sem duvida, a idade é já uma indicação, mas insufficiente. E' preciso ter em conta outros factores. Vejamos, em primeiro lugar, as

Condições physicas

Como observa Augé, o interesse immediato do alumno é, evidentemente, collocar-se em condições materiaes que lhe per-

mittam trabalhar sem desperdicio de energias. Tenhamos este principio como fundamental e afastemos das escolas tudo que represente impropriedade, incommodidade ou perturbação para a criança. A esse respeito, ha cuidados physicos imprescindiveis, e que abaixo se discriminam.

a) *Visão*.

Nem todos os meninos são dotados de olhos de lynce. Ha os que já vão para a escola com um começo de myopia e ha os que lá dentro adquirem esse começo. E desgraçadamente a percentagem dos alumnos myopes é cada vez maior á proporção que avançamos na gradação escolar. Conclusão: a escola é em grande parte responsavel por essa perturbação visual. Responsabilidade que se torna mais grave quando se considera que esta e outras perturbações visuaes é que produzem o atrazo nos estudos, e que o retardado escolar muitas vezes não é senão um anormal de visão.

A generalidade dos professores ainda não meditou nisso, e muitas vezes castigam severamente o pobre garoto que, enxergando mal, lê com difficuldade as palavras do quadro negro ou as copia irregularmente no papel. Esse garoto, diz Binet, não merece castigo, merece um bom par de oculos.

Um bom par de oculos e um lugar proximo ao quadro negro, —eis a verdade.

E' natural que se pergunte: Como saber que o alumno soffre da vista se, em geral, elle não se queixa, não confessa e mesmo não sabe que soffre da vista? Simplesmente com um pouco de attenção e bôa vontade. Não se exige do professor que elle tenha conhecimentos especiaes de oculismo. A chamada *parte pedagogica* do exame de vista é bem simples, e acreditamos que não ha professor nenhum que não seja capaz de executá-la: consiste em medir com precisão a acuidade visual do alumno, fazendo com que elle leia, á distancia, algumas letras de tamanho determinado. Considerar-se-á dono de uma visão normal o alumno que, a uma distancia de 5 metros, ler correctamente 3 letras sobre 7, tendo cada uma dessas letras 7 millimetros de altura.

Para esse exame emprega-se uma folha de papel (escala optometrica) contendo caracteres de impressão de tamanhos differentes; *caracteres* e não *palavras*, porque estas podem apresentar um aspecto já familiar á criança, que assim advinhará as letras em vez de ler. Opera-se de preferencia ao ar livre, em hora de luz intensa (das 10 ás 14 horas), suspendendo a escala contra uma parede, á altura dos olhos.

—E se o menino não souber ler?

Se o menino não souber ler, usaremos de outros artificios: mostrar-lhe-emos, nas mesmas condições, uma circumferencia,

um quadrado, uma cruz de 21 millimetros de altura - e a classificação está feita.

Como se vê, não é necessario muita habilidade para verificar se uma criança tem ou não vista perfeita. Será necessario, talvez, apenas, um pouco de tacto, para encorajar o alumno, sem que esse encorajamento importe em auxilio para a leitura, que deve ser absolutamente espontanea.

Terminada a prova, o professor dispõe de elementos para dar ao alumno uma collocação conveniente na sala de estudos. Os lugares proximos ao quadro negro são naturalmente indicados para os que apresentarem qualquer anomalia de visão.

O bom professor, porém, não ficará ahi. Elle cuidará tambem das *condições de illuminação* da sua aula. Tratará de evitar que os alumnos adquiram ou cultivem maus habitos de visão. Escreverá sempre com letras graúdas no quadro negro. O quadro negro, como os mappas e quadros muraes, não deve apresentar uma superficie brilhante, que offenda os olhos infantis. Por ultimo, interessar-se-á para que as leituras escolares sejam feitas em livros bem impressos, com typos de 1 1/2 millimetros de altura e entrelinhas de 2 1/2 millimetros... Mas isto é outra cantiga, e diz respeito antes aos senhores editores.

b) *Audição*

Nem todos os alumnos ouvem bem. A julgar por certas estatisticas alarmantes, é até extraordinario o numero dos que apresentam um defeito qualquer de audição. Os completamente surdos são raros, como raros os que dispõem de uma vista perfeita. Entre os dois extremos, porém, ha lugar de sobra para os meio-surdos e os *duros de ouvido*, estes muito frequentes A surdez parcial é outra causa de atrazo nos estudos, e certas observações nos autorizam a affirmar que o alumno que não consegue ouvir algumas palavras cochichadas a 1 metro de distancia é mais atrazado do que aquelle que ouve essas mesmas palavras a 3 ou 4 metros.

Cumpre, pois, medir a acuidade auditiva da criança, para lhe dar na aula um lugar que lhe permitta escutar sem esforço a palavra do professor. Os processos adoptados para isso não são complicados, mas infelizmente tambem não são perfeitos. Os excitantes empregados—a voz humana e o relogio—só nos permittem conclusões incompletas.

Uma experiencia commum é a que manda reunir uma ou duas dezenas de alumnos num saguão, a dez metros de distancia do professor; este pronuncia 40 palavras, que os alumnos escreverão da maneira que puderem. Far-se-á a classificação de accordo com o numero de erros commettidos. Experiencia pouco satisfactoria, porque depende tanto do ouvido do alumno como da voz

do professor, e a voz humana varia quasi que ao infinito; varia, mesmo, em cada pessoa, de um momento para o outro.

O processo do relogio é talvez mais exacto. Tapando os olhos da criança com um lenço, perguntamos-lhe se está ouvindo o tic-tac do nosso relogio de algibeira, que ora é afastado ora é approximado delle; no solo, uma linha graduada que se teve o cuidado de traçar previamente marcará a maior ou menor distancia em que nos collocamos e em que a criança percebe o tic-tac. Algumas chegam a percebê-lo a 6 metros; outras não o distinguem nem a 25 centimetros. A media normal de audição, um pouco arbitraria, é de dois metros. Deve-se operar com cuidado, sem fazer barulho algum, e, de vez em quando, guardando-se o relogio no bolso, o que lhe abafa o rumor, repetir a pergunta: Está ouvindo?—para verificar se o alumno é victima de uma suggestão, julgando ouvir uma cousa que realmente não escuta.

Nem sempre, porém, esse exame é util para o fim que temos em vista. O alumno pode ouvir bem o tic-tac e mal a voz do professor, e vice-versa. Em todo caso, como diz Binet, antes uma medida deficiente do que a ausencia de qualquer medida: empregando-a, podemos commetter erros; não a empregando, erraremos mais ainda.

Concluindo: se o alumno ouve mal, deve, como o seu companheiro myope, assentar-se nos lugares da frente.

Por sua vez compete ao professor pronunciar bem as palavras, dar-lhes a intensidade requerida pelas condições da sala e dos alumnos, e sobretudo cuidar da nitidez da articulação (a nitidez importa mais que o volume).

Sua acção não ficará ahi: estudará tambem a voz dos alumnos, que em geral articulam imperfeitamente, e desse estudo colherá elementos para regular a distancia entre a sua mesa e as carteiras.

c) Estatura

A estatura constitue tambem um dado de classificação, embora dos mais elementares Parece desnecessario lembrar que, *em principio*, as crianças mais altas occuparão o fundo da sala, reservando-se os primeiros lugares para os menores. Isto porem não quer dizer que se releguem para os cantos mais afastados os meninos já crescidos, que apresentem anomalias de visão ou audição ou outras quaesquer que a seguir annotaremos.

CONDIÇÕES INTELLECTUAES

Para uma bôa classificação em aula é preciso ainda ter em conta as aptidões intellectuaes dos alumnos. O assumpto é deli-

cado e comporta um desenvolvimento que escapa ao objectivo restricto destas linhas Notaremos apenas que a observação continua do trabalho escolar e a applicação methodica de tests de intelligencia permittirão ao professor sagaz melhorar constantemente, revendo-o, o quadro de collocação dos seus alumnos.

Condições moraes

Por ultimo, mas não secundariamente, as condições moraes. São varias as indicações dessa natureza que devem estar presentes ao espirito do professor, no acto da classificação para effeito do agrupamento em aula.

A primeira é que todo alumno que necessite vigilancia especial precisa estar o mais perto possivel do professor. Para os indisciplinados, os desattentos, os retardados, como faz notar Augé, a acção do mestre está na razão inversa da distancia: quanto mais longe, menos escutado e obedecido. Nada de exaggeros, comtudo. Collocar invariavelmente esses alumnos em primeiro plano importa, ás vezes, em desattender ás indicações de ordem physica e intellectual já apontadas.

Como em uma bôa escola moderna o professor não é mais aquelle sujeito impassivel que monologava do alto da cathedra, e sim um companheiro mais velho, que circula entre os bancos, attento, solicito e encorajador, a vigilancia poderá ser exercida sem que se subvertam os principios geraes de classificação. O professor irá para perto do alumno, o que é a mesma coisa que mandar o alumno para perto do professor.

Outra precaução acertada será a de afastar uns dos outros os alumnos de caracter e aptidões identicas, e consequentemente approximar os de aptidões e caracter dissemelhantes. Ao lado do turbulento João, assentemos o doce e timido Manoel, que com seu exemplo abrandará o outro. Para o desageitado Francisco não ha companheiro melhor que o industrioso Vicente. Jorge fala pelos cotovelos, ao passo que Eduardo quasi não abre a bocca; os dois no mesmo banco farão uma sociedade razoavel; e se me disserem que Eduardo póde se transformar num papagaio, devido á lição de Jorge, eu objectarei que Jorge tambem poderá refrear a sua loquacidade, graças á mudez de Eduardo; o mais provavel, porém, é que não aconteça nenhuma dessas coisas extremas, e sim que a influencia de um tempere a influencia do outro, de sorte que os dois só tenham a lucrar com a approximação.

Como o anterior, este criterio não deve ser obedecido cegamente, o que nos levaria a dividir a classe em parelhas; é uma simples indicação, de que cada professor se aproveitará como lhe parecer mais conveniente.

Terceira e ultima recommendação, para terminar este cavaco: isolar os alumnos (felizmente raros) cujo convivio seja prejudicial aos collegas sob o ponto de vista moral. Mas sem escandalo. Agir com prudencia e discreção. A parte sã não deve ser contaminada; mas não exterminemos impiedosamente a parte enferma...

COMO SE FAZ UMA EXCURSÃO

I.—Para explicar como se deve fazer uma bôa excursão, é preciso explicar o que é uma excursão. E' uma coisa muito simples: é uma aula como as outras. Com uma unica differença: é uma aula melhor.

Em vez de quatro paredes abafadoras, a aula se realiza ao ar livre, em condições muito melhores de se ouvir e de se comprehender o que se diz. Se se quer explicar o que é um rio e como corre irregularmente sobre a terra, não se traça no quadro negro um risco sinuoso ou não se mostra no mappa: mostra-se na natureza, tal qual elle é.

As lições de coisas, taes quaes se dão entre nós, não são lições de coisas: são lições de figuras, quando não lições de palavras.

Mostrar no quadro um gato para lhe descrever a figura, numa terra em que ha gatos ás duzias, é o cumulo. E' necessario ligar o livro á vida, fazer com que a criança observe a vida e leia o livro, procurando compará-los e combiná-los.

PREPARAÇÃO

II—E', portanto, uma aula e, para produzir bons resultados, tem necessidade de ser preparada. O ideal seria que o professor désse apenas uma aula e sobre só uma materia. Mas, como se deve aproveitar a circumstancia, podem-se dar varias aulas, as aulas do dia, afinal, devendo o professor preparar-se sobre os pontos que vae ensinar e prever mais ou menos as perguntas que se lhe farão.

Antes de sair, deve dividir a classe em varios grupos de 3, 4, 5 ou 6 alumnos e determinar para cada grupo a observação de certas particularidades: Vocês da primeira turma observarão os passarinhos que encontrarmos; Vocês da segunda turma observarão o rio e os accidentes geographicos que tiver; Vocês observarão as arvores que vegetam á beira do rio; Vocês observarão a collina, a orientação, a fórma, as culturas, o pico; Vocês observarão os companheiros e contarão tudo o que elles fizerem...

Horario

III — Poem-se sempre difficuldades na realização de excursões, dizendo-se que o horario escolar não as comporta e que fazel-as é prejudicar as outras aulas.

O argumento final nada vale, como explicaremos adiante, e quanto ao horario vamos agora discutir. Em primeiro lugar, não é nescessario ir ao fim do mundo para fazer uma excursão. A visita a um parque é uma excursão A visita a uma fabrica, a observação de um edificio em construcção, a observação de um rio, de uma tempestade, de um jardim e todas as aulas, afinal, que se não dão no edificio escolar, são para nós uma excursão.

Em segundo lugar, nos grupos em que ha dois ou mais turnos, podem ser marcadas para as crianças do primeiro turno excursões que se effectuem na hora de funccionamento do segundo turno e vice-versa.

Em terceiro lugar, dentro do horario ordinario se podem fazer pequenas excursões fructuosas, dando-se as aulas num ambiente melhor e com excellente material de ensino.

Varias aulas

IV — Perfeitamente. A excursão não pode ser apenas uma aula de geographia ou de noções de coisas. Todas as materias podem ser ensinadas em excursões e de maneira inexcedivel. Sinão vejamos.

Quanto á *geographia*, não póde haver duvida. O conhecimento dos accidentes naturaes, o conhecimento do lugar em que se vive, as montanhas, os rios, as campinas, a geographia economica, as industrias, as culturas, os edificios publicos, a organização social e politica, tudo pode ser ensinado e de modo concreto.

Mesmo o estudo de regiões estranhas, que o olhar do alumno não abrange, pode ser feito ao ar livre, porque, á falta de mappa, nada impede que se tracem no chão esboços de mappas e que se explique aos alumnos o que se quer.

Não se esqueçam disto: o unico meio de se aprender geographia bem é este. E' ir ao campo aberto, mostrar os varios accidentes geographicos, fazer com que os alumnos os observem e conheçam. Pouco importa que saibam ou não definí-los.

Uma vez um pequeno me disse:

— Eu sei o que é cabo.

— Que é? perguntei-lhe.

— E' um braço de terra que avança para o mar.

E logo accrescentou:

— Avança mesmo? Mas porque é que elle avança para o mar? Quer brigar?

Estavamos á beira de um corrego. Apontei-lhe um trecho de terra *avançando* para a agua. Dentro de poucos minutos, o garoto *via* um cabo, uma bahia, uma ilha, um isthmo, um estreito...

Quanto á *arithmetica* e ao *calculo mental*, muitas opportunidades se offerecem através das excursões para se ensinarem. Se se trata de classes elementares, ha no campo arvores, pedras, passaros, os mais variados objectos para serem contados. Se se trata de classes mais adiantadas, muitos problemas podem ser resolvidos, de modo interessante. O que é necessario é que o professor não os queira inventar na hora, porque nada feito na hora pode servir. Difficilmente se improvisa uma bôa coisa.

O mesmo se pode dizer relativamente á *geometria*, com a observação das fórmas, medidas de dimensão das coisas, distancia, altura de arvores, peso.

O *canto*, a *marcha rithmada*, através dos campos ou sob as arvores — não são prejudicados de fórma alguma.

O *desenho*, o *trabalho manual*, a *modelagem* são os resultados mais normaes e fataes desses passeios. O alumno poderá trazer de suas caminhadas uma serie de esboços, que completará e desenvolverá na aula. A preoccupação de desenhar provocar-lhe-á observação minudenciosa e demorada.

«Fixa-se, diz um autor, a physionomia de uma planta que seduziu por seu esplendor, sua fórma gracil. Utilizar-se-á esse *croquis*, em aula, para uma composição decorativa. Della far-se-á objecto de uma lição de modelagem, seja um ninho com os seus ovos, seja um lagarto, um insecto pequenino, uma borboleta de azas iriadas. A realidade que os inspira dará poderoso interesse a esses trabalhos».

Quanto ás *lições de coisas*, quasi estou a dizer que sómente em um ambiente natural é que se podem ensinar perfeitamente. Não nos illudamos com os quadros, com as figuras, com as imagens. São *enfeites* de parede. Que se dirá de uma pessôa que, tendo um amigo perto, em vez de o contemplar, passe a contemplar-lhe e a observar-lhe o retrato?

Aquelles professores que, tendo opportunidade de mostrar as coisas reaes, se contentam em mostrar a seus alumnos apenas as imagens — nada mais fazem do que isso. Querem ensinar o que é uma arvore? Em vez de mostrá-la, em sua belleza e em sua realidade, mostram-lhe a sombra morta e inexpressiva. Não dão lições de coisas: dão lições de figuras de coisas.

Ora, uma excursão ministra material abundante e variado ás observações dos alumnos: o terreno com os seus accidentes, os

animaes, as aves, as culturas, as estradas, os vehiculos, o trabalho dos homens, os sons, as côres, os perfumes, os vegetaes, os mineraes, as producções naturaes e manufacturadas, as raças humanas, as condições de vida, a organização social, a historia. Emfim: só nas excursões é que se podem dar verdadeiras aulas activas.

«Assim, continúa o autor que acima citamos, a natureza não apparece mais como opposta ao livro, mas se revela como em contacto estreito, permanente com o homem. Assim se explica e se justifica a adaptação do ensino ao meio, tão efficaz na formação intellectual e moral de nossos alumnos».

Quanto á *educação physica*, haverá algum entendimento humano capaz de pôr em duvida os beneficios da excursão e de affirmar que durante ella não se podem realizar os exercicios, mesmo os regulares?

Agora, e isso queremos salientar, resta-nos falar da *linguagem*. Não ha melhor exercicio de linguagem do que os decorrentes das excursões. Em primeiro logar, os meninos agem, observam, aprendem. Viram, repararam, discutiram. Vistas as coisas, vão fazer um *relatorio* do que viram. Repetimos: não ha melhor exercicio. Aprendem, assim, a dizer *coisas* que observaram e dizê-las com propriedade de vocabulario, com precisão. Taes exercicios devem ser, primeiro, oraes. O professor mandará que um alumno fale sobre este, outro sobre aquelle ponto observado. O material colhido e observado em excursão, isto é, o material mental servirá de objecto de varias lições e por varios dias.

Antes de se ensinar a dizer, deve-se ensinar o que se ha-de dizer. E' possivel tirar-se agua de uma vasilha em que nada se pôs? Como se ha-de tirar uma composição sobre coisas que um alumno não observou?

Collecção

V — Sabido que as crianças gostam de colleccionar, deve o professor aproveitar-se dessa tendencia para os seus fins. Uma collecção de sellos é um excellente curso de geographia, de historia e de noticias uteis de coisas contemporaneas. Ora, uma excursão offerece muitas coisas para serem recolhidas. Um autor recommenda que os meninos devem ter uma sacola, um martello e folhas de papel para embrulhar as pedras, os insectos, os pedaços de madeira, que devem ser na escola devidamente organizados.

Os alumnos preparam assim o material escolar. Esse só tem valor quando preparado pelos alumnos. Por isso aconselha-se que não se deixe para os outros annos o material.

Um programma

VI—E' preciso estabelecer-se, com cuidado, um programma, de accordo com o meio e com as materias a serem ensinadas. O professor deve determinar os pontos geraes em que lhe compete fazer o alumno reparar.

Exemplos: em primeiro lugar, um olhar geral sobre a região; em segundo lugar, o acompanhamento do curso de um rio; em terceiro lugar, a observação dos bosques; em quarto lugar, as vias de communicação e os meios de transporte, etc., etc.

O ideal do ensino moderno seria este: os alumnos vêem, com os seus olhos, ouvem, com os seus ouvidos, pegam, com as suas mãos, applicam, afinal, todos os sentidos o tomam conhecimento directo dos seres e dos phenomenos. Observam, discutem, fazem esboços, recolhem material e na aula fazem relatorio do que viram e fizeram, para melhor fixação. A aula não passaria de um lugar de descanso, em que se pudesse recordar, com serenidade, o que se apprehendeu mediante a boa applicação dos sentidos.

Relatorio

VII—Voltemos a repisar sobre o relatorio: é uma narração geral do que se viu e ouviu. Expõe methodicamente, na sua successão natural, a serie de factos de que se compõe o passeio. Pode comprehender varios trabalhos: a descripção do bosque, do rio, do caminho, etc., e a narração do que succedeu no caminho, os pequenos episodios que a miude se verificam em taes passeios, etc.

O professor deve exigir precisão na recordação das coisas observadas, minucia, propriedade no exprimir-se. O relatorio pode ser e deve ser acompanhado de desenhos, de mappas, de esboços, de tudo quanto, afinal, sirva para expressar o pensamento dos alumnos.

Em resumo: Não omittir nada e exprimir-se com clareza e exactidão.

Antes de escrever e no proprio ambiente, devem os alumnos expor o que observaram. O professor é um mero guia e deve, quando muito, suggerir particularidades dignas de observação, que não foram reparadas pelos alumnos.

Fim civico

VIII—«Cumpre sahir fóra da escola, assevera Augé. Esse contacto com a realidade favorece *a preparação da criança para a vida que a espera, depois que sahir da escola para sempre.* Bem

ver o meio em que se vive equivale a bem conhecê-lo. Mostrá-lo é pois fazer amá-lo e despertar o desejo de nelle se fixar, vivificando na alma infantil as influencias latentes depositadas pela serie de gerações que viveram sobre o mesmo rincão de terra. Para que a criança ame a sua terra, «não é pois, necessario que observe o desenvolvimento de seus officios, de suas artes, o conhecimento de sua historia, o sentimento, emfim, das relações tenazmente estabelecidas, o pacto de alliança lentamente concluido entre a terra e as gerações que ali quizeram viver e que a ella se adaptaram?»

O PAPEL DO MESTRE

IX—O professor apenas vigia, orienta e indica. Trata de estimular o interesse dos alumnos e de chamar-lhes a attenção sobre este ou aquelle ponto natural, que lhes tenha escapado. Acostuma-os á observação, leva-os a comparar, a discutir, a generalizar e a coodernar as suas impressões.

A criança é a principio mero espectador. Fica á espera do primeiro incidente que lhe roube os sentidos. Borboleteia daqui e dali, sem pouso fixo. E' preciso acostumá-la a dominar os sentidos e o concentrá-los em pontos determinados.

O professor deve fazer com que os alumnos observem as coisas essenciaes e fugir ás miuçalhas inuteis. Os detalhes caracteristicos talvez desappareçam na multidão de coisas que o mestre propina aos alumnos. «Dizer tudo, ensina Anatole France, equivale a dizer nada e mostrar tudo equivale a fazer ver coisa alguma».

OS RESULTADOS

X—São os seguintes os resultados mais notaveis das excursões:

1.°) Os sentidos se desenvolvem, com os varios exercicios que se lhe offerecem. A avaliação das distancias, a direcção e intensidade dos sons, o tacto dos objectos mais diversos, comparações de sabor (fructas e plantas), a distincção das côres, o reconhecimento dos perfumes, etc.

2.°) A technica *geographica,* que só se pode adquirir vendo os accidentes; as informações uteis referentes a todas as materias; material e assumpto para *desenho, trabalho manual e modelagem.*

FIM DA ESCOLA

XI—Aproveitemos, por conseguinte, todas as occasiões que se nos abrirem para sairmos das paredes de nossa escola e dar-

mos, ao ar livre, uma caminhada educativa. Preparemos com cuidado o passeio e tratemos de estudar não as respostas das perguntas que nós mesmos vamos fazer, mas as respostas das perguntas que os alumnos nos farão sobre os mais diversos assumptos. Organizemos o passeio com methodo, determinando, se possivel, um horario e um espaço, afim de que os alumnos saibam o dia e a hora.

Não encaremos a excursão como um passeio ou um divertimento, mas como uma aula, como qualquer outra, sinão como a melhor das aulas.

Só assim vingaremos tirar da escola esses trapos antigos que ainda a envolvem: o formalismo, a decoração pavorosa, a disciplina feroz que só serve para criar hypocritas e covardes

Se as crianças perderem o tempo no passeio, em nada se prejudicam: prejudicar-se iam mais se tivessem ficado na escola, recebendo á força noções que esquecerão depois de amanhã e perdendo o ensejo de se pôrem em contacto com a natureza creadora e sapientissima.

Fóra da escola, pois, ou antes para dentro da escola, pois que a realidade é a unica escola capaz de nos ensinar, ao passo que a escola de quatro paredes é uma especie de prisão, que irrita, coage, falsifica, enferma e amargura as almas das crianças...

CURSO DE AGUA

(Aula de geographia, dada em excursão escolar)

Conduzir os alumnos, em passeio, até o curso de agua das vizinhanças da séde escolar. Dizer o seu nome, se elle o tem, ou dar-lhe um no caso contrario. De onde vem? Para sabê-lo, orientar-se pelo sol. Para onde vae? Para o Norte? Para o Sul? Vae juntar-se a um outro riacho; o lugar dessa juncção se chama *confluencia*. O lugar onde o rio nasce é mais alto do que esse? Quantos metros? E' a *cabeceira*. Conhecendo-se a extensão do rio, a altitude do lugar em que nasce (altitude é a elevação do terreno em relação ao nivel do mar) e a altitude da confluencia, podemos achar o declive. Se, por exemplo, tem elle 20 kilometros de comprimento, e ha 40 metros de differença de altitude entre a nascente e a confluencia, o declive medio é de 20 centimetros para cada 100 metros. Concretizar, mostrando em uma vara collocada verticalmente o que são 20 centimetros, ou seja a altura que a agua desce cada cem metros.

Affluentes—Os outros corregos que se vêm lançar neste, são *affluentes*. Traçar no quadro negro o rio principal da região e seus affluentes, com os nomes das localidades e principaes pontes existentes ao longo do seu curso.

Desçamos o rio até a sua foz (o logar em que elle desagua em outro rio ou no mar). De cada lado do leito, temos as *margens* (distinguir a margem direita da esquerda). Em cada margem vicejam arvores que gostam de agua: *ingá*, *caixeta*, *oleo*, *pinho*, etc.

Qual é a largura do rio? Que fazem os homens para atravessar um rio com facilidade?

Pontes — As pontes são mantidas por arcos Se o rio é muito largo — 100 ou 200 metros, — a construcção da ponte torna-se cara e difficil. Aproveita-se o estreitamento do leito entre rochedos ou, então, que o leito se biparta em braços, formando uma ilha, para que nella se assentem pilares que sustenham os

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

arcos. Sobre a ponte passam pedestres, carros e autos. Nas proximidades do rio os commerciantes se installam e é assim que se forma um arraial e mesmo uma cidade.

O leito—Observemos bem onde corre o maior volume d'agua do rio. Raramente será no meio do leito. Notar os seus zig-zags.

No logar onde a agua se concentra — *margem concava* — ella carcome, arrasta a terra, desenraiza arvores; no lado opposto, onde a agua parece dormir, e deposita areia fina, a margem avança para o meio do leito — é a *margem convexa* Forma-se então um cotovelo, o rio desenha um S: eis um *meandro*.

Utilização da corrente — Que vemos de cada lado do rio?

Campos irrigados e fertilizados por suas aguas, moinhos que utilizam a força da corrente; por vezes, usinas cujas turbinas movimentam dynamos que fornecem electricidade.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Sua efficiencia e a professora

A efficiencia da educação physica pode ser, *de visu*, cotada em uma só classe, pelos resultados physiologicos, observados através do methodo empregado na successão, progressão, dosagem e qualidade dos exercicios ministrados, e pelo quanto de agradavel foi o trabalho á natureza folgazã da criança.

No primeiro caso, a professora revela os seus conhecimentos technicos na organização das series de calisthenia, selecção e distribuição das actividades de uma aula completa, pelos seus valores qualificativos e quantitativos. No segundo, revela tambem a sua personalidade profissional Se observamos que os alumnos, ao regressarem da aula de educação physica, trazem a physionomia alegre, de quem teve um verdadeiro momento de recreação, o trabalho contribuiu, no minimo, para descongestionar o cerebro, com saudavel uniformização das correntes de irrigação sanguinea por todo o corpo; se, ao contrario, trazem a cabeça baixa, olhar vago e passo frouxo, os exercicios sortiram effeitos contraproducentes, a serem classificados nos casos seguintes: ou a dosagem do trabalho muscular foi excessiva e addicionou á fadiga intellectual a fadiga physica, ou o comportamento exigido foi tão parecido com o indispensavel aos trabalhos mentaes, que não houve opportunidade para o avivamento do espirito dos alumnos, abatido pelas horas de trabalho sedentario nas salas de aulas e continuado esforço intellectual, contrarios á natureza dynamica da criança.

O exito do trabalho depende, pois, em grande parte, senão na sua totalidade, do cabedal technico de que faz uso a professora; dos seus conhecimentos da natureza da criança através das suas observações e experiencias pessoaes e dos ensinamentos theoricos collimados pela psychologia pedagogica moderna Estes conhecimentos não prescindem do auxilio uns dos outros, tanto assim que, muitas vezes, na pratica, por circumstancias futeis, vemos a ausencia de uns cancellar da nossa intelligencia os recursos dos outros.

VALORES DAS ACTIVIDADES — COMO USÁ-LOS

Uma aula de educação physica divide-se em duas partes fundamentaes, que são: primeira, actividades *artificiaes*, representadas pela gymnastica, cuja base é a calisthenia, constituida de movimentos symetricos e que exige posições controladas e disciplinadas pela vontade;segunda, actividades *naturaes*, representadas pelos jogos e assim chamadas porque interessam aos instinctos. Dentre as actividades artificiaes, destaca-se a calisthenia para o uso nas escolas por ter um caracter suave, adequado ás condições da criança. Seu papel na escola é triplice. Primeiro, *preventiva*, porque prepara o physico da criança para resistir aos prejuizos da vida sedentaria escolar, e porque estimula todo o desenvolvimento organico normal. Segundo, *correctiva*, porque corrige os defeitos orthopedicos adquiridos, minora os que são congenitos, regulariza as funcções physiologicas, fortalecendo e ampliando o thorax, activando a circulação, e facilitando a eliminação residual. Terceiro, *disciplinadora*, porque aperfeiçôa a coordenação neuro-muscular, permittindo aos musculos prompta obediencia ás solicitações emanadas dos centros nervosos.

A calisthenia attinge em seus exercicios todos os musculos do corpo, dando ao seu dono verdadeiro dominio sobre elles. Ao mesmo tempo contribue para o avivamento das reacções mentaes. augmentando a capacidade para a attenção e fazendo do corpo um «instrumento são e efficiente da mente».

A calisthenia não é, pois, recreação, é trabalho. Pode e deve ser agradavel e proporcionar attractivos, mas isso depende unicamente da professora.

No tocante aos jogos, actividades naturaes, nos quaes a criança deve sentir-se completamente livre para a exteriorização e dramatização das suas emoções, a professora agirá com conhecimento de causa, desde que evite os exaggeros, sem prejuizo da alegria, bem como aproveitando as opportunidades que a todo o momento se offerecem para moldar os instinctos da criança, que explodem nos jogos, taes como o são, com todos os seus caracteristicos de tendencias e de moral ethnicas aos fins propostos pelos ideaes da ethica da civilização christã.

Os jogos, com especialidade os de competição, têm essa propriedade exclusiva no dominio dos recursos educativos; collocam a criança em situação de dar, objectivamente, sahida aos seus sentimentos caracteristicos dos periodos de desenvolvimento por que está passando, periodos estes que revivem as formas avoengas, fazendo-a atravessar, necessariamente todas as phases da evolução psychica da humanidade, por assim dizer desde a *elvagem*.

Nos moldes da reforma actual, em que a escola se torna um complemento do lar, assistindo como deve a criança nas tres faces do triangulo que delimitam a personalidade de um perfeito individuo— mente, corpo e alma; mente, pelos methodos mais modernos de «cerebração»; corpo, proporcionando assistencia medico-dentaria e educação physica; alma, facultando o ensino religioso nas escolas, a professora—de educação physica deve esforçar-se por não querer ver seus alumnos através da idéa unilateral de que não são mais que simples alumnos de gymnastica, e sim, seres de vida tão ampla como a sua, que alem do physico têm uma alma e uma mente em cultivo e, por conseguinte, submettidos, como nós o somos, a todas as influencias que nos rodeiam.

Assim, pois, pelas razões de ordem psychologica, tanto quanto as de ordem biologica, conhecidas desde os tempos florescentes da velha Hellade, é que um programma de educação physica, preparado com todo o criterio scientifico, e ministrado sob as mesmas bases, estimulará as manifestações instinctivas da criança que, muitas vezes, por serem coagidas a permanecer em estado latente, nas epocas em que devem ter sahida e serem orientadas, mais tarde, na vida adulta, explodem desvirtuadas em paixões e actos perniciosos ao proprio individuo e á sociedade de que é parte.

SUGGESTÕES E METHODOS

A attitude da professora em presença da classe deve ser insinuante e encorajadora, isto é, deve mover-se sem desalinho, dirigir-se á classe em voz clara, firme, e em tom convincente. Deve evitar, o quanto possivel, as demonstrações de impaciencia, sob pena de não alcançar a sympathia, o enthusiasmo e a disciplina dos seus alumnos. A disciplina na educação physica, conseguida por outro processo que não seja o da accommodação expontanea da creança ao meio ambiente intelligentemente preparado pela professora, será de qualidade ficticia e, sobre tornar a classe mecanica, o seu valor physiologico fica diminuido.

Nas correcções das faltas, se estas são geraes, a professora deverá reflectir sobre duas hypothesis provaveis: ou a sua descripção e demonstração do movimento não estavam ao alcance da comprehensão da classe, ou o que está ensinando fica alem da capacidade do desenvolvimento neuro-muscular até ali alcançado pelos alumnos. Em qualquer dos casos previstos a professora não deverá hesitar em repetir a explicação, com mais pormenores, acompanhada de novas e minuciosas demonstrações.

Se, ainda assim, persistirem as difficuldades, o unico meio a seguir será decompor o grupo de movimentos em suas parts

ensinar uma por uma, depois a passagem de uma parte para outra, até que seja possivel a execução completa do exercicio. Sendo o erro commettido por poucos, a professora deverá approximar-se destes e fazer que repitam os movimentos, até torná-los certos. Em alguns casos a difficuldade será tal que uma lição especial se faz necessaria, dada em alguns minutos immediatamente depois da classe terminada. Nunca, sob pretexto algum, tentar esse trabalho com a classe toda em forma. O resultado será nullo, e impacientará a maioria que espera pela continuação do trabalho.

Não se deve, tambem, chamar de longe a attenção do alumno que erra, destacando-o, assim, como um réo, nem citar elogiosamente a habilidade de uns em detrimento de outros. Este processo, longe de favorecer a intenção do ensino, prejudica-o, contribuindo ainda para a incentivação de injustificaveis complexos de superioridade a uns, inferioridades a outros e consequente despeito entre collegas. As correcções devem ser feitas á distancia quando forem impessoaes, isto é, quando interessarem a muitos, e directamente, mas não á distancia, quando interessarem a poucos.

A professora deverá conservar-se calma, porém activa, e não regatear suas expansões de jubilo quando os esforços dos seus alumnos, em attenção ao seu appello, forem coroados do melhor exito. Animando a cada um a render o maximo de esforço, não terá a pretenção vã e absurda de que todos cheguem em igual tempo a um mesmo nivel de perfeição. Fóra da classe tanto quanto nella, cultivará a sympathia dos seus alumnos, afim de penetrar na intimidade psychica de cada um, e assim poder moderar os que vibram e sentem com excessiva intensidade, e despertar o indolente e apathico para uma vida mais calida e expansiva.

R. ELOY DE ANDRADE

Inspector de Educação Physica

NOÇÕES DE COISAS

O THERMOMETRO

Material: Um thermometro de alcool, uma lampada de alcool, uma caçarola, gelo e agua

I) OBSERVAÇOES SOBRE A TEMPERATURA.—Ponha a mão sobre a mesa ou sobre a porta. Toque agora nesse pedaço de gelo. Qual desses corpos lhe parece mais frio? O gelo é mais frio que a madeira. Toquem no fogareiro. E' quente. Conclusão: ao tocar um corpo, percebemos se elle está frio ou quente.

A essa sensação de frio ou de calor dá-se o nome de *temperatura*. Em vez de dizer «tal corpo está quente» diremos que «está em temperatura elevada».

Que diremos para exprimir que o gelo é frio? Que elle está a uma temperatura baixa. E que devemos fazer para elevar a temperatura de um corpo? Aquecê-lo.

Lá fóra o ar está frio, está em baixa temperatura. Na aula está agradavel, porque? Porque está aquecido, a temperatura é mais elevada.

Passe a mão sobre a sua roupa; o seu corpo está quente, tem uma temperatura mais alta que a do ar ambiente. Ha um instrumento que serve para medir a temperatura dos corpos; é o *thermometro*.

II) OBSERVEMOS O THERMOMETRO.—De que se compõe o thermometro? De um tubo de vidro fixado numa prancheta. Observemos o tubo: é redondo. Olhemos as extremidades: ao alto, o tubo é fechado; em baixo, tem uma bola. Que veem vocês nessa bola e numa parte do tubo? Um liquido vermelho. E' alcool colorido. Porque motivo o tubo está preso a uma prancheta? Porque é muito fragil. Observemos a prancheta. De que é feita? De madeira. Porque ha essa especie de tela na frente da bola do tubo? Para protegê-la contra choques. Que veem na prancheta? Divisões traçadas e numeros escriptos. Onde

foi que já viram divisões semelhantes? Na regua e no metro. A essas divisões dá-se o nome de *graduações*. Leiam os numeros: 0-10-20-30. Abaixo de zero: 0-10-20.

Reflictamos e comparemos. Que exprimem os numeros inscriptos na regua? Centimetros. Pois os numeros da prancheta designam *graus*. Os graus servem para exprimir a temperatura, assim como os centimetros exprimem o comprimento. Leiam novamente a graduação: —10 graus, 20 graus acima de 0; 10 graus, 20 graus abaixo de 0.

III) Uso do thermometro.—Se bafejarem o thermometro, que acontecerá? O liquido sobe, perto de uma das divisões. Parem de bafejar: ao cabo de um instante, o alcool desce. Expliquemos: Porque o liquido subiu? Porque o ar soprado era quente. Porque desce? Cessado o sôpro, o thermometro se resfria, annunciando uma temperatura menos elevada.

Experimentemos: Que faz você para tomar a temperatura dessa agua? Mergulho nella o thermometro. E que observa? Que o alcool desce. Quando se deve lêr o numero de graus? Quando o alcool estiver visivelmente parado. Leia a graduação: X graus. Qual é a temperatura da agua? X graus. Aqueçamos a agua. Paremos de aquecê-la e tomemos a temperatura.

Ponhamos o thermometro no gelo em dissolução. Qual é a temperatura? Zero grau. Zero grau é pois a temperatura do gelo que se funde.

Quando o ar está a 0 grau, a agua congela-se. Pode haver temperaturas mais baixas que 0. Exprimimo-las, então, pela graduação correspondente, ajuntando: abaixo de zero.

Mandar um alumno tomar a temperatura do exterior. Fazer observar qual a temperatura da aula. Seria agradavel uma aula muito quente? E muito fría? A temperatura desejavel é a de 15 a 18 graus.

V) Desenho.—Desenhar o thermometro.

DILATAÇÃO DOS LIQUIDOS

(3.° e 4.° anno)

Material: Um balão ou frasco preparado como o indica a figura thermometro de alcool, de mercurio e medico; gelo e um balde d'agua

I) Dilatação e contracção dos liquidos.—Observemos: Que acontece quando a mamãe esquece no fogo uma caçarola heia d'agua até os bordos? A agua ferve e transborda. E porque que transborda? Porque augmentou de volume. *Dilatou-se.*

Experimentemos. Enchamos um frasco com agua avermelhada. Fechemo-lo com uma rolha atravessada por um tubo (fig. 1). Ajuntemos agua, si necessario, que suba até o ponto A. Marquemos o lugar com uma fitinha bem estreita de *papel gommado*. Aqueçamos ligeiramente. Que observamos? Primeiramente o liquido baixa. Porque? Porque o vidro se dilatou. O frasco adquiriu maior volume e conteve mais liquido. Dahi a pouco, o nivel do liquido sobe até B; a agua *dilatou-se* Deixemos que esfrie, e ella readiquirirá o seu volume primitivo, *contrahindo-se*. Conclusão:— Os liquidos, como os solidos, dilatam-se e contráem-se. As variações, porem, são muito mais sensiveis quanto aos liquidos do que quanto aos solidos.

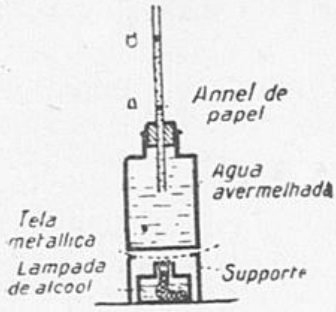


Fig. 1

II) Os THERMOMETROS.—Observemos. Fazer notar rapidamente como se pode apreciar a temperatura de um corpo: pondo o dedo n'agua, approximando do rosto o ferro de engommar, etc. A avaliação assim feita é approximativa. Que é que se emprega, para obter medidas mais precisas e comparações? O thermometro. Observar um thermometro de mercurio, uma vez que o de alcool já é conhecido. Que ha no tubo, acima do liquido? O vacuo. Porque? O ar prejudicaria a dilatação e quebraria o tubo. Comparemos: o thermometro de mercurio é graduado até 100°; de alcool, até 50 apenas. Expliquemos. O alcool ferve a 78°. O mercurio, a 360°. Usa-se, por isso, o thermometro de alcool para as temperaturas baixas; para as mais altas, é empregado o de mercurio. Mas dirão: como se podem medir as temperaturas superiores a 360°.? Por meio de apparelhos baseados na dilatação dos solidos. Porque não se empregam solidos para medir as temperaturas ordinarias? Porque a dilatação dos solidos não é bastante consideravel.

III) GRADUAÇÃO.—Para obter o zero, ver a lição anterior. Obtem-se a graduação 100, mergulhando-se o thermometro de mercurio no vapor d'agua fervendo. Feito isto, o intervallo entre zero e 100 é dividido em 100 partes iguaes. Gradua-se o thermometro de alcool, por comparação com um thermometro de mercurio. Exemplo: Supponhamos que um thermometro de mercurio seja mergulhado na agua quente ao lado do thermometro de alcool que queremos graduar. Si aquelle marcar 30 graus, marcar-se-á o numero 30 na prancheta deste. Deixa-se esfriar e, quando o thermometro padrão (mercurio) marcar, por exemplo, 10°, marcar-se-á a altura de alcool no outro. Divide-se o espaço obtido em 20 partes iguaes, e prolonga-se a graduação para

cima e para baixo. Poder-se-á pôr sobre os thermometros outra graduação, pois que ha diversas. O que importa é fazer notar a importancia da *precisão* e da *uniformidade*: 20° no Rio de Janeiro valem 20° em Bello Horizonte. Na Inglaterra e na Allemanha empregam-se graduações differentes.

Como se maneja um thermometro—Observações, manipulações. Que acontecerá si eu revirar o thermometro? Dar-se-á a dilatação nas mesmas condições. Prová-lo. Obrigar os alumnos a dizer: «o mercurio e o alcool se *dilatam*, se *contraem*» e não «*sobem* ou *descem*».

III) USO DOS THERMOMETROS.—Fazer observar um thermometro medico; indicar como se faz baixar o mercurio com uma sacudidela brusca. A sala de aula deve ter uma temperatura de cerca de 15°; o quarto de dormir, de 12°. São necessarios 40° para as chocadeiras artificiaes; 15 a 20° para as estufas; 30° para a desnatação do leite; 14° para a fabricação de manteiga.

Os industriaes, os distilladores, os chimicos não dispensam o thermometro.

A temperatura do corpo humano é 37°, approximadamente.

Idéa geral—O thermometro é uma applicação da dilatação dos liquidos.

Serve para comparar e medir a temperatura dos corpos, ao contacto dos quaes *se encontre seu reservatorio*.

Questões:—1) Fazer o alumno descrever o thermometro que observou. Para que serve elle?

2) Como se gradua um thermometro de mercurio, um thermometro de alcool?

3) Como tomaria você a temperatura de um liquido? (Com precisão).

MUSCULOS E SYSTEMA NERVOSO

Material: *uma posta de carne magra, uma faca, uma perna de frango ou de perú mortos a pouco, um compasso preparado (fig. 2); um alfinete, miolos de carneiro ou de bezerro e quadros mostrando os musculos e o systema nervoso.*

I) OBSERVAÇÕES GERAES—O *esqueleto* é a *armação* de nosso corpo.

Os musculos asseguram os nossos movimentos: se eu espetar com um alfinete a barriga da perna de um de vocês, esse alguem retirará vivamente essa perna, sem me haver visto.

Todas as partes do nosso corpo se ligam por meios de *nervos*, semelhantes a fios telephonicos que communicassem as sensações ao cerebro: calor, dor, fórma e côr dos objectos, etc. O cerebro: raciocina e ordena.

II) OS MUSCULOS: —1.º Um musculo—Observemos a *carne magra*: pernil de vitella, por exemplo. Dividamos um pedaço desse *musculo*: compõe-se de *fibras* parallelas, agrupadas em pequenos feixes; esses feixes são separados por uma substancia molle e esbranquiçada.

O musculo se prende aos ossos pelos *tendões*, vulgar e erradamente chamados *nervos*

Fazer observar um tendão: Elastico, e tão duro para cortar-se que não se pode mastigar Nossos musculos são compostos da maneira que acabam de ver. Mostrem o logar de musculos, de tendões: biceps, barriga da perna, tendões da mão, tendão de Achilles, etc.

2.º *Papel dos musculos*—Façamos uma experiencia. Atemos aos braços de um compasso uma *tira de elastico* (fig. 2). Se abrirmos o compasso, a borracha se estica; se abandonarmos um dos seus braços elle se contráe e puxa o outro. Observemos agora o nosso braço. Com um barbante, o professor medirá a grossura de seu biceps: a) em repouso; b) em trabalho. Façamos o ante-braço funccionar (fig. 3). Comparêmo-lo a uma *alavanca*.

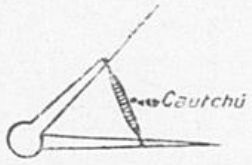


Fig. 2

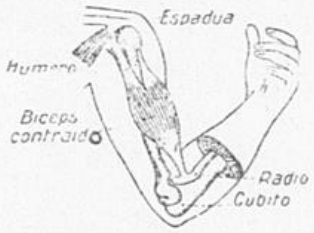


Fig. 3

Observemos os movimentos dos dedos; se dispuzermos de uma perna de frango, puxemos os tendões que fazem mover-lhe os dedos.

Conclusão: Os musculos que se contraem ou se dilatam são os *orgãos do movimento da força*. Temos mais de 400 musculos. Mostrar o quadro respectivo.

III) O SYSTEMA NERVOSO—1.º *O cerebro*—Observemos um cerebro de carneiro. E', no interior, esbranquiçado e recoberto de membranas acinzentadas. Divide-se em dois *hemispherios* (explicar), por um *sulco longitudinal*. A superficie desses hemispherios é coberta por sulcos menores, chamados *circumvoluções*. Na parte posterior, notemos o *cerebello* e o *bulbo*, que se prolonga

pela *medulla espinhal* alojada nas vertebras. Não se distinguem claramente as *meninges* (referir-se a *meningite*), que protegem o cerebro. Experimentar levantá-las com uma faca.

Assignalemos que, sendo molle, o cerebro está, comtudo bem protegido pela caixa craneana. O cerebro do homem pesa em média 1.500 grammas.

2.º — *Os nervos*. Filamentos esbranquiçados ligados por um lado aos centros nervosos, que acabamos de examinar, e por outro aos musculos.

3.º—*Mecanismo das sensações e das acções*—a) Movimentos involuntarios.—Quando, ha pouco, eu espetei um collega de vocês, um *nervo sensitivo* delle disse: «Espetaram a perna»; sem esperar o aviso do cerebro, que por sua vez foi informado da dôr, a medulla espinhal, por intermedio de um *nervo motor*, disse aos musculos: «Retirem a perna». O mesmo mecanismo se verificará se vocês se queimarem. Esses movimentos rapidos são *reflexos* ou *involuntarios*.

b) Movimentos voluntarios—Digo a João: «Vá ao quadro». Seu ouvido percebe os sons que o nervo auditivo conduz ao cerebro. Este ordena. Os musculos obedecem. João vae ao quadro, vê o giz, pega-o, escreve, etc. Executa movimentos *reflectidos*, *voluntarios*. A intelligencia intervém quando, por exemplo, João resolve um problema.

c) O grande sympathico—Ainda ha pouco, teria sido possivel resistir á dôr, no momento da picada. Mas será possivel sustar os movimentos do nosso coração ou do nosso estomago? Não: um systema de nervos chamado *grande sympathico*, assegura o funccionamento de alguns dos nossos orgãos: coração, estomago, etc., independentemente de nossa vontade.

IV) HYGIENE—O alcool, o fumo, o excesso de trabalho são nocivos ao *systema nervoso*. O somno reparador é indispensavel. O cerebro, a medulla são organs muito melindrosos. Um ferimento, uma lesão dos centros nervosos pode produzir a morte ou a paralysia. Dizer uma palavra sobre as trepanações, operações de extrema delicadeza.

QUESTÕES —1.º—Explicar o funccionamento do ante-braço quando elle se dobra sobre o braço.—2.º Quaes são os organs do seu systema nervoso?—3.º —Você sente uma picada na perna e logo retira esta esta. Explique o que se passou—4.º—Como se explica que um perneta julgue sentir frio nos artelhos da perna amputada?

CADERNO DE PREPARAÇÃO DE LIÇÕES

De todas as medidas introduzidas pela recente reforma do ensino primario e normal de Minas, bastava esta para dizer do acerto e da opportunidade dessa reforma. De facto, nessa simples medida, cujo alcance extraordinario resalta logo ao mais leve exame. está assentada, por assim dizer, a base toda de uma verdadeira reforma. Niguem poderá dizer que se trata, aqui, de um manejo a mais de simples dispositivos regulamentares. Tocando no ponto essencial da questão—a formação technica do professor — a actual reforma tocou por isso na propria essencia de sua finalidade. Com a adopção desses cadernos, não se trata, portanto, de uma simples medida administrativa; ella é mais do que isso, muito mais: é a creação intelligente, a creação fecunda de meios novos, de meios directos e efficientes de conduzir o professorado, não só á acquisição precisa das noções indispensaveis ao seu officio, como tambem á acquisição essencial de uma technica.

Já não vejo, por isso, no caderno de preparação de lições um simples meio de que o Estado lança mão com autoridade afim de fazer com que os professores cumpram as suas obrigações. Porque isso só não era bastante.

Nós todos sabemos que essas medidas coactivas só valem quando, alem do seu caracter policial, ellas trazem em si alguma cousa de intelligente; quando ellas encerram alguma cousa de poderoso que leva o homem, não apenas a *obedecer*, mas a *comprehender*. De nada valeria obedecer automaticamente. Antes de tudo é preciso comprehender. Só de posse dessa comprehensão é que nós poderemos realizar alguma cousa de efficiente: alguma cousa que não seja uma simples accommodação ás leis e aos dispositivos regulamentares. E é esse precisamente o caso desses cadernos. O que é preciso, o que é urgente, é que o professorado o comprehenda. Pois o que resulta do proprio espirito do Regulamento é que este, creando esses cadernos, teve mais em vista naturalmente ir em auxilio dos professores do que mesmo crear um processo efficiente de fiscalização.

Quaes as vantagens desses cadernos? São tantas...

E' claro que o principal problema em materia de pedagogia é o methodo. Cada disciplina exige o seu methodo. E não é só. Cada classe exige por sua vez um pro cesso especial de en-

sino e de educação. (O ideal seriam até os methodos individuaes —um processo especial para cada alumno). Ora, eu não comprehendo como é que um professor pode adquirir esse methodo, pode tornar-se senhor de uma verdadeira technica pedagogica, sem um esforço diario, contínuo, um esforço que aja sempre no sentido de aproveitar a experiencia adquirida e de a integrar em um methodo.

Pois o caderno em questão vem representar precisamente esse esforço por parte de quem leciona. Alem disso, um curso não é uma serie arbitraria de aulas. Todas ellas devem estar intimamente ligadas, intimamente relacionadas, e de tal modo que uma explique e auxilie a outra; ellas devem estar comprehendidas de maneira que todas ellas, reunidas em um só todo, formem por isso mesmo uma acquisição *viva* da classe.

Ora, como é que o professor poderá ter em vista essa necessidade de estabelecer um todo harmonico em um curso, sem o auxilio precioso desses cadernos? Não está, portanto, em jogo apenas o methodo de cada lição. Adoptando um methodo, um processo para cada lição, o professor não pode por outro lado perder de vista a materia já estudada pela classe, alem das deficiencias e necessidades desta. E aqui apparece uma face admiravel da questão: o caderno de preparação de lições passa a ser tambem, logicamente, um registrador preciso da vida, dos movimentos da classe. Não é somente um repositorio de conhecimentos a serem ministrados, nem tão pouco um simples meio de dosagem desses conhecimentos, o que, aliás, ja seria de uma importancia relevantissima: é a alma mesma da classe, por isso que é dahi que o professor irá tirar a propria vida que emprestará ás suas lições.

Poder de synthese e de clareza

A preoccupação diaria de reduzir a aula do dia seguinte a um eschema satisfatorio, acaba dando ao professor (além de estimulá-lo a estudar o assumpto satisfatoriamente) um poder admiravel de synthese e de clareza.

Procurando reduzir sempre as suas lições a um plano de linhas geraes, mas que exprimam exactamente aquillo que pretende desenvolver em aula, elle vae adquirindo, pouco a pouco, uma capacidade sempre crescente de expressão e communicação, uma agilidade maior em coordenar as idéas, em e colher bem os pontos essenciaes dos assumptos e em seleccionar, corrigir, os seus processos, procurando adaptar-se cada vez mais á natureza da propria classe.

Quanto á escolha dos exercicios, por exemplo:

Com essa pratica diaria realizada com reflexão e sem os vicios e prejuizos das improvisações levadas a effeito diante da propria classe, o professor terá outra segurança e outra riqueza de recursos em organizá-los.

A segurança com que o professor desenvolve a sua aula' a rapidez, a precisão com que elle formúla exercicios, afinal, os exemplos com que objectiva as noções que apresenta, e a propria natureza desses exemplos, têm uma importancia consideravel no espirito da classe e no resultado da lição.

O ENSINO OBJECTIVO

Remy de Gourmont disse certa vez que escrevia para esclarecer as proprias idéas Está ahi uma phrase sábia. Só se pensa bem quando se escreve. O esforço de reduzir o pensamento á objectivação, pela linguagem, faz com que nós aprendamos por nossa vez a raciocinar. As idéas se habituam a encontrar as respectivas palavras.

Esse esforço que nós realizamos (e aqui o esforço é diario) vae polindo em nós a capacidade de comprehensão e communicação, vae desenvolvendo, passo a passo, o nosso poder de reduzir o abstracto ao concreto.

Ora, o ensino, hoje mais do que nunca, está a exigir dos professores esse poder,essa capacidade de expressão e objectivação. Com o advento do ensino pelo methodo intuitivo, não se comprehende mais que um professor ministre aos seus alumnos noções vagas e abstractas, em uma linguagem tambem por sua vez abstracta e vaga.

O professor tem que ser claro, intuitivo; tem que ser um expositor caloroso, mas equilibrado, de noções vivas, de factos concretos, de quadros objectivos.

Tem, pois,que esclarecer bem as suas proprias idéas; tem que submettê-las a uma disciplina que, em vez de fixá-las, lhes dê uma côr quente de vida. Nada mais util, nada mais logico, portanto, que o professor, antes de dar as suas aulas, as reduza a escripto, como quer o Regulamento.

VENCER OS VICIOS DO HABITO

Não ha espirito, seja elle o mais bem formado, que resista ás influencias do habito. Todo mundo conhece exactamente o papel impressivo que de facto o habito representa em nossa vida subjectiva. Como factor economico da energia humana? Sim. Mas, creando o automatismo, elle faz com que nós caminhemos para a morte em nós do nosso proprio espirito de iniciativa.

E' preciso um esforço racional permanente da nossa parte para evitar que certos actos,praticados por nós, cáiam sob essa influencia perniciosa do habito. E é esse effeito do habito—o automatismo—o que vem trazer mais um argumento irretorquivel em favor dos referidos cadernos. E por uma razão muito clara: elle vem evitar justamente que o professor, com a repetição frequente de suas lições, se transforme em um ser automatico, em uma verdadeira machina humana. Porque esse caderno, representando um esforço consciente diario, um esforço de renovação a que a experiencia fornece sempre novos dados, impede desse modo que o habito se realize e, portanto, que desappareçam no professor essas qualidades essenciaes: o espirito de iniciativa, a propria vida e agilidade do espirito. Sem ellas, é absurda qualquer idéa de progresso ou efficiencia em materia de pedagogia.

Só em materia de pedagogia?

A direcção de um estabelecimento

Resta falar ainda sobre as razões de ordem administrativa. Mas, será ainda preciso falar nessas razões?

Emilio Moura

Professor da Escola Normal de Dôres do Indayá

MYOPIA ESCOLAR

(*Conclusão do numero de novembro*)

4) Tratamento

A myopia escolar é uma affecção muito mais grave do que commummente se julga, reclamando por isso cuidados serios.

Sua evolução passa ás vezes á forma maligna, dando aos adolescentes um gráo elevado de myopia acompanhado de lesões graves e irreparaveis do fundo de olho.

O tratamento da myopia escolar comprehende uma parte prophylactica, uma parte optica e outra cirurgica.

Prophylaxia da myopia escolar

A grande utilidade da prophylaxia se faz sentir na formação e desenvolvimento da myopia, recommendando o trabalho nas escolas modernas mediante certos requisitos hygienicos: — illuminação ampla, mobiliario adequado, attitude correcta das crianças em boas condições de leitura e escripta, correcção dos defeitos congenitos de refracção, etc.

Em beneficio do desenvolvimento tanto ocular como geral, a prophylaxia da myopia escolar estabelece antes de tudo que a instrucção nunca deve ser iniciada antes dos sete annos completos, assim mesmo alternando frequentemente o tempo de estudo com o de recreio, para o repousodos olhos e do espirito da criança facilmente sujeita á fadiga.

Sendo a agudeza visual influenciada pela intensidade luminosa, a má illuminação obriga a approximação excessiva dos olhos para augmentar a imagem dos caracteres e torna-se desta forma um factor muito prejudicial.

A illuminação das salas deve ser bilateral e de preferencia com luz natural ou diurna para effeito de optima claridade.

A intensidade da illuminação natural depende em grande parie das dimensões das janellas cujas medidas precisam estar em relação com o tamanho das salas para haver sufficiente claridade e arejamento.

Durante algumas horas por dia as janellas devem ser protegidas por stores ou cortinas de linho branco ou outro estofo fino e claro afim de evitar o deslumbramento causado pelos raios directos do sol.

A's vezes, no emtanto, a illuminação natural das salas é exclusivamente unilateral ou mais commummente muito predominante de um dos seus lados.

Nestas circumstancias a disposição dos bancos e carteiras deve ser tal que os alumnos, postos em classe, recebam a luz do lado esquerdo pois que a boa illuminação depende não só da intensidade como tambem da incidencia da luz.

Nos cursos nocturnos a luz artificial necessaria tem de apresentar certas condições hygienicas que são melhor preenchidas sem duvida alguma pela luz electrica usada em lampadas foscas ou empregada sob a forma diffusa por meio de fortes lampadas de arco voltaico providas de reflectores com a concavidadevoltada para o tecto pintado de branco.

Em alguns estabelecimentos modelos de curso nocturno tem-se adoptado a illuminação individual por lampadas electricas foscas fixadas á carteira, ficando á frente e á esquerda de cada alumno.

O mobiliario escolar deve ser adaptado ao alumno e não o alumno ao mobiliario.

O centro de gravidade do corpo humano está situado um pouco adeante da decima vertebra dorsal de maneira que a linha de gravidade é representada pela vertical abaixada d'este ponto ao solo em qualquer attitude do corpo.

Repousado o peso do corpo sobre os ischions na posição assentada, si a criança inclinar o corpo para a frente, o desvio da linha de gravidade produz fadiga dos musculos lombares de sorte a reclamar outro ponto de apoio encontrado pelos dois terços anteriores dos ante-braços repousados sobre a carteira de modo symetrico e correcto, deixando o thorax livre da pressão do corpo sobre o sterno de encontro á borda da carteira; si o alumno pende o corpo para traz, o desvio da linha de gravidade requer outro ponto de apoio que será dado pelo encosto á altura das vertebras lombares inferiores de modo a constituirem-se assim as posições ideaes do escolar por causa do minimo da fadiga muscular.

A boa posição dos membros inferiores dos escolares em classe consiste na conservação das pernas em angulo recto com as coxas e dos pés com toda a face plantar repousada sobre o assoalho.

As mãos e os dois terços anteriores dos ante-braços devem descançar naturalmente sobre a carteira sem modificar a boa posição symetrica d s espaduas.

A cabeça precisa ser mantida em posição erecta de maneira que os olhos estejam a trinta centimetros do livro ou caderno que deve ficar num plano sufficientemente inclinado para formar quasi angulo recto com a linha visual.

Em summa, a criança em classe conservará a planta dos pés toda repousada sobre o sólo, as pernas e coxas flexionadas em angulo recto, o tronco erecto sem inflexões lateraes, o corpo apoiado symetricamente sobre os dois ischions, os braços descidos ao longo do corpo, os antebraços e mãos repousados sobre a mesa, a cabeça ligeiramente inclinada para a frente de sorte que os olhos se mantenham sempre a trinta centimetros do plano inclinado da carteira.

Para tudo isso é preciso que o banco e a carteira sejam exatamente adaptados á estatura da criança e obedeçam a determinadas regras em sua confecção.

D'ahi as vantagens das mensurações annuaes quanto á estatura, comprimento das pernas e coxas, diametro antero-posterior do corpo á altura da extremidade inferior do sternum, etc. por meio do interessante apparelho de Stefani.

A altura do banco será egual a dois terços do comprimento total da coxa, qual corresponde normalmente a um quinto da estatura.

Para evitar o escorregamento para a frente, o assento deve ter uma pequena inclinação de modo que a borda anterior seja mais alta dois centimetros que a posterior do banco.

Em alguns typos de mobiliario escolar o assento é movel, em outros é sómente a carteira que se mobilisa e finalmente em outros modelos o assento e a mesa se modificam de conformidade com as dimensões dos alumnos.

A altura da carteira deve ser tres a cinco centimetros maior que a somma da altura do banco com a distancia do cotovello á face inferior das coxas da criança assentada, sendo preferivel que a carteira seja um pouco mais alta que baixa.

A distancia entre a altura do banco e a da carteira chama-se *differença*.

Quando a differença é insufficiente, a carteira é baixa e assim força o alumno a curvar-se, desviando-se excessivamente a linha de gravidade para deante.

Quando a differença é exaggerada, a carteira é alta e obriga o alumno a suspender a espadua direita e desviar a columna vertebral de maneira a favorecer o apparecimento da scoliose direita que se addiciona á formação da myopia resultante da posição viciosa da cabeça.

O espaço que separa os planos verticaes que passam pelas bordas anterior do banco e posterior da carteira denomina-se *distancia*.

Si o plano vertical da borda posterior da carteira passar por deante do plano vertical da borda anterior do banco, a distancia é dita positiva ao passo que no caso contrario é negativa.

Quando os dois planos referidos se confundem, a distancia é chamada nulla.

Em antagonismo ás idéas adoptadas antigamente em relação ao mobiliario escolar, prefere-se agora a distancia negativa de 3 a 5 centimetros como mais conveniente á attitude escolar correcta.

A largura e o comprimento da carteira, desde que sejam suas dimensões sufficientes á commodidade das crianças, não têm importancia.

No entanto a largura usual é approximadamente de 40 centimetros assim como o comprimento das carteiras communs para dois alumnos é de cerca de 1 metro.

A carteira deve ter uma inclinação de 15 a 20 gráos, exceptuada uma faixa de cerca de 12 centimetros de sua parte anterior que será horizontal a fim de melhor receber tinteiro, lapis, canetas, papeis, etc.

Pode-se aproveitar o espaço existente sob a mesa para uma estante contanto que não venha ella incommodar os joelhos da criança.

O encosto do banco póde ser mais ou menos alto e em posição vertical ao assento ou melhor formando com a vertical um angulo de 10 a 15 gráos aberto para cima.

Os actuaes modelos escolares de bancos e carteiras são feitos para dois alumnos da mesma estatura, sendo confeccionadas com peças lisas que facilitam a respectiva limpeza.

Para que a myopia e a scoliose não se formem nem se desenvolvam nos escolares é sobretudo indispensavel que elles se habituem ás attitudes correctas.

A leitura em quadro negro fosco, bem illuminado, torna-se ideal em ophtalmologia, desde que os caracteres sejam bastante grandes e nitidos para a visão sem esforço.

A leitura dos textos impressos depende do papel e dos caracteres de imprensa.

O papel não convem ser fino, nem brilhante, mas sim branco amarellado ou creme.

As letras devem ter uniformidade de contorno, espessura sufficiente dos traços isto é, egual a um quinto da altura identica á largura da letra que nunca deve ser inferior a 9 pontos conforme exigia o Professor Truc para as impressões escolares.

A distancia entre as letras nas palavras, a entr linha, a densidade da impressão e o comprimento das linhas são outros factores que tambem precisam ser respeitados para a optima lisibilidade dos textos escolares.

A boa incidencia da linha visual requer, além da inclinação da carteira, uma attitude conveniente do corpo e cabeça que teem

de ficar aprumados a fim de que o eixo binocular seja parallelo, na distancia de 30 centimetros, á linha impressa.

A. Cantonnet aconselha recentemente dois recursos como muito efficazes á attitude correcta da cabeça, empregados conforme o desenvolvimento das crianças:—1) uma prancheta vertical, fixada á borda da carteira, sustenta o queixo e assim mantem os olhos á distancia conveniente;—2) uma regoa de 30 centimetros de comprimento justos, a que chama *gendarme* ou *soldado de policia*, collocada sobre a mesa, sempre á frente do alumno, servirá para lembrar a distancia exacta do trabalho approximado.

Muito mais que a leitura, a escripta arrasta posições viciosas e extravagantes cuja correcção reclama vigilancia rigorosa e constante das professoras afim de ser evitada sua grande nocividade aos olhos, columna vertebral, respiração e circulação, prejudicando a saude geral.

O corpo aprumado e os braços em posição symetrica, isto é, egualmente distendidos ao longo do corpo, mantêm-se com facilidade na escripta vertical, sendo a visão e a respiração egualmente favorecidas de ambos os lados.

Innumeros são os methodos de escripta sobre sua fórma vertical assim como sobre a inclinada, divergindo as opiniões dos auctores a este respeito mas parecendo que a attitude correcta é compativel tanto com uma como outra fórma de escripta

Qualquer que seja a direcção da escripta, as crianças teem grande tendencia ás posições viciosas que não podem ser permittidas.

Outro factor prophylatico de grande valor é a correcção perfeita do astigmatismo congenito ou adquirido, nos escolares por meio de lentes cylindricas simples ou combinadas, representando este serviço do oculista uma das maiores difficuldades da pratica ophtalmica.

Tratamento optico

Na impossibilidade de encurtar o eixo antero-posterior do olho myope, recorre-se ás lentes divergentes, isto é, aos vidros concavos que compensam a refringencia excessiva dos meios em relação ao alongamento do eixo optico e fazem com que a reunião dos raios infinitos refractados se forme justamente na retina, permittindo assim a visão itida de longe.

A boa correcção da myopia depende de varias circumstancias e reclama muita pratica por parte do especialista.

Na verdade a prescripção perfeita das lentes concavas depende do grão da myopia, amplitude de accommodação, lesões

do fundo de olho, estado de anisometropia, profissão do paciente e falta de habito ás lentes quando o individuo já adulto nunca foi antes corrigido.

Nos escolares, assim como em todos os individuos moços, a correcção da myopia fraca e mesmo media deve ser total e continua, isto é, a mesma tanto para longe como para perto, desde que a determinação exacta do gráo de myopia seja feita depois de paralisia completa da accommodação, sem o que haveria facilmente hyper-correcção.

A correcção para longe é sempre conveniente á pequena myopia, ao passo que para perto é facultada nos moços e dispensada nos adultos em certas condições, podendo assim tal myope retirar os oculos quando em trabalho approximado

As myopias elevadas, mesmo nos moços, terão correcção quasi total para longe e diminuida de uma a treis dioptrias para perto conforme a conveniencia do caso afim de evitar o esforço de accommodação que seria então necessario mas difficil, senão impossivel.

Nos myopes presbytas ha geralmente tambem vantagem de duas correcções: uma total para longe e outra mais fraca para perto, variando a potencia da lente de conformidade com a edade, profissão e amplitude de accommodação do examinando.

Nos casos em que a myopia reclama uma lente concava de potencia egual á lente convexa necessaria á presbytia do mesmo individuo, a vantagem da correcção para perto desapparece, pois que a visão approximada se fará com nitidez sem uso de oculos em vista da presbytia ser compensada pela myopia.

E' isto que se passa, por exemplo, com os myopes de 4 dioptrias quando chegam aos 70 annos, dando aos leigos a illusão de cura ou grande melhoria da sua myopia por causa da leitura normal permittida a olhos nús.

Na myopia media e principalmente elevada, nos adultos não habituados ao uso de qualquer lente concava, a correcção mais convem ser gradativa até attingir no fim de algum tempo a potencia mais vantajosa.

Nos altos gráos de myopia as extensas lesões do fundo de olho fazem com que a correcção permaneça defeituosa tanto para a visão de longe como para a de perto.

A exacta correcção da myopia escolar é util á boa execução de todos os trabalhos visuaes e representa um recurso hygienico de alta importancia na prophylaxia do desenvolvimento d'esta affecção ocular.

A's vezes a myopia progride rapidamente na mocidade, não obstante o paciente executar perfeitamente os preceitos hygienicos.

Estes casos malignos de myopia escolar exigem que o alumno seja afastado dos estudos durante um periodo bastante longo durante o qual conservará seus olhos em maximo repouso, evitando de modo absoluto qualquer trabalho approximado.

Alem do repouso ocular e geral, as complicações da myopia devem receber tratamento medico constituido por applicações hydrotherapicas, injecções subconjunctivaes de solução de chlorureto de sodio ou cyanureto de mercurio, medicação anti-syphilitica prolongada, regimen dietetico brando e lentes graduadas em vidros enfumaçados.

A anisometropia, isto é, o estado de refracção desigual dos dois olhos, pode ser congenita ou adquirida e impede sempre que o individuo veja distinctamente com os dois olhos ao mesmo tempo, resaltando d'este defeito frequente a utilidade dos exames monoculares.

Nos casos de anisometropia a prescripção das lentes muitas vezes se complica e exige grande experiencia do oculista para bem resolver a correcção.

Entre casos variados sob este ponto de vista, ha individuos cuja melhor correcção consiste em preparar-se um olho para a visão de longe e outro olho para a de perto assim como ha pessoas em que apenas convem corrigir o melhor olho, dando-se um vidro plano ao peior d'elles.

Creaturas rebeldes ao uso de lunetas preferem o lorgnon cujas lentes correctoras são utilisados apenas nas occasiões em que a curiosidade desperta a vontade de ver distinctamente ao longe.

Entre nós a ignorancia do povo e o descuido dos pais pela visão dos filhos são estorvos serios ao tratamento da myopia escolar, acreditando muita gente estupida que os oculos graduados prejudicam a visão das crianças.

TRATAMENTO CIRURGICO

A tenotomia do musculo grande obliquo proposta por Guerin e a tenotomia dos musculos rectos externos proposta por de Graefe nada valem em relação á myopia.

A extracção do cristallino transparente, proposta em 1775 pelo abbade Des Monceaux, é o tratamento operatorio até hoje adoptado nas myopias superiores a 15 dioptrias.

Este tratamento cirurgico consiste na producção da catarata traumatica por uma primeira intervenção chamada discisão e, cerca de 15 dias depois, na extracção das massas cataratadas, após keratotomia, por lança ou faca.

A's vezes ha necessidade de uma ou duas discisões secundarias quando resta a catarata capsular secundaria.

A suppressão do cristallino nos emmetropes equivale a uma diminuição de 11 a 12 dioptrias na refracção total ao passo que nas altas myopes equivale a 16 a 18 dioptrias.

A suppressão do cristallino nas myopias muito elevadas não influe sobre a evolução da myopia nos individuos moços e apresenta contra indicações que precisam ser bem consideradas.

Assim as lesões maculares e o descollamento da retina desaconselham esta operação pela inutilidade de seus resultados.

O tratamento cirurgico das myopias superiores a 15 dioptrias deve ser praticado em um só dos olhos, que será devidamente corrigido para a visão de longe, emquanto o outro olho será reservado para a visão de perto, em vista da impossibilidade, nestes casos, de visão binocular.

HUMBERTO MARTINS VIEIRA

ESCRIPTA

Os exercicios de escripta que nos parecem offerecer ás crianças, em geral, difficuldades de rapida solução (caso — é claro — não queiramos fazer que ellas escrevam antes do tempo) devem fazer-se methodicamente.

Essa aprendizagem, que não necessita quasi de attenção visual e apenas de um pouco de aptidão, pode ser preparada de antemão por exercicios que agradem ás nossas crianças se soubermos apresentá-los sob uma forma agradavel e — que prazer para os professores de uma classe singular — occupam calmamente os pobres gurys lerdos e alguns retardados.

Antes de procedermos á exposição de algumas directrizes referentes, 1°) aos exercicios de iniciação; 2°) aos exercicios de escripta global; 3°) aos exercicios de escripta methodica, — tomamos a liberdade de dar um conselho aos leitores.

Se desejais, professores e professoras de meninos, ter a impressão nitida de haverdes, em um anno, realizado um trabalho util, ou se, pelo menos, quizerdes verificar os progressos enormes feitos pelos vossos alumnos, no periodo de um anno, em escripta, submettei-os desde a entrada a um ligeiro exame.

O menino conservará a sua primeira folha escripta numa caderneta de algibeira com as outras folhas numeradas, que o professor lhe entregará logo depois, ou, se tem um caderno, o seu pequeno exame será collado na primeira pagina desse caderno.

O menino ficará maravilhado — e o professor animado — quando elle se reportar de vez em quando ao ponto de partida.

Esse exame pode ser muito simples: reproducção de uma phrase escripta no quadro negro. («Lucia tem cabellos compridos e annelados, por exemplo); ou mais complicado e comprehender a reproducção, em vivas linhas de modelos: 1°) uma letra simples, *i* ; 2°) uma letra oval, *o*; 3°) uma letra difficil, *h*; 4°) uma letra cuja reproducção exacta reclama uma attenção visual d morada, *m*; 5°) uma palavra, *boneca*; 6°) uma phrase.

Esse exame, se o realizarmos muitas vezes em alumnos de seis a sete annos, prova-nos que, para as crianças, as difficuldades não crescem, como o imaginam os adultos, segundo a forma e o numero das letras

Um menino que se nos apresenta inteiramente ignorante, desageitado, nos faz reproducções informes, quer se trate de letras ou de phrases.

Não é, pois, illogico encarar de frente a escripta methodica das letras, desde que uma e outra só sejam abordadas na edade de aprender a lêr: limitemo-nos, até então, a exercicios de iniciação, sob a forma de desenhos recreativos.

Exercicios de iniciação na escripta

a) *Exercicios de attenção e de memoria visual.* — Todos os exercicios sensoriaes de memoria e de attenção visual e, mais especialmente, os exercicios de reconhecimento de forma e os de iniciação na leitura, em que a criança photographa de certo modo as palavras preparando a escripta.

b) *Exercicio do tacto e do sentido muscular*: — Os jogos que têm por fim exercitar o sentido tactil e o sentido mus cular (exercicios de reconhecimento de formas pelo tacto, principalmente) são tambem muito proficuos. Vamos indicar alguns.

Esses exercicios se fazem a olhos vendados. Pode-se interpôr, entre a venda de tecido lavavel que se ata aos olhos do menino, e os seus olhos, um papel de seda que se destróe logo depois: isso permitte preparar apenas algumas vendas.

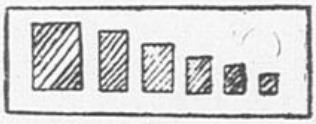
Essas vendas são simples rectangulos de 20 centimetros de comprimento por 6 centimetros e meio de largura, presos dos lados por galões.

Os meninos occupados em exercicios tacteis são auxiliados no seu trabalho por um colleguinha, espectador, o qual o põe, no hora propria, entre as mãos do pequenino que procura uma peça perdida.

O jogo pode consistir:

1°) em repôr em *ôcas* as *mesmas formas inteiriças* (cartão ou madeira).

2°) em classificar, por ordem de tamanho, uma mesma forma (rectangulo, por exemplo) cujas dimensões variem.

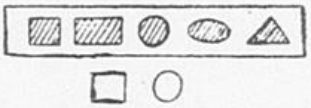


O exercicio realizado com a mesma figura geometrica cujas dimensões são variadas pode, aliás, servir para as duas especies de exercicios, se a criança tem: 1°) a prancheta toda em que as figuras são desenhadas ôcas; 2°) os rectangulos volantes;

3°) *em approximar figuras semelhantes*

a) Figuras geometricas ou letras recortadas em papelão duro ou em madeira, com uma serra.

Cumpre que a criança acompanhe attentamente o contorno de cada letra, afim de não errar.



b) Figuras geometricas ou letras recortadas em papel de seda ou em papel de esmeril, colladas depois em papelão (o grão é escolhido mais ou menos fino, conforme a habilidade dos meninos). As crianças são então convidadas a segurar com o indice da mão direita o desenho de cada letra, que constitue excellente preparação para a escripta.

c) *Exercicios de desenho* — Emfim, exercicios de desenho preparam directamente os meninos para escreverem.

Exercitar-se-ão no desenho de todas as letras minusculas e de muitas maiusculas se realizaram exercicios inspirados nos que se vêm adeante (o uso do lapis de côr é aconselhavel):

1°) *A chuva cae em diversas direcções*, verticalmente, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, mas sempre de cima para baixo.

2°) Abramos os guarda chuvas para nos protegermos (esses dois exercicios são feitos em muitas aulas).

MLLES. BERGER ET TRUILLET
Professoras da Escola Maternal de Paris

OS NOSSOS CONCURSOS

Conforme foi amplamente divulgado pelo «Minas Geraes», a direcção da «Revista do Ensino», no intuito de estimular as energias do professorado mineiro, resolveu organizar uma serie de concursos, distribuindo premios aos autores dos melhores trabalhos sobre as questões propostas, sempre versando assumpto de interesse para o ensino.

Os dois primeiros concursos alcançaram larga e compensadora repercussão, embora o prazo relativamente curto em que se realizaram.

Girou o primeiro em torno do caderno de preparação de lições, sendo esta a pergunta dirigida aos nossos professores:

«Quaes as vantagens do caderno de preparação de lições, quaes as desvantagens, e, se se considerarar inutil a medida, qual o melhor meio de se estimular o professorado a preparar as lições e verificar essa preparação ? »

O segundo concurso visou premiar as melhores aulas modelo sobre qualquer ponto de qualquer materia do curso primario, enviados á redacção.

Após meticuloso exame de todos os trabalhos apresentados, a commissão julgadora resolveu o seguinte, conforme noticia estampada no «Minas Geraes» de 19 de fevereiro:

«No julgamento dos trabalhos apresentados aos seus dois primeiros concursos, a commissão escolhida pela redacção da *Revista do Ensino* se viu em grandes difficuldades, porque varias contribuições de valor de illustres professores do Estado honraram o certamen, notadamente as dos professores Firmino Costa, Emilio Moura, Plinio Ribeiro, Ramos Cesar e José de Almeida.

Agradecendo a bôa vontade com que acudiram a seu appello e estampando na integra os alludidos trabalhos, que serão de muita utilidade para o professorado, foi resolvido pela redacção que os premios se concedessem desta vez apenas ao professorado primario, excluindo-se da classificação os trabalhos assignados pelos professores de escolas normaes e assistentes technicos.

Assim, quanto ao caderno de preparação de lições, foram julgados melhores os seguintes trabalhos e concedidos os seguintes premios:

1.º premio — Professor Arthur Mendonça de A. Mafra, director do grupo escolar de Sete Lagoas.

2.º premio — Professora Zelia Rabello, directora do grupo «D. Pedro II», desta Capital.

Quanto ás aulas modelos, bem que em menor quantidade, são de excellente qualidade e todas serão aproveitadas pela «Revista», alcançando premios os seguintes trabalhos:

1.º premio — "Centro de interesse: o café". Professora Zilda Gama, do grupo escolar "Salles Marques", de Porto Novo.

2.º premio — «Centro de interesse: A agua. Professora Philocelina da Costa Mattos Almeida, do grupo escolar de Barbacena.

3.º premio — Aula de geographia do 1.º anno: A sala de aula. Professora Maria da Gloria Ferreira da Silva, do grupo escolar de Palmyra.

4.º premio — Centro de interesse: A laranja. Professora Laura Magalhães, do grupo escolar de Nova Lima.

CONCORRENTES

Concorreram ao concurso sobre o caderno de preparação de lições as seguintes pessoas: Firmino Costa, Maria José Moreira de Barros, Gasparino Rocha, Jair Guimarães de Paula, Amelia de Faria Soares, Olympia Duarte, Zina M. Gouveia, Luiza Oliveira de Faria, Maria Isabel Prado, Laura Magalhães, Margarida Silva, Quirino Pires de Lima, Ivone Guimarães, Philocelina da Costa Mattos Almeida, Luiz Gonzaga Junior, Aurea Pereira Rodrigues, Maria Mercedes Corrêa de Oliveira Mourão, Esther de C. Breyer, Emilio Moura, Oscar Arthur Guimarães, Olyntho Pereira da Silva, Carlos Cruz Homem, Arthur Mafra, José S. Cordeiro Valladares, José Borges de Moraes, Melchiades da Costa Lage, Anna Freitas, Anna Augusta Passos, Ranulpha Martins Guedes, Plinio Ribeiro, Amelia Justina de Carvalho, Sergio Ferreira, Zelia Rabello, Alfredo Duarte da Costa, Amelia Monteiro, Joaquim Monteiro Noronha, Nair Arruda, Maria Julia Sandy Cabral, Fausto Gonzaga, Washington Floriano, Antonio Candido de Araujo, Marianna Ernestina Corrêa, Ernesto Carneiro Santiago, Philomena Mattos Rocha, Minervina Candida de Oliveira, Antonia Fernandes Torres, Uma professora mineira, Eulina Joviano dos Santos; Ramos Cesar; Violeta S., Flor de Lys e R. J. H. (53).

Ao concurso de aulas-modelo, concorreram as seguintes pessoas: Professor A. S., Maria de Lourdes Pereira da Silva, Luiza Soares de Mattos, Alzira Campos Vieira, Amelia Monteiro, Ismenia Adelia de Mesquita, José de Almeida, Melchiades da Costa Lage, Anna Freitas, Josina Motta, Clotilde Magalhães, A. M., Marieta de Araujo, Laura Magalhães, Luiza Oliveira de Faria, Philocelina da Costa Mattos Almeida, Marianna Noronha Horta, Carlos Cruz Homem, Maria da Gloria Ferreira da Silva, Nina Clara Benjamin Monção, Zilda Gama, Quirino Pires de Lima, Gercina Raymunda Cardoso, J. Braga e Minervina Candida de Oliveira (25).

—Por haverem chegado á redacção depois do dia 15 de fevereiro, deixaram de ser julgados, mas não serão esquecidos pela «Revista», os trabalhos enviados por: José Americano Brasileiro de Moura, S. Francisco de Oliveira; Romeu Venturelli, Christina: Aymoré Dutra, Mirahy; Pedro Mendes da Paz, Lima Duarte; Leoncio Ferreira da Silva, Prados; d. Catharina Silveira, Japão; d. Maria de Barros Leite, Caeté; e d. Margarida Praxedes Torres, Rio Preto; João de Abreu Salgado, Tres Pontas; Eulalio Baptista de Assis, Botelhos. João Machado, Capitolio; Aurea Maria Santos, Mar de Hespanha: Antonio de Paula e Silva, Santa Rita do Sapucahy; Edmundo Vieira, Borda da Matta; Maria do Carmo Ferreira, Cabo Verde; José Americo da Costa, Rezende Costa; Carlota Alves Silveira Amaral

Santa Maria do Suassuhy: Maria Theodora e Silva, São Sebastião da Bella Vista; José Coelho de Lima, S. José da Lagôa; Antonia Margarida Silva, Vespasiano; Luiz Ducca, Campestre.

Os trabalhos premiados

Arthur Mafra

E' o seguinte o trabalho do professor Arthur Mafra, collocado em 1.º lugar no concurso relativo ao caderno de preparação:

«*Primeiro thema: quaes são as vantagens do caderno de preparação de lições?*

A pergunta presupõe a necessidade da preparação das licções. Nem ha quem conteste as vantagens desta.

O Regulamento, em seu art. 316, prescreve, obrigatoriamente, aos professores, não só aquelle trabalho, mas ainda determina o registro das lições na caderneta propria.

Fel-o, sem duvida, tendo em vista as vantagens da medida, que, a meu ver, são muitas:

1.º Permitte a verificação efficiente da preparação;

2.º Facilita aos directores e inspectores o julgamento do valor do ensino ministrado;

3.º Revela si os methodos e processos são *sempre* postos em pratica com zelo e criterio, e si estão de accordo com as theorias mais correntes e recommendadas nos programmas e regulamentos;

4.º Revela, ainda, si a dosagem da licção está de accordo com o factor tempo, determinado nos horarios officiaes;

5.º Mostra si os processos de ensino são adequados ao nivel mental dos alumnos, e si estão de accordo, além disso, com as condições do meio;

6.º Prova o emprego do material didactico, permittindo, pois, verificar-se si o ensino tem sido intuitivo e, ainda, se aquelle material foi apresentado aos alumnos no momento opportuno, no correr da licção;

7.º Offerece meios seguros á constatação dos resultados objectivos dos diversos methodos de ensino empregados, uma vez que os directores e inspectores folheando a caderneta e arguindo os alumnos, possivel se lhes torna a aferição do gráo de aprendizagem, o que suggerirá conselhos e providencias no sentido do desenvolvimento de um ensino cada vez mais efficiente;

8.º Tendo como elementos subsidiarios de prova o ponto diario, as provas escriptas e os cadernos de exercicio, além das informações respeitantes á ordem e disciplina da classe, a caderneta é o principal documento para a classificação dos professores em categorias, conforme os resultados do seu trabalho revelados nos primeiros e tendo em vista, primordialmente, a capacidade profissional attestada no ultimo elemento - a preparação escripta da licção;

9.º Mediante a preparação, a aula deixa de ser improvisada e, á vista do registro da licção, o professor não faz esperdicios de tempo, com vacillações em pontos fracos da preparação, que, sendo escripta, lhe permitte uma consulta furtiva (sem que os alumnos o percebam, para não lhes matar a confiança no mestre);

10.º A aula torna-se attrahente, porque a licção deflue suavemente, sem grande esforço da parte do professor, que ficará isento do mau humor de que são presas aquelles que entram mal preparados ou mal garantidos numa sala de aula, onde devem realizar trabalho proveitoso, durante muitas horas, ininterruptamente;

11.º O registro da licção na caderneta põe o professor a salvo de possiveis omissões momentaneas da memoria, tão communs a quem ensina

evitando que *mate o tempo* com digressões inuteis, como sóe acontecer naquella conjunctura;

12.º Do registro methodico e bem seriado de todas as licções, depende a orientação segura do rumo que tem o professor a seguir no desenvolvimento geral dos programmas;

13.º Fazendo sem esmorecimento e com zelo o registro na caderneta, o professor se poupa, para o futuro, á tarefa de consultar compendios para novas preparações;

14.º O registro faz gravar na memoria do professor os pontos essenciaes a tratar na licção e colloca nas devidas proporções os que são meramente secundarios, de importancia relativa ou inaccessiveis á intelligencia dos alumnos, evitando, ainda, a incoherencia e a obscuridade de pensamentos;

15.º Muitas considerações que dizem respeito ás condições do meio a que serve a escola só podem ser adquiridas por observações pessoaes, *in-loco*, e não nos programmas e nos compendios, senão pois, na experiencia do proprio professor, as quaes deverá registrar, por escripto, para sua melhor coordenação e associação com outros pontos do programma;

16.º Ainda que nenhuma vantagem decorresse de tal registro, a que vae mencionada por ultimo, seria, por si só sufficiente para tornar muito razoavel e util a exigencia do art. 316. Os professores primarios, na sua maioria, são dotados de um *verbalismo* caracteristico á classe (assim falo porque sou professor). Lêem obras didacticas e sobre outros assumptos, embora estas em menor proporção, por causas diversas, que aqui não vêm a pello investigar. Falam muito durante a aula e durante o anno lectivo todo: falam a vida magisterial inteira. Mas, poucos, muito poucos, têm opportunidade de se exercitarem na difficil arte de escrever. Quer isto dizer que o professor lê, fala mais do que lê e nada ou quasi nada escreve. E a caderneta de preparação é, pois, um campo aberto á pratica continua da linguagem escripta, em cujo treinamento precisa o professor votar muito zelo, para que possa ser autoridade, tambem sob este aspecto, de grande e incontestavel valor para o seu merito profissional.

Segundo thema: Quaes as desvantagens do caderno de preparação de lições?

A unica desvantagem de que poderia ser arguida esta exigencia é a que diz respeito ao tempo que o professor consome para registrar suas licções. Entendo que a preparação é que toma tempo, mas tempo precioso num trabalho que é antes de tudo um dever de consciencia para o mestre.

Dizem alguns professores que o registro das licções occupa um tempo egual, senão maior do que o que se gasta na preparação. Isto não acontece, evidentemente, uma vez que a extenção a dar á escripta da caderneta não seja a que lhe attribuem os que assim julgam.

Deste modo, desapparece a unica desvantagem que, se subsistisse, redundaria, effectivamente, em prejuizo para o ensino, porque o estafante trabalho do professor o inhabilitaria para resistir physicamente ás lides de um anno lectivo sem interrupção. Neste ponto, os interesses do Estado se confundem, pois com os do professor. E o Regulamento, portanto, andou muito bem em não prescrever a extensão do registro.

Explanemos o assumpto.

O registro, como a preparação, pode ser considerado de dois modos:

1.º Tendo em vista o fundo da lição, denominando-se, neste caso: — *plano da lição*;

2.º Tendo em vista a *forma*:— *desenvolvimento da lição.*

Para elucidação, transcrevo o que Patrascoiu diz, a respeito, em sua methodologia: «La metodizacion consiste en confeccionar el plan y el bosquejo de la leccion. El plan comprende los diversos pasos successivos de la

clase. El bosquejo es el desarrollo metódico, con preguntas y contestaciol nes, de los pasos en el mismo orden en que están consignados en e-plan»

Baseado no citado autor, posso dar um exemplo do registro de uma aula de linguagem, feitas no mesmo algumas modificações. As palavras em grypho e as observações alusivas á orientação do professor constituem o *plano da licção* (fundo e a parte tocante ao trabalho ou actividade dos alumnos chamarei *desenvolvimento da licção* (forma).

(2.º anno)

Lingua Patria

Intuição do assumpto (Observação de uma gravura suggestiva: — a de n. 1 da collecção adoptada em Minas).

P. Que estão vendo nesta gravura?

(Os alumnos farão uma enumeração).

Descripção de scenas e situações. (Desenvolvimento da expressão verbal)

P. Que entendem desta gravura?

A. Um menino está correndo com a bola. (Exigir sentenças completas).

P. Vamos baptisar o menino que está correndo. Você, Mario.

A. O seu nome é Paulo.

(E assim por deante).

Resumo total da descripção: 1.º — Concretamente (com o quadro á vista)

2.º Abstract mente (na ausencia da gravura).

Neste passo da licção todos os alumnos devem collaborar na reconstituição da descripção, formando uma sentença cada um.

Nota No dia seguinte, será feito, no quadro negro, um exercicio escripto, de accordo com esta ultima phase: *Resumo total da descripção*, abstractamente, sempre que possivel cada alumno formando uma sentença.

No terceiro dia, cada alumno fará o exercicio em seu caderno.

—

Como a virtude está no meio, o professor não deve, pois, fazer tão pouco, registrando apenas o *plano da licção* mas tambem não precisa fazer por escripto o desenvolvimento integral da licção. Deve fazer o registro do plano da aula, dando em seguida a cada passo deste, resumidamente, ao menos alguns exemplos (uma amostra se assim se pode exprimir) *da forma* ou do *desenvolvimento* a ser dado ao assumpto a tratar, consignando entretanto, os pontos essenciaes da licção, no caderno de preparação.

Terceiro thema: Se se considerar inutil a medida, qual o melhor meio de se estimular o professorado a preparar as licções e de verificar essa preparação?

Esta pergunta está prejudicada com as respostas dadas ás duas primeiras».

D. Zelia Rabello

O trabalho de d. Zelia Rabello, classificando em 2.º premio, é o se-

«A instituição do caderno de preparo de licções tornado obrigatorio pela ultima reforma do ensino primario veio apenas regularizar e tornar official, de modo a poder ser apreciado e fiscalizado pelas auctoridades escolares, um instrumento de ensino que sempre existiu. De facto, qual o professor zeloso que não tem, que não teve sempre uma caderneta de notas com sua maior ou menor collecção de problemas e exercicios, o resumo das li-

ções a explicar, a relação das palavras proprias para exercicios de orthographia, os nomes dos alumnos que precisam ser mais «apertados» em tal ou tal disciplina, etc ?

Agora dirá a administração do ensino: «Pois bem! Si era uma coisa já existente, qual a razão da reacção levantada contra a instituição?» As razões são diversas. 1.º falta de comprehensão, da parte do professorado, que entendeu, não sei porque, talvez por inspiração de pessoas mal avisadas, que era preciso estabelecer, para cada uma das oito ou dez aulas diarias, um plano tão completo que nelle se exarassem até as provaveis objeções de respostas dos alumnos em tal ou qual exposição ou arguição: no começo do anno passado houve professoras que em pouco mais de mez encheram um caderno de 100 folhas com esse trabalho debater clara d'ovo. E como o caderno devia ser apresentado á auctoridade escolar, faziam naturalmente um rascunho; e, a fazer o rascunho e passal-o a limpo diariamente, gastavam umas duas ou tres horas; como tinham tambem que corrigir os exercicios dos alumnos e com isto deviam gastar 2 ou tres horas, conforme o tamanho e adiantamento da classe, lá iam 4 a 6 horas por dia dispendidas com o ensino, além das 4 de aulas no grupo. Isso assim, de facto, é alem de inutil, prejudicial porque rouba o tempo que a professora empregaria melhor lendo ou estudando. Houve mesmo quem entendesse que no caderno devia vir copiado o trecho de leitura a ser lido pela classe, o trecho para o dictado, etc. Houve mais quem exigisse que, si a lição era dada hoje e tinha que ser repetida amanhã, devia a professora outra vez copiar as mesmas coisas para o dia seguinte.

O outro motivo forte de reacção foi a conhecida e antiga lei do menor esforço: as pessoas zelosas que já faziam a coisa, mas a seu modo e para o seu uso, e que entenderam de lhe dar uma forma mais cuidada ou mais apparatosa, revoltaram-se com a quantidade de tempo exigido para es e trabalho; por outro lado, as outras menos zelosas que talvez nada preparassem, nada previssem para as suas aulas, estas revoltaram se ante a espectativa de um esforço e um trabalho a que não estavam habituadas e que na sua experiencia, julgavam inutil. E o clamor desta ultima categoria é, e foi em todos os tempos, o que se ouve mais alto, pois traz em si um pouco de inconsciencia do grito infantil, do grito da criança cheia de mimos que sapateia e clama: «Não quero, não faço!»

Diante de tudo isso, o que parece necessario é que a administracão de ensino estabeleça um padrão para esses cadernos, os quaes entendo que devem ser simples e despretenciosos, obedecendo ao principio de utilidade sem desperdicio de tempo.

Nestas condições, o professor que se senta á mesa de trabalho para preparar as aulas do dia seguinte, começando pela de leitura, por exemplo, deverá percorrer o trecho a ser lido pela classe, verificando no diccionario a pronuncia e significação das palavras que por ventura desconhecer; deverá notar com um insignificante signal a lapis as palavras sobre as quaes tenha de chamar mais particularmente a attenção dos alumnos pela significação, pronuncia ou orthographia, e, em seguida, lançar no caderno: «Leitura das paginas ns. tal e tal, do livro tal, chamar a attenção para as palavras marcadas com tal signal; chamar particularmente a attenção da classe para o conceito, pensamento ou idéa do periodo ou periodos assignalados com o signal tal».

Conforme seja o assumpto sobre que versar o trecho de leitura, apresentar á classe photographias, gravuras, ou (o que é melhor) objectos visiveis e palpaveis pelos alumnos, em relação directa com as idéas e noções exaradas no trecho de leitura, objectos estes que o professor terá á mão em cima da mesa, dentro de um enveloppe ou caixinha apropriada.

Trata-se agora da aula de lingua patria, é um dictado que se vai fazer? Escolha-se o trecho, notem-se as palavras de orthographia especial e lance-se no caderno:

«Dictado do trecho assignalado á pagina tal, de tal livro, chamar previamente a attenção da classe para a orthographia das palavras assignaladas com tal signal».

Ou o que é melhor:

«Dictado do seguinte trecho:»

....

Chamar previamento a attenção da classe para a orthographia das palavras marcadas com tal signal».

Acho excessivamenie trabalhoso e desnecesario copiar no caderno o trecho de leitura, mas não o de dictado. Sendo este geralmente escolhido ou preparado pela professora, com um certo trabalho e extrahido muitas vezes de um livro que não o de leitura na classe, é muito util, sob todos os pontos de vista, que o professor o tenha copiado no seu caderno, onde, com o correr do tempo, terá feito uma verdadeira selecta para seu uso.

Passando á aula de arithmetica, lançará no caderno os problenas, exercicios numericos escriptos e exercicios de calculo mental, tudo bem dosado, calculado e numerad · (este ultimo cuidado é para o aproveitamento posterior dos mesmos exercicios que naturalmente serão utilisados mais tarde em recapitulações ou em outros annos, sem que haja necessidade de escrevel-os de novo.).

Trata-se agora da aula de historia patria? Lance-se um eschema da exposição a fazer, um eschema em que figurem os principaes nomes com os seus principaes feitos, as datas mais importantes com o que ellas assignalam, o esqueleto emfim sobre o qual urdirá o professor a sua exposição, evitando assim uma explicação feita a esmo, onde muitas vezes se deixa de falar em cousas indispensaveis e desvia-se a attenção para episodios de somemos importancia. Para coadjuvar a sua exposição levará o professor á sua mesa, tanto quanto possivel, photographias, desenhos, gravuras, objectos em relação directa com a lição. Uma cousa muito util nessas lições de historia são poesias e trechos de prosa escolhidos e relacionados com o assumpto, peças que devem vir copiadas no caderno para aproveitamento immediato e ulterior, como os trechos de dictado, os exercicios de calculo, etc.

A organizar um caderno de preparo de lições no molde que acabamos de expôr, gastará o professor algum tempo, sem duvida, mas estrictamente o tempo necessario e indispensavel para que a sua classe obtenha um maximo de aproveitamento e o seu trabalho um maximo de efficiencia, evitando o exercicio da actividade dispersiva, infelizmente tão commum, e que mais cansa e entedia do que aproveita.»

D. Zilda Gama

E' esta a aula-modelo apresentada por d. Zilda Gama (1.º premio no concurso respectivo); e illustrada com bellos desenhos:

«Centro de interesse, o café. 2.º anno, 1.º semestre.

A professora mostrará ás creanças um ramo de caféeiro com fructos maduros, seccos, ou verdes. Dir-lhes-á:

—Vamos estudar, hoje, o rei dos vegetaes cultivados no Brasil—o *Café* —o qual é muito vosso conhecido.

Prestae a attenção. Vou escrever no quadro negro a vossa lição de

LEITURA

«O cafeeiro é um vegetal, ou uma planta, muito cultivado em nossa *Patria*. Seus ramos são de uma bonita folhagem verde. Sua florescencia é branca. Seus fructos, quando maduros, são vermelhos. Colhidos estes, depois de seccos, são depositados em grandes terreiros cimentados, sempre revolvidos com rolos ou pás. Depois de preparados em engenhos são ensaccados. Para converter o café em tonificante bebida, basta torral-o, pulverisal-o e, depois de fervido em agua pura, filtral-o em um *coador*. Attribue-se a sua descoberta a um pastor da *Ethiopia*, o qual notou que as suas cabras manifestavam extraordinaria vivacidade, quando tocavam as folhas, e os fructos de certo arbustro chamado caféeiro».

Arithmetica

I. Problema: José plantou 13 mudas de cafeeiro, Antonio, 14, e Jacy 16, no pomar de sua habitação. Quantas mudas de cafeeiro plantaram os 3 meninos? Resposta:

José—13 mudas de cafeeiro
Antonio—14 » » »
Jacy—16 » » » 13+14+16=43 m. c.
Total 43 » » »

II. Problema. Antonietta colheu 26 kilos de café e vendeu 12. Com quantos kilos ficou Antonietta? Resposta:

26—12=14 kilos de café.

Escripta. Associação

Falando-se a respeito do *café* occorrem á mente as seguintes idéas que a elle se associam, as quaes deveis escrever em vossos cadernos, servindo de themas para outras palestras:

Os cafesaes—pouco distantes de uma *fazenda*, ou de um *sitio*,—alinhados nos morros; os *terreiros cimentados*, onde seccam ao sól os côcos já amadurecidos: as *tulhas* onde são elles recorridos; ou *engenho* ou *despalpador*, o *ventilador* onde são despojados da casca, da pellicula e do pó que os envolvem; as *saccas* onde são acondicionados para a exportação; os *jornaleiros* que fazem as colheitas; os *carros de bois*, ou os *caminhões* que os conduzem para o mercado ou para as estações das vias ferreas onde os embarcam.

Lingua Patria

Na palavra *café* vemos um signal, ou accento lexico, sobre o *é*, indicando o som forte da 2.ª syllaba. Sem elle seria *café*, e não *cafe*. Ex. de outras palavras nas quaes empregamos o *accento agudo*: sofá, bambú, rapé, etc. O accento agudo só é collocado sobre as *vogaes a, e, o* e *u*. Na vogal *i* é raramente empregado, pois é substituido pelo *y*. Ex: Parah*y*ba, Arac*y*, sapo*ty*, etc.

De *café* nós podemos formar, ou derivar, os seguintes vocabulos: cafe sal, cafeeiro, cafeona, cafeina, caferana, cafeteira, cafezista, Cafelandia (des ignação de uma *fazenda* situada no municipio de Além Parahyba), etc. Ex plicará a professora o sentido de cada um desses vocabulos.

Geographia

O cafeeiro é originario da *Ethiopia*, região situada na *Africa*, uma da partes em que se divide a *Terra*, o globo que habitamos. Ha uma variedad de café que se denomina *Moka*, a mais apreciada. *Moka* é o nome de um as cidades da *Arabia*, situada em outra parte do mundo em que vivemo maior, chamada *Asia*. O café é mais cultivado em S. Paulo, Minas Geraes

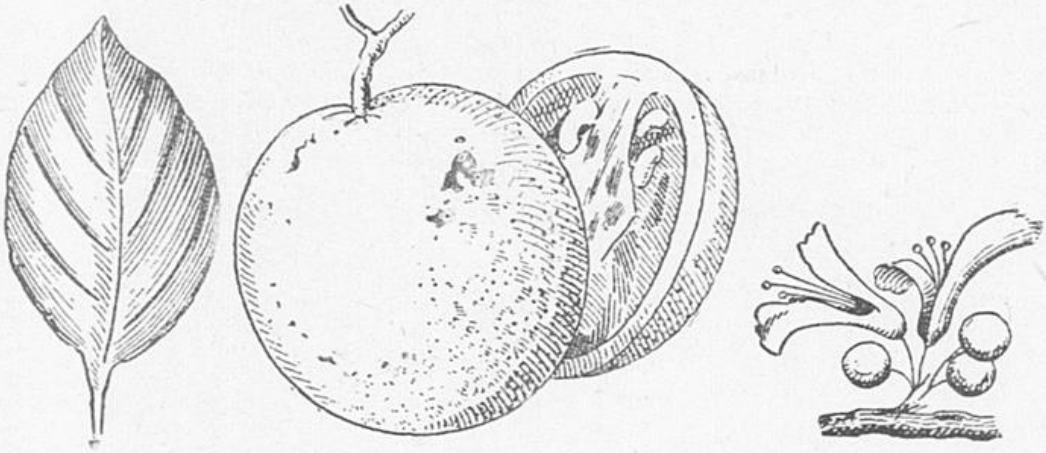
Rio de Janeiro, Bahia e Espirito Santo. (Apontar os 5 mencionados Estados e paizes nos mappas muraes). O Brasil é o maior productor de café do mundo. A exportação do café nos dá por anno mais de *1 milhão* de contos de réis! Em 1 925 foram exportadas 9.101.026 saccas de café, na importancia de 2 *milhões* de contos de réis!

Sciencias Naturaes

cafeeiro, denominado *Coffea arabica*, eprtence á familia das *rubiaceas*, á qual pertencem tambem o genipapo e a quina. E' um arbusto de 1m. 1/2 a 2m. de altura. Suas flores são pequeninas, alvas e perfumosas. Seus fructos são tambem pequenos, cada um delles formado de duas sementes. Ha diversas especies de café, sendo a mais apreciada a que se chama mundialmente — *Moka*. Em Minas Geraes, na *Zona da Matta*, que é a região cafeeira, a colheita ou *safra* de café se faz em fevereiro.

Desenho

Desenhar uma chicara, um bule, etc. Contornar folhas de cafeeiro, já comprimidas entre paginas de livros, collocando-as, após, em cadernos apropriados. Desenhar fructos de cafeeiro, verdes ou maduros.



Hygiene

O café tem um acção *tonica* e *estimulante* no organismo humano. Deve, porém, ser usado com moderação, pois o seu abuso produz molestia *nervosa e insomnia*.

Antes de de ser torrado deve ser lavado cuidadosamente para desalojar das sementes algum pó, sempre nocivo á saúde.

As vasilhas, ou utensilios, em que fôr servido, devem ser escrupulosamente limpos, cobertos com uma toalha, para se evitar que alguma prejudicial *mosca* pouse sobre ellas.

Cafeina é um remedio (*alcaloide*) extrahida do cafeeiro, applicado mundialmente para combater enfermidades internas.

Instrucção Moral

A cordialidade faz parte da educação ou civilização dos povos. Devemos ser cordiaes, ou amaveis, para com as pessoas de nossas relações. E' uma excellente prova de amabilidade no Brasil a offerta de *uma chicara de café* aos visitantes.

Esse louvavel costume nacional vae se generalisando por diversos paizes do mundo Devemos ser affaveis e uteis aos nossos semelhantes, como o foram o P. Velloso e o marujo F. Palheta, que, com sacrificio e *civismo*, dotaram nossa Patria de um vegetal precioso, que constitue nosso justo orgulho e uma eterna fonte de prosperidade para o nosso amado *Brasil*.

D. Philocelina Mattos

O trabalho de d. Philocelina da Costa Mattos Almeida, detentora do 2.º premio, está assim elaborado (acompanha-o um bom desenho):

«Uma aula de lições de cousas. Escola activa. Plano da lição. (Para o caderno de preparação das lições).

Processo objectivo—intuição indirecta, e artificial.

Centro de interesse *A agua*.

Material—Um copo d'agua, em provete vasio, um bloco de gelo, uma chaleirinha e um fogareiro para ferver agua.

Observação:

a) Chamar a attenção da classe para o centro de interesse;

b) falar sobre a importancia e necessidade da agua, sobre a sua utilidade em todos os ramos do progresso;

c) apresentar aos alumnos o material da lição.

Associação

a) Mostrar á classe a agua do copo e fazer que, intuitivamente, todos os alumnos, investigando e comparando, descubram as propriedades physicas da agua, examinando-lhe a côr, provando-a, cheirando-a e passando-a do copo para o provete, afim de que verifiquem que a agua não tem forma propria;

b) guiar os alumnos para que reconheçam as vantagens da bôa agua e os perigos da agua impura;

c) apresentar o gelo; provocar perguntas e respostas sobre a côr, a temperatura, a procedencia e o estado physico do mesmo; sobre seu valor terapeutico, industrial e commercial; sobre saraivadas, aguas con geladas e terras polares, fazendo que os alumnos as descubram no mappa.

Historia Patria

O uso do café generalizou-se por todo o *Oriente* a partir do seculo XV. Depois de muita oppo ição dos medicos foi introduzido na *Europa*.

Em Minas o seu introductor cha ma va-se P.e José da Conceição Ve loso, natural de *S. José d'El-Rey*. Viajava elle para o Brasil quando, havendo pouca distribuição de agua a bordo, bebia metade de sua ração para poder regar as preciosas mudas de cafeeiro que trazia para nossa terra. O marinheiro lusitano Francisco de Mello Palheta que, illudindo a vigilancia dos nativos da *Guyana Franceza*, trouxe p.ª o Brasil cerca de 1.000 sementes de cafeeiro, merece tambem especial menção. Em 12 de outubro de

1927 o Brasil festejou o II Centenario do *Café*, fonte de grandeza nacional. Um galho de cafeeiro figurou na bandeira nacional na época da Monarchia e, depois de proclamada a Republica, ostenta-se no seu escudo e no de Minas Geraes, symbolisando a maior riqueza agricola de nosso paiz.

3.ª Feira

Noções de cousas

(Depois de recapitular as lições do dia anterior).

O café é torrado em *tachas*, ou em apparelhos apropriados, que se denominam *torradores*. Depois de torrado é reduzido a pó finissimo, isto é, pulverisado no *moinho* ou nos *pilões*, fervido em *chaleira* ou *tachinho*, filtrado em *coador*, que é feito de panno grosso, com a fórma ponteaguda. Depois de coado é vertido em um *bule*, ou numa *cafeteira*, ou servido com assucar em *chicaras*, *canequinhas*, *ou tijelas*, collocado sobre uma *bandeja*, ou unicamente sobre uma *mesa*.

Realizações

a) Fazer que os proprios alumnos fervam a agua e observem a formação do vapor;

b) guial os para que descubram a importancia do vapor nas vias ferreas, na navegação, na industria e no commercio;

c) mostrar-lhes o valor da agua como elemento do progresso;

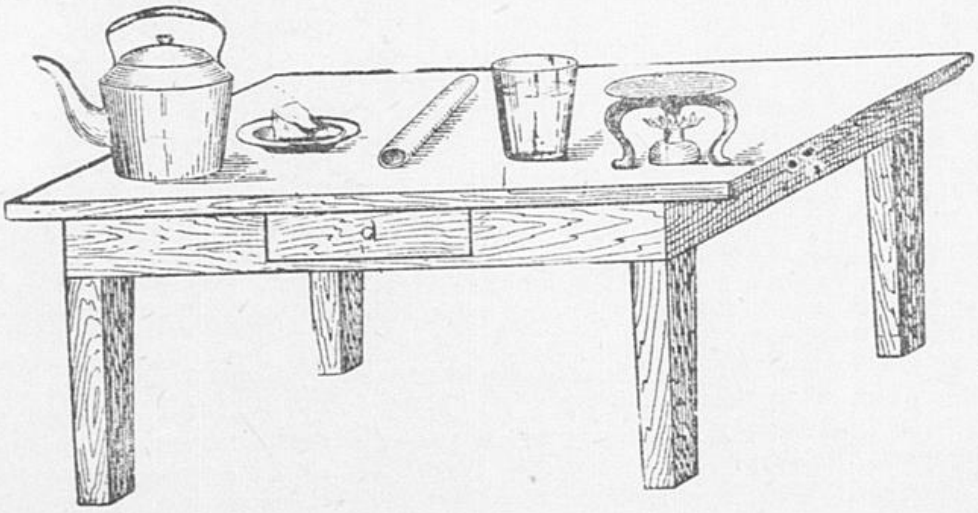
d) dar-lhes idea da fabricação do gelo;

Expressão Graphica

Determinar que cada alumno desenhe um dos objectos empregados nesta aula.

Desenvolvimento da lição

Professora:—Desejo que fiquem todos bem attentos, porque a lição de hoje será muito interessante; vou falar-lhes sobre a agua que vocês já conhecem muito bem e de que se utilisam diariamente. A agua é tão importante, quanto necessaria; é indispensavel á conservação da vida e ao desenvolvimento de todos os seres vivos; é, em resumo, a força que alenta as artes, sciencias, industria e commercio. Aqui está o nosso material, (mostrando): um copo d'agua; um tubo vasio e fechado em uma de suas extremidades; um pedaço de gelo; uma chaleirinha e um fogareiro para fervermos agua.



Comecemos pelo copo (levando-o para junto das creanças). Que é que você está vendo dentro deste copo, Oswaldo?

Oswaldo—Agua.

Professora—Bem. Você enxerga minha mão do outro lado do copo, João?

João—Enxergo sim, senhora, e até parece que a agua é tambem de vidro.

Professora—Parece, mas, não o é Digamos então que ella é transparente, isto é, que deixa ver, atravez de si, um outro corpo. Como estão vendo, a agua não tem côr e é por isso que a dizemos *incolor*. A gua turva apresenta uma certa coloração, e não serve para a nossa bebida diaria, portanto só devemos tomar agua bôa—limpa, clara e filtrada, não é Martha?

Martha—Mas, ha muita gente que não pode comprar filtro.

Professora Sim, mas essa gente pode pôr dentro da agua um pedaço de carvão de pedra que, além de purifical-a, é um microbicida, isto é, mata os microbios que permanecerem vivos; ou, o que é ainda mais facil, essa gente pode ferver a agua, á tarde, deixal-a esfriar durante á noi e e, no dia seguinte, passal-a para uma vasilha apropriada, coando-a em pano bem limpinho. Que diz?

Martha—Ah! isso todo o mundo pode fazer.

Professora—Bem, veriquemos agora se a agua tem algum sabor. Prove Alberto, um gole desta agua; está filtrada, no *pasteur*.

(Depois que o menino beber) Que gosto tem?

Alberto—Não tem gosto nenhum.

Professora—Perfeitamente, a bôa agua não tem sabor. Ha, no entanto, certas aguas impuras (principalmente de poços ou tanques antihygienicos) que têm um gostinho.... de que, Maria Augusta? Já lhes falei nisso quando tratei das vantagens dos poços artesianos.

Maria Augusta—De sal.

Professora—E' isso mesmo; essas aguas são inconvenientes, prejudicam a saude e são chamadas *aguas salobras*.

Você está muito quietinho, Sylvio, vamos fazer algum acousa. Faça-me o favor de cheirar esta agua (apresenta-lhe o copo).

Sylvio—Não sinto cheiro algum.

Professora—Não? Pois, é justamente porque a bôa agua potavel é *inodora*, o que equivale a dizer—não tem cheiro. Você se se lembra, Carlos. da lição em que falamos sobre os estados physicos dos corpos?

Carlos—Do solido, do liquido e do gazoso?

Professora — Sim. Já vejo que se lembra muito bem, portanto vai dizer-me qual é o estado normal da agua, isto é, aquelle em que a encontramos nos rios, nas fontes, nas talhas etc.; a agua deste copo, por exemplo, em que estado se encontra?

Carlos—No estado liquido.

Professora—Disse muito bem. Todos vocês já devem ter comprehendido que a agua em estado liquido, não tem forma propria e que toma a a forma do vaso que a contem, como a deste copo, não é verdade? Vamos então passar um pouco desta agua para aquelle tubo. (Põe um pouco d'agua no provete).

Diga-me, Joaquim, si esta agua ainda conserva a forma do copo.

Joaquim—Não, senhora, agora ella tomou a forma do tubo.

Professora — Muito bem, mas, si eu a derramasse no chão, que aconteceria, Mozart?

Mozart—Ella se espalharia.

Professora — E, espalhando-se, iria tomar a forma plana das taboas do soalho. (Toma o gelo) Vejamos este pedaço de gelo; observe tambem que esta agua que está no fundo do pires, sahiu do gelo e, si o deixarmos ahi, no fim de certo tempo só haverá agua, portanto, quero que você me diga que é o gelo.

Nilce – Então o gelo é agua.

Professora — E', mas não no estado liquido, porque a agua em estado de gelo tem a sua forma propria, é mais ou menos dura e não se espalhará si o deixarmos sobre a mesa, logo, não é mais um liquido. Você vae me dizer qual é o estado physico do gelo, Itamar.

Itamar — Solido, e até parece um pedaço de crystal.

Professora — Não ha duvida. Paulo, você conhece alguma applicação do gelo?

Paulo – Serve para fazer sorvete.

Edson Posso falar tambem ?

Professora — Pode, e até deve; na escola activa, todos precisam trabalhar, observando, porem, certa ordem e falando, cada um, de sua vez, para não haver indisciplina. Que é que você vai dizer ?

Edson — Quando Nenem estava doente, o medico mandou pôr capacete de gelo na cabeça delle.

Professora — E' uma bôa medida, pois o gelo se emprega tambem em medicina, nos casos de meningite, appendicite, ulceras (feridas) no estomago, etc.

E você sabe para que serve o gelo, em taes casos ?

Edson — Creio que serve para baixar a febre, porque o gelo é tão frio!

Professora — E' frio, mas não é para isso que o empregamos, pois, quando uma pessoa tem febre, esta invade o organismo, e a applicação do gelo é local: na cabeça, quando se trata de meningite; no ventre, do lado inferior direito, si é um caso de appendicite; na altura do estomago, um pouquinho acima da cintura, si se tem em vista o tratamento de uma ulcera e assim por diante.

Laura — Então para que serve o gelo ?

Professora — Já lhe digo: O gelo é empregado, sempre que se quer immobilisar uma parte do organismo. Por exemplo: a pessoa que tem meningite, bate muito com a cabeça, como querendo afastar a dor; ora, applicando-se alli o gelo, elle deminue o *movimento do sangue no cerebro* que fica meio insensivel; então o doente pára de bater com a cabeça, porque melhorou da dôr.

Cid — Por isso é que no tempo de frio a gente nem sente os dedos porque elles ficam duros.

Professora — Quem é capaz de dar outra applicação do gelo ?

Elisa — Quando fomos á charqueada, o gerente nos mostrou as carnes geladas que iam para o Rio.

Professora — Sim, essas carnes são collocadas em *camaras frigorificas*, quartos forrados de cortiça onde o gelo as conserva em perfeito estado; é ainda graças ao gelo que temos aqui no interior, o peixe fresco que nos mandam do Rio.

Jair — Que engraçado, mandamos a carne de vacca para o Rio, e, de lá nos mandam peixe, hein ?

Professora — Nisto é que consiste o verdadeiro commercio, isto é, a troca de mercadorias. Além desses blocos grandes que se vêm por ahi, haverá outras formas de gelo, Nelson ? Lembre-se das manhãs de junho, das chuvas...

Nelson. — Já sei, ha o gelo que cae na chuva de pedra.

Professora. — Sim: a pedra da chuva, ou melhor o *graniso* da *saraivada*, é o gelo que se forma pelo resfriamento natural das aguas na atmosphera

e que cai de envolta com as aguas; ha tambem a *geada* que é o gelo pulverisado; esta cae, sem chuva, no tempo do frio e chega ás vezes a accumular-se em camadas muito espessas que aniquilam as plantações, quando não as matam. Tambem se congelam as aguas dos rios, lagos, etc., nos lugares muito frios e ha regiões que são constantemente cobertas de gelo, como as terras polares.

Venha cá, Nilda, mostre-nos estas terras no mappa, e olhe que ellas são *arcticas* e *antarcticas*.

Nilda.—São essas manchas brancas alli ao Norte e aqui ao Sul?

Professora.—Perfeitamente. Agora que já conhecemos a agua nos estados *liquido* e *solido*, que é que nos falta, Léa?

Léa. Falta o estado de vapor.

Professora.—Então, venha você, Tarcisio, riscar um phosphoro para accender este fogareiro, emquanto Wilson põe nesta chaleirinha, a agua daquelle copo. Quero que vocês trabalhem sob a minha direcção, não fica bom assim?

Geraldo.—E eu, não faço nada?

Professora.—Espere, Geraldo, você e seus companheiros terão a sua hora; prestem attenção que isto aqui é muito interessante.

Agora, Wilson, colloque a chaleirinha no fogareiro. Emquanto esperamos a fervura, para se formar o vapor, conversemos mais um pouco.

Diga-me, Geraldo, você que reclamou, sabe alguma cousa sobre o vapor? Lembre-se das locomotivas.

Geraldo.—Sei que o vapor tem muita força, porque faz andar um trem de ferro

Professora. Então, você sabe muito. E' realmente a força do vapor que move a locomotiva para que ella faça os carros deslisarem pelos trilhos. E, quanto aos navios, sabe alguma cousa, Déa?

Que é que os impelle sobre as aguas?

Déa.—Com certeza é o vapor, não e?

Professora.—Sim, você fez uma bella deducção. Acha alguma vantagem nas locomotivas e nos navios, Pedrinho?

Pedrinho.—Acho muita, porque a gente pode ir de trem daqui ao Rio e pode ir até á Europa, de navio.

Professora.—Comprehendeu bem, mas, além de nos transportar a lugares remotos, tanto a locomotiva como o vapor, transportam tambem mercadorias, impulsionando a industria e o commercio; estabelecem relações entre as cidades, os Estados e as Nações; em uma palavra, levam a civilisação ás regiões por onde passam. Notem ainda que, em se tratando de navegação, é tambem a agua factor muito importante, porque supporta e conduz as embarcações. Quem já viu um navio ou uma barca, levante a mão. (Déa levanta a mão) Onde foi que você vio o navio Déa?

Déa.—Pintado no meu livro, e no cinema.

Professora.—Pois, muito breve farei, com vocês aqui na classe, um navio em miniatura e, quando fizermos uma excursão, leval-o-emos, para lançal-o nas aguas, como se fosse um *navio* de *verdade*.

Pedrinho.—Que bom, neste dia não hei de faltar.

Wilson.—(quando a agua começa a ferver) Está fervendo a agua!

Professora.—Olhem o vapor sahindo aqui. Escutem o barulhinho da tampa. Sabe, Tarcisio, porque é que a tampa está batendo?

Tarcisio.—E' por causa da força do vapor.

Professora.—Justamente. Então já vocês viram que a agua não é apenas uma bebida indispensavel, mas, é tambem um grande factor de progresso, quer no estado liquido, formando os lagos, os rios, os mares e as

cachoeiras que movimentam muitas machinas, como as productoras de electricidade; quer no estado intermediario, formando o vapor, quer no estado solido, formando o gelo. Ah! quando lhes falei na agua em estado solido, me esqueci de dizer que o gelo empregado nas industrias, no commercio, etc., é obtido artificialmente, por meio de machinas movidas a vapor, á electricidade ou mesmo pelas aguas, as quaes provocam a congelação da agua, em reservatorios apropriados.

Dyla.—Ha de ser muito bonito fazer gelo!

Professora.—E' muito interessante tudo isso, e, na primeira excursão que fizermos, passarei com vocês na cervejaria Saxonia, para assistirmos á fabricação do gelo e vermos as machinas a vapor; depois iremos á frigorifica onde terei occasião de lhes mostrar tambem uma cachoeira.

Wilson.—E o navio que a senhora vae nos ensinar a fazer?

Professora.—Irá tambem para ser lançado nas aguas da repreza. Agora, não ha tempo a perder; cada um de vocês pode desenhar um desses objectos que estão aqui na mesa. Amanhã, faremos o contrario do que fizemos hoje; vocês me hão de explicar esta lição e eu lhes farei perguntas, quando tiver as minhas duvidas. (Segue-se o desenho, para terminar).

Nota.— Estas perguntas e respostas que figurei aqui, por parte dos alumnos, serão sempre provocadas pela professora, que habilmente saberá tirar partido de todas as partes da lição, aguçando a curiosidade e aproveitando a actividade da criança».

D. Laura Magalhães

O trabalho de d. Laura Magalhães, lindamente illustrado com desenhos originaes, e contemplado com o 4.° premio, consta do seguinte:

«Uma aula de Noções de Cousas, para o 1.° anno, de accordo com o programma.

Centro de interesse. — A laranja.

Material: fructas diversas, taes como laranjas verdes e maduras, maçã, pecego, mamão, manga e lima.

Folhas diversas, entre ellas a folha do dragueiro ou mesmo uma folha vermelha muito encontrada como enfeite de jardim.

Croquis no quadro negro.

Observação

—O que tenho na mão? Uma fructa.

Todos os meninos conhecem esta fructa? Peguem-n'a, olhem-n'a bem; tem cheiro? Qual é o seu nome?

—Laranja.—E a arvore que dá laranja, como se chama? Laranjeira.

Temos aqui alguma laranjeira?

Não, mas lá em casa temos muitas laranjeiras.

—Qual é a côr desta laranja?—E' amarella.

—E desta?—E' verde. Porque uma é verde e outra é amarella?—Porque uma está madura e a outra não.

Esta parte da laranja que vocês vêm, em umas amarella e em outras verde, como se chama?—Casca.

Observem bem (mostrando-lhes a laranja), que a cascaa presenta uma porção de signaezinhos escuros como se fossem uns pequeninos furos—são os póros.

Prestem attenção no que vou fazer (descascando a laranja): tirando da laranja a casca, esse liquido que humedece o canivete e as mãos e que, quando cae nos olhos, tal-os arder—chama-se sumo. Logo depois da casca nota-

mos esta parte branca e macia que tem o nome de pellicula. Esta parte da laranja não é aproveitavel. Depois de tirarmos a pellicula, apparecem então os gommos, e, partidos estes, veremos então a parte que chupamos da laranja aonde está o caldo. Dentro dos gommos temos ainda as sementes (mostrar), que, lançadas na terra, darão depois uma nova laranjeira.

Depois de bem observado o assumpto descripto acima, pelos alumnos, será lançada em um vaso adrede preparado uma semente para que as creanças possam observar a germinação.

Associação

—Esta parte pequenina encontrada por nós dentro dos gommos e que eu lhes disse ser a semente, e que acabamos de plantar neste vaso que ficará exposto ao ar e ao calor do sol e cuja terra será conservada mais ou menos humida, germinará passados alguns dias, e, crescendo, com o cuidado que lhe vamos dispensar, será depois de transplantada para o pateo, uma nova laranjeira que nos dará laranjas boas si para isto dispendermos esforços

Germinada a semente, dará como já lhes disse uma nova planta. (Mostrar no quadro os croquis: uma arvore com raiz, tronco, galhos e folhas; flôres e fructos).

D. Maria da Gloria Ferreira da Silva

Aula-modelo assignada por d. Maria da Gloria Ferreira da Silva:

«Geographia—1º anno—

Direcções: como iniciação do estudo de geographia devemos nos limitar á observação de factos geographicos: os conhecimentos virão depois.

Trata-se primeiro de observar para depois raciocinar.

PLANO DA LIÇÃO

A sala de aula

Em linguagem clara e expressiva, fará o professor resaltar a importancia do conhecimento do meio ambiente.

a) O meio ambiente mais restricto é a sala de aula limitada pelas quatro paredes.

b) Traçar no quadro negro o plano da sala de aula (um rectangulo).

c) As janellas que se abrem para o exterior; factos geographicos que deixam ver; montes, valles, cursos d'agua (aspectos varios do sólo); céo claro ou nublado (outros variados aspectos).

d) Disfinguir e orientar esses variados aspectos percebidos á direita, á esquerda, na frente e nos fundos.

e) Localizar no plano já traçado as observações feitas, determinando direita, esquerda, frente e fundos.

f) Ensaiar com os alumnos a leitura do plano a que se chamará mappa da sala de aula, tendo sempre em vista o quadro natural.

g) Formar com os alumnos um rectangulo identico ao do quadro negro e exercital-os na orientação dada.

Obseevações: Esta lição que virá associada á de Noções de Cousas, pode ser dada em um ou mais dias consecutivos e o seu desenvolvimento maior ou menor dependerá do alcance das creanças.

O interesse que possa despertar será aproveitado para os diversos exercicios das outras disciplinas e dará orientação para as lições que se referem á escola e á sede escolar».

Esta arvore, isto é, a nossa larangeira terá: raiz, tronco, galhos, folhas, flores e fructos.

A raiz (mostrar) é a parte que fica dentro da terra; serve para firmar a planta no sôlo e para tirar deste os alimentos que elle contém e que são necessarios á vida da planta; é então como vocês acabam de ver, pela raiz que a planta se alimenta. O tronco é esta parte que fica fóra da terra (mostrar no croquis) e que sustem os galhos, que se parecem com o tronco, são, porém, mais finos (mostrar). As folhas ficam nas extremidades dos galhos (mostrar); é por ellas que a planta respira; as flores são os fu uros fructos e o fructo é por exemplo· a laranja, si nos vem da larangeira; um pecego, si vem do pecegueiro: uma manga, si vem da mangueira etc.

Vocês ignoram que as plantas respiram; pois respiram e com isto ellas nos fazem um grande beneficio.

Vou contar-lhes como é este beneficio: as plantas, sob a influencia da luz do sol, desprendem um gaz muito importante para a nossa vida, pois sem elle não poderiamos viver, morreriamos asphixiados; este gaz é o oxygenio; as plantas respiram o gaz nocivo, prejudicial á saúde e que nós expiramos (explicar) e transformam esse gaz no oxygenio. Se não fosse esse trabalho das plantas, em poucos annos ter-se-ia exgotado o oxygenio do ar e nós morreriamos, pois, sem o oxygenio não podemos viver.

Alem desse beneficio as plantas, isto é, a arvore nos dá: a madeira com a qual se fazem objectos innumeros e indispensaveis ao homem (dar diversos exemplos); medicamentos (exemplificar). etc. Arvores fructiferas—fonte de riqueza. Vejam, pois, a necessidade, que temos de cuidar das plantas; nenhum menino deverá estragal-as e sim procurar plantar novas e tratal-as com o cuidado que merecem.

Todas as arvores têm folhas, mas, como vocês já devem ter notado nem todas as folhas são verdes; ha tambem folhas vermelhas, como esta que tenho aqui; as folhas não têm em todas as arvores a mesma fórma reparem nestas que aqui tenho como são differentes umas das outras: esta da mangueira é comprida; esta da larangeira, bem menor, é de fórma muito differente; e esta do pecegueiro, será igual a esta do mamoeiro? Não, ha muita differença; nenhuma dellas é igual uma á outra. A laranja, por sua vez, é redonda; assim é tambem a manga? E o pecego será igual a esta?

—Diga-me uma fruta cuja forma se pareça com a da laranja.—A lima, a maçã têm quasi a mesma forma. Como se chama a arvore que dá maçã? —Macieira. Vocês conhecem-n'a? —Não. Vocês não a conhecem porque não a temos por aqui, devido ao nosso clima que é quente e a macieira é propria dos climas frios, ao contrario da laranja que dá em climas quentes.

Quaes as qualidades de laranjas que vocês conhecem?

—A serra d'agua, a campista, a selecta, a da Bahia, a laranja-pêra emuitas outras. Dar aos alumnos idéa de pomar, despertando-lhes o gosto pelo cultivo das plantas.

Expressão

Desejava muito que cada um de vocês desenhasse, nesse pedaço de papel, que já lhes dei, uma laranja e que colorissem o seu desenho com o lapis cuja côr seja igual á dessa laranja (mostrar uma laranja madura).

Actividade sensorial

Nesta mesa possúo diversas fructas; Eduardinho, com os olhos tapados, vae me dizer, pegando em cada uma e cheirando, os seus nomes.

Modelagem

Com este pedaço de argila façam os meninos uma laranja.

Aqui temos giz de diversas côres, e, depois de secca a laranja de argila, havemos de dar-lhe a côr natural.

Ficará tão semelhante ás laranjas da laranjeira que vocês mesmos terão vontade de chupal-a, crendo ser uma laranja de verdade.»

TRABALHOS RESUMIDOS

Na impossibilidade material de publicar na integra os trabalhos recebidos, damos aqui um resumo de todos os relativos ao caderno de preparo de lições, devendo ser estampadas parcelladamente as aulas-modelo.

D. Minervina Candida de Oliveira, Martinopolis. Eis os seus argumentos:

E' necessario o caderno de preparação das lições: *a*) Porque não havendo livros adaptados aos programmas, cumpre de alguma forma substituil-os; *b*) porque, assim agindo, se consegue bastante material para o futuro e algum descanso.

Entretanto, acha que aos professores de escolas singulares, em que ha tres classes, nem sempre é possivel organizar planos de aulas para todas, salvo se feitos com grande antecedencia.

D. Philomena Mattos Rocha, escola de *Paula Lima*: Não acha vantagens no caderno;

a) porque o professor não póde escrever, mesmo resumidamente, tudo o que vae lecionar, durante o dia, nas varias materias do curso primario;

b) porque não se podem prever os incidentes da aula, sendo o caderno um simples ponto de partida.

Acha que para uma só materia é exequivel e termina considerando-o util em parte, embora não corresponda ao fim proposto.

Ernesto Carneiro Santiago, Bello Horizonte. Eis os motivos que adduz em prol do caderno:

I) O preparo das lições é uma questão de dignidade profissional. Não se póde chamar honesto a um professor que não as prepara para leccionar.

II) Tal preparo sobe de importancia, quando se trata do ensino primario, por causa da organização psychologica muito especial das crianças.

III) O caderno deve revelar a autonomia espiritual do professor e ter o cunho de sua pessoa.

IV) Pelo caderno póde verificar-se a competencia, a dedicação o methodo do professor.

V) Acha que um *diario de classe* mais desenvolvido, em pontos que discrimina, substituirá, com vantagem, o caderno de preparo das lições.

VI) Arbitra, entre outras medidas, que os cadernos sejam remettidos á Inspectoria da Instrucção, no fim do anno lectivo, junto com a acta dos exames, para registro de nota dos professores.

O trabalho do cel. Santiago é pratico, claro e minucioso.

D. Marianna Ernestina Corrêa, Passos. São estas as vantagens que observa: augmento da cultura do professor e melhoria de methodos. O professor ensina com firmeza, e o alumno não o escuta com incredulidade.

O professor que não se prepara,

a) ensina, sem methodo;

b) não póde ter energia;

c) procura dissimular a sua ignorancia, com rodeios;
d) desinteressa os alumnos;
e) provoca a indisciplina.

Tal preparo quotidiano não póde ser substituido «nem pela competencia do professor, nem por sua pratica no ensino, nem pelos compendios modelares», porque os fructos decorrem «de um ensino proporcionado e apropriado ao grau de adeantamento dos que o devem receber».

Antonio Candido de Araujo, *Santa Rita do Sapucahy*: Depois de um preambulo bem pensado e bem escripto, assim resume as vantagens do caderno de preparação de lições:

I) assegura uma explicação clara e firme;
II) impede as divergencias, em classe, outr'ora tão communs entre professor e alumnos, quando ao assumpto das lições;
III) é uma prova concreta de esforço e uma alegria sincera para a consciencia, em dias futuros.

Washington Floriano, *Santa Barbara*: Não encara o ponto em concurso, mas estuda, com sensatez, a responsabilidade do mestre, dizendo que assim como a tendencia do alumno é para imitar a letra do professor, assim a sua vida vae espelhando o perfil moral e intellectual desse professor. Dahi a grave tarefa que lhe pesa nos hombros.

Fausto Gouzaga, *Além Parahyba*.—Vantagens:

a) não reduz o trabalho do professor só ao tempo escolar;
b) augmenta-lhe a cultura;
c) dá amor aos livros.

Desvantagens:

a) induz á decoração;
b) illude a fiscalização, porque o professor póde extrahir lições dos folhetos de pontos, «de accordo com o programma».

Conclusão:

Supprimido o *diario de classe*, deve registrar-se no caderno a ordem das lições a dar.

D. Irene de Carvalho Breyer, *Bicas*: O professor que não se prepara é um individuo moralmente morto. O uso do caderno vem de algum modo obrigar o professor a estudar e por-se ao par do progresso. Deve, entretanto, esse caderno, ser rigorosamente fiscalizado pelas autoridades escolares e elogiado ou censurado.

D. Antonia Fernandes Torres, *Ponte Nova*: O caderno de preparo de lições é o meio mais prompto, efficaz e racional para um bom ensino.

Joaquim Monteiro Noronha, *Areado*: Acha que no caderno se deve apenas expor o methodo a seguir na aula, o ensino intuitivo, e não as informações colhidas dos livros mais diversos. Indicando o meio intuitivo, revela conhecimento da materia e aptidão didactica. Termina com a seguinte pergunta:

«Qual a autoridade escolar que, lendo o meio intuitivo, não faz o seu juizo a respeito do preparo technico do professor ?»

D. Nair Arruda, *Porto de Santo Antonio*: O caderno é um fiscal rigoroso e permanente para o professor preguiçoso e inhabil. Não aprecia as longas dissertações e sim preparações resumidas, dosadas, illustradas com desenhos e quadros synopticos.

Affirma que as preparações devem ser datadas e visadas diariamente pelos directores.

D. Maria Julia Sandy Cabral, São Sebastião da Bella Vista. O caderno é util,

a) porque obriga a ler o programma e a compulsar os livros adequados;

b) é um bom exercicio diario de varias materias, sobretudo de linguas;

c) evita a impaciencia do professor e a indisciplina dos alumnos

Termina assim:

«Vivo num cantinho de Minas, com 500 habitantes, mais ou menos, sem agua e sem luz. Mas vivo contente e feliz. Faço o meu preparo de lições, á noite, depois que meus filhos dormem, tendo ao lado o programma, os meus livros e um pequeno lampeão de kerozene...»

D. Rita de Araujo, S. Gothardo: O caderno é necessario,

a) porque a ta efa do professor não é de olhar para o relogio a toda hora, ancioso por vêr acabada a aula;

b) porque sem o preparo, a disciplina é impossivel, pois os alumnos bocejam ou fazem barulho;

c) porque o professor deve dar ás suas aulas, cada dia, novos encantos, para que os alumnos assistam a ellas com interesse;

d) porque quanto mais sabe a materia mais pode o professor conhecer os meios de a transmittir.

Desvantagens do caderno:

a) toma muito tempo ao professor;

b) não é indice seguro de preparação, porque o professor pode bem copiar

O trabalho estende-se a varios pontos em redor da these proposta e revela observação, perspicacia e dedicação.

José Alfredo Silva, Turvo. Não se refere aos pontos do concurso, mas apenas arbitra um processo de julgamento das lições preparadas, para os effeitos de premios.

D. Maria Luiza de C. Breyer, Bicas: *a*) «O caderno de certo modo vem forçar os professores a consultar os livro e apostillas muitas vezes abandonada por completo nos estudos».

b) «Esta obrigação de reatar relações com os despresados regulamentos escolares, vem, como bem se deprehende, elevar o nivel intellectual dos mestres, apressar e ampliar a instrucção dos discipulos»,

Desvantagem: «O desenvolvimento dos pontos na caderneta (que é de uso diario) rouba consideravel e precioso tempo aos docentes que frequentes vezes perdem horas na sua escripturação, além das já gastas nos estudos e consultas. Isto, além de fatigar extraordinariamente o mestre, vem prival-o de cumprir outros deveres, como sejam correcções de exercicios escolares, leitura das revistas e livros sempre aproveitaveis ao ensino».

A A. pensa que se deve summariar as lições e revela bastante talento.

Luiz Gonzaga Junior, Montes Claros: E' contra o caderno pelos seguintes motivos:

a) porque por elle se não pode aferir a capacidade do professor;

b) porque um ignorante, habil em copiar, pode fazer um bello caderno;

c) porque outra pessoa poderá fazer o trabalho;

d) porque, se o professor tiver bastantee cultura, só lhe trará embaraço, perdendo a aula a espontaneidade e deixando de lado assumptos roveitosos que lhe occorrem durante a lição;

e) porque, preso ao que escreveu, a sua linguagem não terá fluencia e simplicidade e carecerá a lição de interesse para os alumnos.

Assim termina:

«A habilitação do professor verifica-se pelo resultado nos exames, pela fiscalização constante, pela elevação do nivel intellectual do meio, em que está a escola, e, por ultimo, pela opinião publica, que nunca falha no seu julgamento. *Vox populi*...

O professor cumpridor de seus deveres sabe onde o callo lhe aperta e estará sempre em dia com as disciplinas que tem o dever de conhecer; as suas lições serão actos conscienciosos.

O estimulo no cumprimento do dever é innato no individuo ou bebido com a educação que recebeu».

José J. Cordeiro Valladares, Pitanguy: E' o mais acerrimo inimigo do caderno e allega, com *verve* e erudição, as seguintes razões:

1) que o caderno faz perder tempo, aliás precioso para aquelle que de facto as prepara e é esse o seu menor defeito;

2) que o caderno obrigatorio significa duvida quanto ao preparo technico do professorado, sendo uma prova escripta diaria e é esse o maior defeito;

3) que o caderno representa por vezes simulacro de estudo, sendo as lições as mais das vezes, dictadas por um cyrineu;

4) que uma aula não pode ser fixada de antemão, porque os accidentes muitas vezes lhe mudam o rumo;

5) que um malandro que saiba summariar bem uma lição que leia ou se lhe dicta pode passar por bom professor;

6) que poderia ser substituido pelo *diario da classe*;

7) que o actual regulamento do ensino primario offerece outros meios de estimular o professorado, como assistencia technica, bibliothecas, auditorium, dia de leitura e a propria emulação decorrente do convivio de muitos professores, num mesmo estabelecimento.

O trabalho do venerando professor é digno de acurada leitura e sobre elle voltaremos a falar, em outro numero da «Revista».

O sr. Carlos Cruz Homem (*Caeté*), mostrando possuir experiencia de magisterio, proclama o caderno um dos melhores defensores do professor contra os ataques que porventura se lhe dirijam. 16 annos de pratica profissional autorizam-no a dizer do caderno todo o bem que elle merece. Em vez de ser supprimido, deve é tornar-se cada vez mais obrigatoria a sua execução. Argumenta com efficiencia.

Lançando no caderno as lições por ensinar, o professor não só acompanha o desdobramento do programma, sinão tambem verifica de modo inconcusso falhas e lacunas, podendo sanál-as para maior rendimento do trabalho. Tem de medir e dosar as lições, attenntando na fadiga mental dos alumnos. Descerá ao nivel intellectual da infancia, para saber a quem ensina e o que ensina Adquirirá habitos de estudo. Utilizará methodos e processos mais conformes á pedagogia moderna. Terá noção mais acurada de suas responsabilidades. Eis as vantagens que lhe encontra, em seu apreciavel trabalho, o sr. *Olyntho Pereira da Silva* (*Barbacena*).

D. Esther de C. Breyer (*Guarará*) aponta diversas vantagens: Obriga o professor a estudar. Mostra a sua competencia pedagogica. E' um guia fiel e um instrumento de consulta. Desvantagens: não encontra nenhuma, desde que não haja imposição do director obrigando o corpo docente a seguir um mesmo systema.

Na sua opinião, o melhor meio de estimular o professor a preparar as lições e de verificar essa preparação será apresentar o caderno no dia de leitura e submetter o trabalho á critica do corpo docente.

D. Maria Mercêdes Corrêa de Oliveira Mourão, de Fôrros, illustra com um exemplo real a these da necessidade do preparo das lições: «Uma professora, aliás competente e com pratica do magisterio, foi surprehendida por visitas. A aula era de arithmetica e a lição, cambio. Resolvido o problema, a quantia obtida foi colossal, o que causa estranheza ás crianças, vivas de mais, e as reclamações não se fizeram esperar. Perturbou-se sobremaneira a professora e se desfez em desculpas... Falta de preparação de lição!»

«Si o problema tivesse sido resolvido de antemão—accrescenta—nunca teria ella chegado ao fim que não esperava e nem se perturbaria com a presença de estranhos. Preparar a lição não quer dizer que a professora seja ignorante, ao contrario a ignorante não poderia convenientemente preparar a sua caderneta. Preparar lição é coordenar idéa, reunir sentimentos, enfeixá-los, embellezá-los, dar-lhes o cunho da propria personalidade.»

Na opinião de d. *Maria Silve*, de *Itajubá*, o caderno de preparação talvez fosse inutil «para uma memoria prodigiosa que guardasse perfeitamente o assumpto da lição a transmittir, os materiaes a empregar, o modo de fazê-la comprehender a cada alumno segundo suas faculdades e aptidões». Como taes cerebros são raros, o caderno é indispensavel e faz-se mister prepará-lo seriamente, tendo em vista; 1.° o objecto da lição; 2.° o modo de apresentá-la aos alumnos em geral e torná-la accessivel a tal ou qual em particular; 3.° a revista dos accessorios indispensaveis; 4.° a conclusão pratica e moral que se deverá tirar da lição; 5.° a direcção a ser dada aos alumnos, para que, attrahidos pelo assumpto, procurem por si mesmos outros conhecimentos relativos ao mesmo objecto; 6.° as relações da lição actual com a procedente e as subsequentes.

Trabalho consciencioso e bem lançado.

O caderno de preparação é para a professora o que a bussola é para o navegante, affirma *d. Laura Magalhães, do grupo de Nova Lima*. Elle permitte o controle das lições, impede a repetição monotona de conhecimentos. Se mal feito, entretanto, não será apenas desvantajoso, será pernicioso.

O caderno obriga o professor a estudar, tira-o da apathia dá-lhe opportunidade de revelar-se. Suas vantagens são, pois, incontestaveis, assevera *d. Zina de Mendonça Gouvêa*, de *Rio Novo*.

D. *Eulina Joviana dos Santos* (*Itauna*) diz que preparar as lições é um santo e necessario dever. O caderno não deve, porém, servir para exhição de conhecimentos literarios; será simples, claro, vasado em linguagem chã.

D. Anna Augusta Passos (*Nova Lima*) tem o caderno na conta de «auxiliar inestimavel das professoras, trazendo para os alumnos vantagens tão obvias que seria desnecessario frisá-las».

Para o sr. *Melchiades da Costa Lage*, de *Vespasiano*, o caderno é insubstituivel. Indica ao professor o caminho a seguir e é um attestado estimulante do esforço proprio.

De *Barra Longa*, escreve D. *Anna Freitas* que o caderno de preparação evitará ao docente soffrer vexames diante da classe, como acontece quando não está bem seguro da materia ou se perturba no expô-la.

Constitue um estimulo permanente aos elementos dedicados ao magisterio. Coage os negligentes ao cumprimento do dever. Facilita a inspecção technica. Livra o professor de accusações infundadas quanto á sua competencia ou dedicação. (*Quirino Pires de Lima, Carangola*).

E' utilissimo, assegura *d. Ranulpha Martins Guedes*, de *S. Gonçalo do Rio Abaixo*. Vale pelo estimulo que dá ao professor e como prova authentica do seu esforço. Facilita. ainda, a tarefa da inspecção.

D. Maria Isabel Prado, de *Ouro Fino*, julga o caderno vantajoso para o ensino normal, «cujos professores, lecionando uma só materia, podem facil e suavemente fazer o plano do ponto a tratar»; mas é inutil para o curso primario, pelo tempo que rouba ás professoras, dada «a infinidade de materias de que se compõe o programma».

Na sua opinião, o melhor meio de estimular o professorado é «dotar os grupos de directores profissionaes, que saibam dar bôa orientação aos trabalhos de suas auxiliares, fiscalizando-as ao mesmo tempo».

A professora *Amelia Monteiro*, de *Araxá*, opina que o caderno só traz vantagens para o docente. Ao fim de quatro annos de curso, será uma obra completa, em que o professor encontrará o seu methodo de ensino delineado á custa do proprio esforço.

«No caderno de preparação resaltam claramente todos os predicados do professor, a uma simples inspecção, autorizando um apanhado rapido e seguro sobre a natureza e proficiencia do ensino administrado»: eis como se manifesta o sr. *Jair Guimarães de Paula*, *Alvorada*.

D. Olympia Duarte, *Bello Horizonte*, não esconde o seu enthusiasmo pelo caderno, de que é propagandista convicta. Uma lição improvisada nunca será proveitosa. Pelo caderno a professora verificará as lições da vespera, encadeando-as ás seguintes, com ponderação e cuidado. Não ensaiamos tudo? Porque não ensaiaremos a nossa aula? Tudo isso dá trabalho e toma tempo, mas é indispensavel para a bôa marcha do ensino.

O numero de materias do programma não é pequeno, e o professor que circumscrever o seu trabalho apenas ás horas de aula não dará conta do recado nem cumprirá o seu dever. Dahi a necessidade do preparo das lições por meio do caderno, que é mais do que util: é necessario. Tal a opinião de D. *Aurea Pereira Rodrigues*, de *Alfenas*.

D. Philocelina da Costa Mattos Almeida (*Barbacena*) apresenta um bello e cuidadoso trabalho, concluindo pela utilidade do caderno de preparação. Quanto mais apto, mais dedicado e operoso o professor, mais lucrará com elle.

Fazendo o caderno, o professor transporta-se espiritualmente á escola, prevê e até simula perguntas da parte destes. Tratando-se de um professor mediocre ou sem pratica, o trabalho não será menos proveitoso, pois lhe permittirá:

1.º) rever diariamente a materia a tratar e recapitulando o que já estudou ou fazendo novas acquisições, firmar e ampliar seus conhecimentos;

2º.) estudar processos convenientes, no tocante á exposição das lições, de modo que prenda sempre a attenção dos alumnos, sem cançá-los, dando-lhes liberdade de falar e agir opportunamente e provocando mesmo perguntas e respostas;

3.º) preparar sempre o material da lição, visto que, na escola activa, domina o processo subjectivo auxiliado pela fórma verbal;

4.º) limitar a materia, de accordo com a capacidade intellectual e com a edade da criança.

Si alguns professores ainda se manifestam contra o caderno, conclue a A., não será por descaso ou inepcia, mas por não terem ainda uma noção bem clara do assumpto.

Escreve d. *Ivone Guimarães* (*Pitanguy*): E' factor valiosissimo do desenvolvimento do ensino. E' preciso notar, porém, a sua elaboração. Nada

de divagações literarias. Ao contrario, desvelo e technica. Propõe um plano de schematização de licções, organizado em fichas, escolhendo-se os melhores trabalhos para serem publicados na «Revista do Ensino» e premiados os seus autores.

Qual a melhor maneira de fazer a preparação proxima das lições sinão escrevê-las? Entre dois professores, um muito intelligente e outro *assim-assim*, mas que se prapara para lecionar, que estuda, investiga e se esforça, prefiro este — diz-nos o prof. *Sergio Ferreira*, de Porto Novo.

Vantagens: desenvolve a intelligencia, tornando facil a tarefa com o exercicio. Resguarda o professor contra as perdas de memoria em aula. Impede-o de empregar palavras superfluas ou desconhecidas dos alumnos. Desvantagens: nenhuma. Apresenta, apenas, algumas difficuldades para os professores de escolas singulares, onde sendo grande o numero de alumnos matriculados, e não havendo estagiaria, impõe-se a divisão em turmas, o que consome tempo e torna quasi impossivel a preparação regular das lições para tres classes, ficando prejudicado o 1.º anno, base dos outros. Para sanar esse inconveniente, a A. (d. *Maria José Moreira de Barros*, de *Bello Horizonte*) suggere a suppressão do § unico do art. 292 do Regulamento, ou a modificação do horario.

De accordo com d. *Luiza Oliveira de Faria*, de *Araxá*, «o verdadeiro professor é aquelle que, além da illustração, possue uma tendencia especial para dia a dia melhorar o seu methodo». E a conquista laboriosa desse methodo se faz pelo caderno.

D. *Amelia Justina de Carvalho*, de *Caparaó*, acha grandes vantagens no caderno mas encontra a mesma difficuldade em sua applicação nas escolas isoladas, já apontada por d. Maria José Moreira de Barros.

De *Rochedo*, o sr. *Borges de Moraes* informa que, professor ha mais de 22 annos, nunca deixou de preparar as sua lições; as aulas improvisadas são sempre desastrosas. As vantagens do caderno são de ordem moral, pedagogica e coercitiva. Assignala as principaes: Dá ao professor a consciencia do dever cumprido; serve de folha corrida quanto á sua operosidade, dedicação e competencia; obriga-o a estudar; facilita a graduação dos exercicios, a escolha de exemplos apropriados, etc.

O sr. *Alfredo Duarte da Costa*, (*Paracatú*) conclue que o preparo das é indispensavel tanto aos profissionaes competentes como aos mediocres e aos principiantes.

D *Amelia de Faria Soares*, *Dores do Indayá*. Vantagens:
a) o professor trabalha com muito mais segurança;
b) ministrará ensino adequado á capacidade dos alumnos;
c) dosará as lições;
d) augmentará a propria cultura, adquirindo novos conhecimentos e recapitulando os antigos.

Desvantagens:

Uma só: a do professor indolente copiar a summula das lições em compendio.

Prof. *Oscar Arthur Guimarães*, *Palmyra:* Acha excellente medida,

a) porque desenvolve a cultura do professor;

b) porque, alem de o instruir, o habitua ao estudo;

c) porque eleva o nivel da escola;

d) porque, comparando as lições escriptas com a pratica formal das mesmas, tem ensejo para dosal-as de accordo com o interesse infantil;

e) porque, sem elle, não se póde conseguir material adequado á aula;

f) porque leva o professor á descoberta de novos e interessantes aspectos do trabalho de ensinar.

Trata se de um trabalho feito com cuidado, e revela a cultura pedagogica do A.

Francisco Rubens de Anchieta, Borda da Matta: Em bem elaborado trabalho, adduz as seguintes razões, em prol do caderno:

a) estimula grande numero de professores a preparar as lições;

b) mostra a importancia e utilidade dessas preparações.

Desvantagens:

a) "O registro de preparação das lições é uma sobrecarga ao esforço dos professores".

b) «O caderno de preparação das lições pode fornecer ás autoridades escolares um juizo erroneo, quanto á competencia e meritos profissionaes».

c) «E' um trabalho destinado ás horas fóra do horario escolar».

d) «Não offerece segurança de authenticidade».

Trata-se de um excellente trabalho e o A. pode fazer bons artigos pedagogicos para a *Revista*.

Uma professora mineira (?) Apresenta um trabalho muito razoavel e indicativo de um espirito claro e lucido.

Acha que o caderno é de indiscutivel utilidade, porque:

a) os alumnos se aproveitam da negligencia do professor e, emquanto este folheia livros atraz de exercicios, fazem barulho;

b) ha serias divergencias por vezes em se determinar qual o ponto do dia;

c) problemas escolhidos atabalhoadamente pouco adeantam;

d) as aulas devem ser de accordo com a capacidade dos alumnos, como o alimento de accordo com o estomago;

e) os professores igualmente aprendem e os cultos augmentam a sua cultura;

f) o professor terá de exgottar o programma;

g) o professor não será apanhado de surpresa por uma pergunta dos alumnos sobre a materia;

h) o professor dará boas aulas, agradará aos alumnos e creará um ambiente salutar, em sua escola.

Gasparino Rocha, S. João Evangelista. Vantagens:

a) evita as divagações;

b) exercitando-se em dosar, o professor exercita-se em ponderar;

c) as noções curtas e precisas gravam-se melhor;

d) o caderno é portatil e resume um punhado de livros;

e) attesta a competencia e applicação do professor;

f) escrevendo o, o professor ver-se-á obrigado a cuidar de sua cultura;

g) exige methodo e pontualidade e é, porisso, boa escola para a formação moral do professor;

h) o professor ver-se-á obrigado a adquirir livros;

i) ao estudo da lingua materna e das linguas extrangeiras;

Desvantagens:

Só uma: a do professor usar o mesmo caderno todos os annos ou de o copiar dos collegas.

Trata-se de um trabalho escripto á pressa, mas magnificamente pensado.

TERCEIRO E QUARTO CONCURSOS

De accordo com o programma estabelecido pela direcção da «Revista», acham-se abertos dois novos concursos, que consistem no seguinte:

I) Premios ás quatro melhores aulas-modelo, sobre pontos do programma primario.

II) Premios aos tres melhores trabalhos sobre a these: — Como se devem corrigir os exercicios escriptos de uma classe?

Insiste-se que a these deve ser tratada com simplicidade, sem rhetorica, com uma feição pratica e de proveito para todos.

As respostas devem ser dirigidas até o dia 10 de março, á «Revista do Ensino», Secretaria do Interior, Bello Horizonte.

Pequena anthologia de recitativos

UMA FLOR

Dizem que El-Rey, Nosso Senhor,
Topou, num canto humilde da campina,
Uma flôr,
Assim cheirosa como pequenina . . .

— Onde foste buscar
O aroma encantador que atiras para o ar ?

— Sou pobre e só, lhe disse a flôr, sorrindo,
Não tenho prendas nem merecimentos.

Creio que o meu perfume ha de ter vindo
De ter vivido ao pé da rosa , alguns momentos.

— Assim meu filho, disse El-Rey, com gravidade
Ao pequenino que levava em companhia,
Busca os sabios e os bons, para teres bondade
E sabedoria.

A voz da pratica

Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de collaboração do nosso professorado, bem como de outros funccionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da "Revista".

Ensino simultaneo

Uma das causas de insuccesso em muitas de nossas escolas é, não ha negar, a falta de ensino simultaneo.

Em taes escolas caem as professoras, a cada momento, no ensino individual, que como se vê pelo nome, aproveita ao individo e prejudica a classe. O que quer dizer que para elle o interesse de um sobrepuja o de todos...

E é de extranhar que, sendo o modo preconisado por todos os bons pedagogistas o mais suave e attraente, procurem essas educadora um outro, particularmente falho de resultados satisfactorios, quando applicado a uma classe, pois é factor de indisciplina, inefficacia e de infrequencia.

E' que nos primeiros dias do funccionamento escolar uns tantos alumnos se revelam intelligentes, applicados e sempre promptos para responder ás perguntas da professora. Está ahi a classe privilegiada; fez-se a selecção e eis que toda a solicitude da professora se volta agora para aquelles que menos precisavam dos seus cuidados. O resto boceja, espreguiça-se, enfada-se. Começa desde logo a deserção, porque as crianças comprehendem que é melhor brincar livremente em casa do que sujeitar-se a esse martyrio terrivel que lhe é imposto.

Alguns alumnos mais perseverantes esperam ainda que a professora reconheça o seu erro e lhes dê attenção, mas os destinados a fazer figura na presença das visitas lá estão constantemente reclamando as suas explicações e arguições.

Suppõe a professora que essas poucas crianças bastam para darlhe renome. Se alguns alumnos se adiantaram, diz ella, foi porque eu me esforcei. E assim pensa ter a consciencia de haver bem cumprido os seus deveres.

Não resta duvida que é mais agradavel tratar com os intelligentes e attentos, mas deve a professora convencer-se de que tambem os outros têm direito á benefica influencia da educação. Os primeiros dão menos trabalho e não exigem muita repetição no ensino dos diversos pontos do programma.

Emquanto, porém, a docente se deixa levar pela lei do menor esforço, os até então resignados a esperar cansam-se e transformam-se em elementos de indisciplina, protestando lá fóra contra a falta de consciencia profissional daquella a quem, em má hora, foi confiado o seu futuro.

Se o despreso a uma parte da classe não é completo, ainda assim se verifica um grave inconveniente, qual o de sobrevir a divisão e a subdivisão das classes, o que dá em resultado a

perda de tempo e a necessidade de esforço multiplicado.

A um visitante perspicaz não passa despercebido o meio de illudir, quando os alumnos arguidos são sempre os mesmos.

Não se diga sempre que a classe é heterogenea porque uns alumnos falham, outros são pouco intelligentes ou pouco applicados. Essa anomalia corre muita vez por conta da professora, a quem não raro falta orientação ou boa vontade. Ella muito póde fazer no sentido de levar seus alumnos, até o fim do anno, mais ou menos com o mesmo adiantamento, salvo uma ou outra excepção. O que não é admissivel é que em novembro haja ainda alumnos analphabetos nas escolas do Estado, a menos que se trate de anormaes.

Torne-se, portanto, o ensino perfeitamente simultaneo e outros serão os resultados colhidos, annualmente, em muitos dos nossos estabelecimentos de instrucção.

Fale a professora em voz sufficientemente alta, animada, expressiva e cheia de enthusiasmo; mostre, pelo olhar, que se dirige a todos os alumnos da classe, indistinctamente; argúa, de preferencia, os menos intelligentes e os mais distrahidos, o que presuppõe uma vigilancia constante e um louvavel esforço tendente a nivelar o adiantamento da classe; prove o seu igual interesse por todos e verá que a sua sala se enche diariamente de crianças alegres e avidas de conhecimentos; procure revelar-se sempre educadora na mais elevada accepção da palavra e verificará que a classe sob sua regencia preenche os fins de sua creação de escola moderna, com o ensino a desdobrar-se intuitiva, pratica e simultaneamente, á qual cumprirá que se imprimam os caracteristicos da escola activa para a sua completa efficiencia.

JACINTHO DE ALMEIDA.

(*Director do grupo escolar "Desembargador Continentino", de Oliveira*).

Não preparou a lição

(*Do relatorio de um assistente technico*).

...A prova real de que a professora X... não prepara devidamente as suas lições é esta: quando entrei em aula e logo depois de a ter cumprimentado, pedi que continuasse o trabalho.

Estava justamente a chamar á lição de leitura os alumnos da classe.

—Em que pagina está a lição de hoje, Paulo? perguntou ella.

—Pagina 21.

—Então leia.

—Essa lição já foi dada! gritaram tres ou quatro.

Ora, é incrivel que uma professora consciente de seus deveres dê aos seus alumnos o espectaculo deprimente de não saber a quantas anda. Se ella não sabe em que pagina está a lição, que obrigação corre aos alumnos de o saberem?

Nem se diga que o professor pergunta ás vezes para vêr se o alumno não se distraiu ou se deixou de estudar a lição, porque ha muitos meios de averiguar a desattenção e a vadiagem.

O que tenho notado e que desejo que seja reprimido terminantemente é o descaso com que alguns professores encaram os seus deveres e começam as aulas sem saber, ao menos, o titulo da lição.

F. F.

Daqui e dali

A palavra de um bispo

Em bôa hora o sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção, resolveu apellar para o civismo do episcopado mineiro, afim de que á grande campanha em prol da instrucção não falte o auxilio precioso dos guias espirituaes do povo. Attendendo ao pedido de s. ex., os nossos prelados vêm, nobremente, hypothecando apoio á obra benemerita do governo Antonio Carlos. As communicaçõs que diariamente chegam á Inspectoria Geral da Instrucção, provenientes de todas as dioceses do Estado, são bem uma prova do estado de espirito dos illustres prelados com relação ao assumpto.

Documento devéras exemplar, pela elevação de espirito e perfeita comprehensão do problema, que revela em quem o escreveu, á a circular do eminente bispo de Pouso Alegre, d. Octavio Chagas de Miranda, reproduzido nas linhas abaixo:

"Pouso Alegre, 10 de janeiro de 1929.

Revmo. sr. Vigario.

Saudações em N. S.

Levamos ao conhecimento de V. R. que do sr. dr. Mario Casasanta, digno Inspector Geral da Instrucção Publica do Estado, recebemos o seguinte

Appello ao episcopado

"Bello Horizonte, 29 de dezembro de 1928.

Exmo. e Rev. Sr. D. Octavio Chagas de Miranda, MD. Bispo de Pouso Alegre.

"Sinceramente empenhados em que o maior numero de crianças em edade escolar se matricule, nas escolas e grupos escolares, de maneira que se realize, do melhor modo possivel, a lei que tornou obrigatorio o ensino em nosso Estado, vimos solicitar a valiosa intervenção de V. Exc. e de seu benemerito clero no sentido de se promover intensa e carinhosa campanha.

Ao alto espirito de V. Ex. e á orientação eminentemente civilizadora da Egreja offerece-se agora nova occasião de um verdadeiro apostolado civico, para a persuasão de nosso povo da importancia dos beneficios da instrucção.

Queremos crer que V. Ex. nos hade ministrar a collaboração efficaz, prestigiosa e indefectivel, que sempre ministrou ao paiz, tanto mais que não se trata apenas de uma causa civica, mas principalmente de uma grande causa humana.

Com alta consideração e apreço, amigo e patricio, *Mario Casasanta*, Inspector Geral da Instrucção Publica."

Transmittindo ao clero esse justo e patriotico appello do nosso caro Inspector Geral da Instrucção Publica, pedimos para o mesmo a melhor attenção de V. R., pois temos sobejas razões para prestar ao Governo do Estado o serviço que elle nos pede.

O bem do povo

A primeira razão de auxiliarmos, quanto possivel, a diffusão do ensino primario, é o grande bem que desse ensino resulta para o nosso povo.

E' escusado, por sua evidencia, salientar a necessidade da instrucção, ao menos elementar, para todas as classes, mesmo para os pobrezinhos. As condições economicas, moraes e sociaes dos individuos, das familias e das cidades, só têm a ganhar com a instrucção, uma vez que não faltem os ensinamentos religiosos, que completam as luzes do saber humano e dão aos homens a directriz necessaria para a vida.

A propria religião, quando falta a instrucção, emobra produza ainda grande bem, está sujeita a superstições e fanatismos, não podendo attingir ás delicadezas e perfeições que a cultura favorece.

Por isso a Egreja considera grave obrigação dos paes dar ao menos instrucção elementar aos filhos, a não ser que estejam excusado por impossibilidade moral. E ao clero cabe lembrar constantemente esse dever de consciencia, agora aggravado pela lei estadual que obriga, sob pena de multa, a frequencia das escolas.

O nosso patriotismo

Outra razão para nos empenharmos pela instrucção popular é ditada pelo nosso patriotismo.

Um paiz sem instrucção nunca pode ser grande, apezar das suas riquezas naturaes, da sua vastidão, de quaesquer outras razões de superioridade que possua.

"Ou o Brasil encara a ignorancia como uma calamidade nacional e lhe acóde com o soccorro immediato, disse Miguel Couto, ou estará irremediavelmente batido na concorrencia com as nações cultas."

Os governos, e sobretudo o do nosso Estado, vão comprehendendo a necessidade de pensar seriamente nesse problema nacional. Mas delle não se devem alhear os que, pela sua posição social, têm qualquer influencia sobre o povo, como os sacerdotes, cujo concurso pode realmente ser muito efficaz para que as medidas do governo produzam resultados.

O nosso clero que, em materia de patriotismo, pede meças a quaesquer outras classes, precisa pôr ao serviço dessa nobre causa a sua palavra persuasiva, o seu conselho amigo, todo o seu enthusiasmo pela nossa querida patria.

O passado da Egreja

Nesse empenho e dedicação pela instrucção do povo, não faz o clero outra coisa sinão continuar as tradições da Egreja, que desde os seus primordios sempre olhou com grande carinho para a escola popular, creação sua e objecto constante das suas solicitudes.

Tempo houve, nas remotas éras da edade media, em que só a Egreja cuidava, de instruir os filhos do povo, nas escolas episcopaes, monasticas e parochiaes, mantendo em cada diocese ou abbadia, um funccionario especial — o ecólatra, para a direcção geral dessas escolas, e fazendo copiar pelos monges os livros designados ao ensino. E quando os ecclesiasticos já não eram sufficientes para o grande numero de alumnos, foram

associados a esse nobre mister leigos experimentados, mas sob a inspecção dos bispos que lhes concediam a capacidade legal para o ensino, mediante a "licentia docendi". No mesmo seculo XIII, com o apparecimento das congregações ensinantes, maior desenvolvimento tomou o ensino popular ministrado pela Egreja, a tal ponto que, no seculo XVIII, segundo Duruy, só na França funccionavam 10 mil escolas catholicas.

As condições da sociedade agora são outras. Os governos assumiram a direcção do ensino com os largos recursos de que dispõe o erario publico, de modo que á Egreja não se pede actualmente sinão a sua cooperação, nessa obra civilizadora e bemfazeja .Offerecer essa cooperação, com amor e constancia, é entrar no pensamento da Egreja, é interpretar o carinho que a Egreja sempre nutria, e nunca perdeu, para com os filhos do povo, procurando-lhes o beneficio incomparavel da instrucção.

Dever de gratidão

A todas essas razões de collaborarmos com o governo do Estado na grande obra da instrucção publica, accresce o motivo de reconhecimento ao sr. Presidente do Estado, pelo nobre gesto de sua ex., permittindo o ensino religioso nas escolas, dentro do horario escolar.

Essa resolução justa e patriotica do sr. dr. Antonio Carlos, que tão bem sabe conciliar as suas crenças com as suas altas funcções de Chefe de Estado, creou para nós o dever de uma collaboração mais decidida e intensa com o seu governo, em tudo o que diz respeito ao bem publico, maxime na diffusão do ensino, que é ponto culminante do seu programma.

Façamos tudo para que o preclaro mineiro veja os seus esforços em prol da instrucção coroados do maior exito, de modo que o governo de s. ex. seja assignalado por um notavel augmento da frequencia escolar, preparando um futuro mais auspicioso para o nosso Estado.

Propaganda e concurso de frequencia escolar

Indicadas summariamente as razões de correspondermos francamente ao appello dirigido ao episcopado mineiro, só nos resta esperar que V. R. envide os maiores esforços junto de seus parochianos, principalmente no começo de cada anno lectivo, afim de que appareçam logo os effeitos da sua acção em prol do ensino publico. Quer nas prédicas, quer nas reuniões e visitas, nas cidades como na roça, repetidamente aconselhará V. R. os fieis da sua parochia a matricularem seus filhos nas escolas e zelarem para que os mesmos frequentem as aulas sem interrupção, até o fim do curso escolas.

Para que haja nesse sentido uma nobre emulação entre as escolas localizadas nas parochias de nossa Diocese, em regosijo pela permissão do ensino religioso dentro do horario escolar e como homenagem aos illustres propulsores do progresso da instrucção publica em nosso Estado, resolvemos instituir para este anno 3 premios de frequencia escolar, a saber:

1.° Premio — "Dr. Antonio Carlos" para o grupo ou escola que attingir a maior percentagem de frequencia durante o anno. O premio será de 250$000, destinados á caixa escolar do grupo ou escola que o conquistar.

2.° Premio — "Dr. Francisco Campos", para o alumno que tiver frequentado a escola ou grupo o maior numero de dias durante o anno. O premio será de 150$000.

3.° Premio — "Dr. Mario Casasanta", para o alumno classificado em 2.° logar na frequencia escolar. O premio será de 100$000.

Em caso de empate os premios serão sorteados entre os que tiverem egual frequencia.

Na certeza de que V. R. tomará em toda a consideração o assumpto desta circular, dando a maior publicidade ao concurso que instituimos, desde já lhe agradecemos tudo o que fizer e enviamos a V. R. e seus parochianos nossa bençam, com votos de verdadeira felicidade. — De V. Revma. servo em N. S. *Octavio, Bispo Diocesano.*

Uma nova era?

Attitudes hierarchicas — Um bastão que periclita — Obra, meritoria, de "descrystallisação"

Sempre supeitámos — e com bons motivos para isso — que do espirito dos dois homens aos quaes neste momento cabe em S. Paulo a alta direcção do ensino publico, algo de novo haveria de surgir quanto ás normas de manejar o apparelho pedagogico na sua parte humana, Os factos nos vão confirmando a suspeição.

Não o dizemos pela primeira vez: em departamento algum da administração publica de São Paulo — e o conhecemos "de visu" — se entendeu nunca ou se entende, a hierarchia administrativa como se tem ella longamente entendido na administração do ensino. E é estranho! Ahi, para com o funccionario intellectual por excellencia, é que se guardam normas rigidas de compressão, tabellas de archaico formalismo e a rasoura niveladora da massa anonyma dos "subalternos"!

Seria negar a evidencia, negar o muito que os governos de S. Paulo têm feito pelo ensino publico, e o incontestavel valor por este attingido, premio de muito labor; mas força é convir que, no ponto que ahi assignalamos, grave erro se tem commettido, erro que ora impede os frutos optimos que de tamanho esforço era licito esperar.

Com pequenos intervallos — pela fugaz passagem de um ou outro mais liberal espirito pela Directoria Geral da Instrucção Publica, — o quadro tem sido o mesmo por dezenas e dezenas de annos: o professor cabisbaixo e "sem alma" na sua classe, sobresaltado se um ruido á porta denuncia a approximação do director da escola e, com elle, a possivel reprimenda respeitante ao antediluviano horario das lições, ao methodo scientifico de ensinar o a b c ou á posição de corpo que guarda o professor em aula, se sentado, se de pé. Esse grave director, por sua vez, a estremecer de susto com a ameaçadora presença do inspector: "Se vae elle surprehender nas classes, alguma clandestina cartilha de Galhardo!" Ou "se apanha elle em flagrante alguma professora *modernista,* a medir e a pesar as creanças, ou a se occupar com os "tests", em hora do dictado ou de se decorar de quantas partes se compõe uma flôr!..." Esse mesmo inspector, em presença, do director geral, a vigiar cuidadoso na sua attitude, pela observancia do rigor protocollar, e a receber uma lição de methodologia, a ser transmittida aos seus jurisdiccionados, sobre o modo corecto de em classe tomar-se o livro para ler, ou uma lição pedagogica sobre a formula a ser por elle adoptada nos termos de visita, na inpecção da escola...

O professor primario, segundo a orientação tradicional entre nós, não tem que ter opinião nem personalidade. A virtude excelsa

nelle é a capacidade de interpretar as "instrucções" — repositorio da sciencia pedagogica perfeita — e de marchar em perfeito alinhamento, satisfazendo o ideal da disciplina militar allemã, sem quebra de synchronismo do elegante "passo de ganço", com que a parada escolar embasbaque a nós outros, espectadores, e encha de gozo prussiano os que a commandam...

Obediencia, passividade, é o ideal. Em vão funccionam dez differentes escolas normaes na formação de espiritos. Os que della saem, entrado que tenham para o magisterio, têm que se "standardizar", exemplares de um padrão unico, expressões numericas de uma só mentalidade, ducteis peças da pesada machina que a mão sábia, não menos pesada, do director geral manobra.

Aliás, ás vezes — felizmente, nem sempre, — a propria escola normal coadjuva esse futuro resultado, pelo regimen disciplinar, pelo dogmatico da cathedra, pelo objecto das lições, com o que se cumprime a personalidade e se lhe estreita o espirito. E é assim que no final do curso se poderão tomar por materia de exame a sério de didactica, questões transcendentes como esta: "Em quantas columnas se divide o livro de chamada?..."

Os regulamentos, eivados do espirito draconiano — que rebentou aqui expresso para o serviço do ensino — prescrevem, até minucias, processos de technica pedagogica, e incluem, como canone, que as faltas de comparecimento do alumno "se annotem com "F", maiusculo, não com "f", minusculo..."

Graças, não diremos ao espirito reaccionario, mas á resistencia ingenita da phychologia de alguns — e são muitos milhares, os professores de S. Paulo, — não desapparece de todo, morto por asphixia, o espirito de verdadeiro professor, e com elle o pendor para o estudo, o gosto pela pesquisa, o amor da profissão, com isso a possibilidade de fructificar a acção dos governos, em materia de ensino primario. Comtudo, no que respeita á technica deste, S. Paulo ha muito parou, e, neste momento — mercê da crystallisação por que, com zelo digno de melhor causa, tanto se tem pelejado, — arrisca-se elle a perder o bastão de "leader" em assumptos da vida escolar; a mais talvez: a deixar-se ficar á rectaguarda, veterano cansado, só utilisavel nas ultimas fileiras dos batalhadores da educação...

Vae por todo o mundo o movimento, cada dia mais intenso, pela "renovação da escola". A America do Norte, paizes da Europa, da propria Asia, estão delle penetrados. Já esse espirito invadiu a America do Sul. No Brasil, domina já na orientação dos technicos que remodelam a escola no Districto Federal e no Estado de Minas, Bahia Pernambuco, Estado do Rio, buscam a mesma trilha, occupam-se com a nova concepção da escola, de uma escola mais actual, mais ajustada, no tempo, á sua funcção de preparadora "para a vida". Emquanto isso, entre nós, dorme-se sobre os louros outrora colhidos: em nossas escolas, o mesmo ensino livresco entre quatro paredes nuas, o mesmo alumno immobilisado de corpo e passivo de espirito. E os nossos technicos, na melhor das intenções, a bem do aperfeiçoamento da obra escolar, retocam carinhosamente os mesmos encanecidos programmas, o mesmo formulario de lições a serem ministrados em uniformidade mecanica, por dosadas pastilhas, na mais anti-psychologica desassociação; "vinte minutos para a leitura; quinze para o calculo: quinze para a geographia"...

O remedio para esse mal não está na acção directa dos gover-

nos, nem nas reformas, em que se traçam lineamentos ao apparelho escolar. Para a cura delle, importa pouco que seja o curso da escola de quatro ou que seja elle de tres annos. O "espirito" que habita a escola é tudo. O remedio estará na renovação delle. A cura do mal tem que vir, um pouco lenta, da acção dos technicos, sob differente orientação pedagogica. Tem que vir da "descrystallisação" de conceitos formados segundo moldes de quarenta annos passados e transformados em "noli me tangere" para as gerações de professores. Tem que vir do affrouxamento dessas terriveis pêas com que ao professor se impede toda a iniciativa, do alliviar este dessa compressão que lhe embota o espirito. Tem que vir do acto de tolerancia em se admittir a possibilidade de um novo conceito de escola, de buscá-lo e examiná-lo.

Nessa "descrystallisação" — obras altamente meritoria — trabalha o actual director da Instrucção Publica. Outra coisa não significam inequivocas attitudes de s. s., com que um ambiente novo em torno de s. s., se vae formando, desusado naquellas paragens, de amenidade no trato entre dirigentes e dirigidos, de cordialidade, de liberdade na externação de opiniões, de bem estar e prazer na tarefa que a cada qual cabe, situação nova de que se ha de beneficiar o ensino.

Mas é a determinado facto que ora queremos mais particularmente alludir: á reunião de inspectores que, promovida por s. s., acaba de realizar-se, e na qual, sobre materia de vasto e variado programma, opiniões se externaram, foram ouvidas a discutidas. Duas coisas resultam desse acontecimento: uma, que não é assim tão certo de ter a sciencia absoluta feito morada na escola paulista e que a pesquisa sobre materia pedagogica póde ser objecto de interesse para a administração; outra, que o pessoal auxiliar desta póde ter opinião e póde suggerir alvitres. Pouco importa o resultado immediato. Nem é de crêr que esse espirito novo penetre promptamente a massa do professorado, tornada pouco permeavel pela prolongada compressão soffrida. Resistencias activas mesmo, oppostas na melhor das intenções, mas lamentaveis, ha de elle encontrar, ainda da parte daquelles proprios a quem caberia secundar esse esforço por descortinar novos horizontes e abrir novas veredas. E' assim que, por exemplo, sobre a materia interessante da "diversidade do programma" conforme a zona da situação da escola, e o alvitre proposto e applaudido na reunião, de formular cada inspector districtal o projecto de programma para as escolas que dirige, acabou-se por injuncções de um dos insnpectores geraes, por deliberar que "ficasse tudo como dantes". Lamentavel erro! O espirito velho contra o espirito novo... Não importa! Este triumphará! A impressão que levam de regresso os modestos auxiliares da administração do ensino — sabemo-lo — é magnifica, e o enthusiasmo lhes renasce. Este se generalisará, e será a vez do humilde professor sentir que é elle um espirito que se quer activo, uma qualidade positiva com que se conta para o aperfeiçoamento de que carece a escola primaria paulista...

E' o supersticioso respeito pelos "tabu's" que se abala, "tabús", em cuja cultuação já se ergueu com desassombro em S. Paulo, aquelle inesquecivel lemma: "Volta ao Passado!"...

E' talvez uma era nova que se inicia, promissora, para o ensino de S. Paulo.

Honra aos que a promovem!

RENATO JARDIM

(D' "O Estado de S. Paulo").

Escola Normal de Juiz de Fora

Na festa de formatura da Escola Normal Modelo de Juiz de Fóra, realizada no dia 13 de dezembro do anno findo, o sr. dr. João Massena, director do estabelecimento, pronunciou o opportuno e magnifico discurso que se segue:

"Exmas. sras., meus srs.

Com a solennidade de hoje, a Escola Normal de Juiz de Fóra completa e encerra os trabalhos de seu primeiro anno de existencia, no actual regimen.

Vamos proceder á entrega dos diplomas e collar o gráo ás jovens normalistas que acabam de concluir o seu longo tirocinio, tendo feito a ultima parte delle já de accordo com os novos e sabios preceitos da ultima Reforma.

Começo agradecendo ao illustre auditorio o seu comparecimento a esta sessão, e manifesto o meu sincero contentamento por ver que as coisas do ensino, que eu julgava um tanto abandonadas, despertam no emtanto em nosso meio social um tão vivo e altruistico interesse.

Um dos mais nobres e mais altos pensamentos do actual governo mineiro é fazer com que o povo se interesse pela escola, é conseguir que os paes acompanhem e fiscalizem a educação de seus filhos, de modo a poderem entregá-los a verdadeiros mestres e não a simples mercenarios. Os autores da Reforma em vigor desejam, e é indispensavel para o bem da nossa Patria, que o povo, não sómente nos dias de festa, mas tambem nos dias communs, venha ver e ouvir o que fazem e dizem os mestres e os discipulos nas suas modestas salas de trabalho. Não se trata de assistir a qualquer festival de exhibição e de apparato, nem de ouvir discursos pomposos, cheios de phrases retumbantes. Muito ao contrario disso: no auditorium de cada escola, trata-se singelamente de examinar as velhas e as novas idéas pedagogicas, de verificar pelo exame e pela experiencia directa qual o verdadeiro valor que se deve attribuir a taes idéas. Trata-se, muito melhor ainda, de animar o trabalho hesitante dos que começam, de dirigir o duvidoso tactear dos espiritos, que se estão formando, de concertar, com um sorriso, o trabalho ingenuo e errado de nossos filhos. Essa tarefa, que a muitos poderá parecer penosa, é, no emtanto, suavissima para aquelles que, nestes tempos prosaicos, ainda guardam no peito um pouco de poesia, um pouco de ideal. E não somos somente nós os velhos professores os que assim pensamos. A' frente da Inspectoria de Instrucção Publica deste Estado, está um moço, muito moço ainda, porém, já possuidor de uma vasta visão sobre os assumptos pedagogicos. O illustre funccionario, muito eloquentemente, tem insistido sobre este ponto e eu aproveito a opportunidade para repetir aqui os seguros conceitos que o dr. Mario Casasanta fez publicar a respeito do auditorium. "Trata-se, diz elle, de uma peça de grande valor na actual organização do ensino, porque visa pôr a Escola em contacto com a sociedade, dar aos alumnos maior sociabilidade e desembaraço, beneficiar a sociedade com a influencia da escola e a Escola com a influencia da sociedade. A escola deve ser uma irradiação permanente de ensinamentos e a sua missão não deve restringir-se dentro das paredes do estabelecimento". Repito essas palavras de ouro, porque desejo ardentemente que ellas impressionem não sómente aos paes e professores, mas até mesmo ás pessoas que não se occupam do magisterio, aquelles que vivem fóra dos meios escolares e principalmente aquelles que, não tendo filhos, julgam poder desinteressar-se destes assumptos de importancia vital para a nossa Patria.

Mais uma vez eu agradeço pois o vosso comparecimento, revelador de um sadio interesse pelo ensino e

aproveito a opportunidade para vos dar uma breve noticia sobre o que tem feito esta escola, nestes rapidos dias de sua primeira infancia.

Creada sob os generosos auspicios do grande estadista mineiro que dirige neste momento os altos destinos de nosso Estado, a Escola Normal de Juiz de Fóra parece que nasceu sob as influencias de uma estrella benigna, que benignamente a vem guiando.

Tendo surgido como consequencia de uma reforma das mais radicaes, das mais complexas, era natural que este instituto hesitasse durante muito tempo, antes de achar uma orientação segura. Todos sabem que os primeiros passos de qualquer empresa, assim como de qualquer organismo, são sempre penosos e difficeis.

Combinar e ajustar as peças de uma vasta organização e fazê-la funccionar efficazmente, sem attrictos e sem rangidos, é tarefa improba, que exige tempo, habilidade e paciencia. Os primeiros regulamentos emquanto dormitam no papel, emquanto não receberam a sancção da experiencia, não pedem ser perfeitos nem se prestam a serem executados sem longas duvidas, sem hesitações constantes. A parte mais ardua de uma reforma não está em planejá-la e sim em executá-la, como muito bem pondera o eminente sr. dr. Francisco Campos, o vigoroso pensador que traçou as linhas geraes do actual ensino em nosso Estado.

Apesar de tudo isso, porém, e por uma felicidade inteiramente inesperada, para um trabalhador, como eu, que está habituado aos contra-tempos e ás luctas, esta Escola, desde os primeiros dias, tomou um surto vigoroso e decidido, executou todas as minucias de uma organização complexa, seguiu caminhos novos e ainda não trilhados, indo por elles tão seguramente como se de ha muito os conhecera.

Todas as innovações foram caprichosamente executadas; deram-se numerosas aulas-modelo; foram feitas palestras brilhantissimas; discutiram-se varios assumptos pedagogicos; exercitaram-se as alumnas na arte de dizer e fizeram numerosos exercicios para adquirirem a pratica profissional. A disciplina tomou a feição americana de uma liberdade respeitosa e confiante, de modo que as alumnas se habituaram a considerar tanto ao director como a todos os seus demais professores, como guias amaveis e carinhosos a quem se obedece por amizade e não por medo.

Para usar um expressão feliz do dr. Mario Casasanta, eu direi que, nos recreios, a nossa "colmeia" é agitada e barulhenta, mas na hora opportuna, socega e trabalha.

Desde o começo falei e insisti sobre a necessidade de formar-se entre os professores e entre alumnas um bem entendido "esprit de corps", que a todos ligasse em laços fraternaes. E assim procedi por me parecer que em nenhum outro empenho os sentimentos de solidariedade humana devem ser mais vivos do que na educação da mocidade. Se os velhos professores se entre-dilacerarem nas vergonhosas luctas da inveja ou nas baixas competiçes pessoaes, que não farão os alumnos na sua edade pugnaz e irreflectida?

E como eu falasse, felizmente, a professores de grande envergadura moral, verifiquei que essas idéas e esses sentimentos já estavam em todos os espiritos e em todos os corações. E assim, sem o menor esforço, a Escola tornou-se um modelo de tranquillidade e de paz no meio da agitação esteril e da guerra accesa em que costumam debater-se as grandes agglomerações de officiaes do mesmo officio.

Mas meus senhores, eu não attribuo todo esse bom exito á mi-

nha habilidade e ao meu esforço, porque sei, com certeza, que elle é devido a outros factores. — E entre elles basta citar o facto de ser Juiz de Fóra uma cidade excepcional, onde todas as empresas de progresso acham sempre animação e auxilio. Tudo é facil em um meio adiantado como este em que temos a fortuna de viver. Além disso o eminente sr. dr. Antonio Carlos, grande conhecedor dos homens, escolheu para esta Escola um corpo docente de primeira ordem, cuja collaboração leal e esclarecida, nunca me desamparou. Eu poderia, como a gralha da fabula, adornarme agora com os meritos desses illustres professores, prefiro porém ser honesto e confessar que para as victorias desta Escola, a minha influencia foi das mais insignificantes.

Não quero terminar sem dirigir especialmente algumas palavras commovidas ás gentis senhoritas que vão entrar nas grandes luctas da vida pratica.

Minhas jovens alumnas.

Um tradicional costume academico, entre todos affectuoso e amavel, tem estabelecido estas festas, estas tocantes solennidades, durante as quaes algum velho professor — e ás vezes velho e obscuro como aquelle que agora vos fala— acceita a grata incumbencia de vir dizer aos seus jovens discipulos palavras de affecto, de despedida e de saudade.

Ha sem duvida, nesta sentimental usança escolar o desejo disfarçado de prolongar, por algumas horas ainda, o doce convivio das aulas, de adiar, por alguns momentos mais, a separação inevitavel.

E' que uma sincera e suavissima amizade costuma estabelecer-se e reinar no ambiente calmo das classes, que formam como que um segundo lar para aquelles que viveram juntos a vida intensa do pensamento.

Por toda a parte, nas escolas do mundo inteiro, mestres e discipulos formam sempre uma só familia espiritual, unida e solidaria, porque não ha como o trabalho em commum, não ha nada como o manejar das mesmas idéas, para pôr de accordo os corações.

De facto, nos laboratorios e nas classes, todos se agitam no mesmo afan, vibram nas mesmas emoções, fitam os mesmos ideaes, reconsideram as mesmas verdades; todos refazem e repisam juntos os trilhados caminhos, longos e dolorosos, que a Idéa percorreu, desde o dia fecundo em que começou a brilhar no cerebro do homem, a principio duvidosa e tenue, como fagulha moribunda; depois crescendo sempre, umas vezes victoriosa e pura, outras vezes dilacerada e sangrenta, mas immorredoura e obstinada sempre.

E nessa communidade espiritual, sadia e forte, os condiscipulos alegremente se approximam, unidos no mesmo esforço, como os trabalhadores da mesma vinha, sentem-se companheiros e irmãos, ao passo que os professores, aquelles que receberam de Deus a divina e gloriosa missão de melhorar as almas, esses julgam-se guias e paes, paes cheio de affecto, guias cheios de responsabilidades.

Mas, o que ahi nas classes se forma e desenvolve não é sómente uma amizade limitada, quasi egoistica, entre alguns pares de corações; é um sentimento mais vasto e mais nobre que comprehende e abraça a humanidade inteira, da qual nos sentimos minimas parcellas, pequenas e insignificantes cellulas, exercendo comtudo uma funcção necessaria no turbilhão vital do grande todo.

De facto, no aprender e no ensinar, no receber e no transmittir a herança sagrada de sabedoria que nos vem das gerações passadas, professores e alumnos sentimos, mais claramente do que nunca, o grande laço de solidariedade humana que vem ligando as gerações através dos seculos; sentimos mais vivamente do que nunca, no

suado esforço dos trabalhadores que nos precederam, nas agonias immerecidas dos martyres da sciencia, na espantosa abnegação e no altruismo dos sabios. Através da tarefa immensa, da obra colossal já executada, sentimos e vemos a humanidade em marcha para a cidade feliz da Verdade e da Justiça, na épica expressão do immortal Emilio Zola.

E esse trabalho arquejante e formidavel, cada dia mais intenso; essa luta pelo saber, luta sem treguas, cada vez mais accesa; esse estudar constante, este aprender insaciavel que hoje empolga a maioria dos espiritos, tudo nos ensina e nos mostra que por nossa parte, devemos trabalhar tambem com todo o esforço, trabalhar com a alma toda...

A nós, os que já vamos pelo anoitecer da vida, de certo pouco nos resta fazer. Porém vós, minhas caras discipulas, vós que sois a aurora, que sois a mocidade e a força, vós tendes o dever de propredir, de augmentar o vosso saber, de exceder muito e muito os vossos mestres, os vossos guias de hoje.

E eu accrescento ainda que o vosso dever não fica ahi, não se limita sómente em conservar e melhorar os vossos conhecimentos.

E' preciso mais: deveis considerar o saber como um bem commum que é necessario repartir fraternamente com o vosso proximo, que é preciso transmittir e propagar, por toda a parte. Porque, afinal, nós somos apenas os depositarios ephemeros e não os possuidores eternos de uma fagulha do saber humano.

Por minima que ella seja é preciso transmitti-la amoravelmente aos outros cerebros.

E quem sabe quantas vezes o saber insignificante de um obscuro mestre, centelha esquecida e desprezada, não serviu entretanto para despertar, para atear o vasto incendio do genio nalguma intelligencia adormecida...

Narram os livros e é sabido que havia em Athenas uma especie curiosa de jogos publicos, jogos sagrados, a que os athenienses chamavam a — Corrida dos archotes. Varios moços se collocavam de distancia em distancia, desde o altar de Prometheu até ás portas da cidade. Dado o signal, o primeiro corredor accendia um archote no altar symbolico e, correndo, o levava ao segundo, que do mesmo modo o transmittia ao terceiro, e assim successivamente... Eram considerados vencidos, eram postos fóra de combate, aquelles que na carreira deixavam extinguir-se a chamma!

Um poeta latino, inspirado por este symbolismo grego, imaginou que as gerações humanas eram comparaveis a aquelles corredores e que a vida era semelhante ao archote acceso que se devia transmittir de mão em mão!...

O poeta magnificamente exprimiu a sua idéa no verso celebre — "et quasi cursores lampada vita e tradunt" — e, como os corredores, as gerações vão transmittindo de mão em mão a lampada da vida. Pois bem, tanto como a vida, eu penso que a sciencia é comparavel ao archote symbolico que todos devemos transmittir, passar de mão, em mão, sempre accesso e rebrilhante

E mal daquelle cujas mãos inhabeis, cuja indolencia criminosa, cuja alma fria, deixar extinguir-se a divina flamma.

Esse será o vencido, esse será o inutil, esse não deixará vestigios de sua passagem neste mundo! Porque os homens destinados a viver a eterna vida subjectiva na memoria dos vindouros já não são mais os poderosos e os reis, os conquistadores e os guerreiros: hoje aquelles que "se vão da lei da morte libertando" são principalmente os pensadores, os artifices da ideia, os pacificos constructores da sociedade nova.

E' uma verdade banal que, entretanto, eu repito para vos concitar ao trabalho. Trabalhae, pois, continuae a estudar, não penseis que tudo está prompto e completo quando, por emquanto, não tendes feito mais que começar.

Emfim, jovens e esperançosas senhoritas, nós os velhos professores já passamos adeante a lampada do saber. Ella está agora entregue ás vossas mãos; cuidae em não deixá-la extinguir-se e, por vossa vez, passae-a, sempre accesa, ás gerações que surgem".

Os cyclos da evolução mineira

Da palestra lapidar que o sr. deputado Daniel de Carvalho, proferiu, em dias do mez de janeiro, no Rotary Club de Bello Horizonte, extrahimos o seguinte topico, referente á obra do ensino em Minas, que áquelle parlamentar fixou em traços seguros e impressivos.

"E é por isso que, se devemos insistir e perseverar no desenvolvimento da industria, do commercio, da lavoura, das communicações e dos transportes, com egual afan nos devemos dedicar á obra benemerita da educação e do ensino, e do aperfeiçoamento intellectual e moral do nosso povo.

O esforço já feito deve encher de satisfação todos os brasileiros.

Comecemos por Bello Horizonte, ouvindo as lições de um technico de estatistica. o dr. Teixeira de Freitas.

Para uma população de 55.562 habitantes, o recenseamento de 1920 encontrou:

Crianças de 8 annos... ..	1.479
Crianças de 9 annos.. ..	1.288
Crianças de 10 a 14 annos.	6.341

Deste ultimo grupo, segundo a taxa de 61 % (a unica que os dados censitarios divulgados permittem deduzir), verificada no Districto Federal, para os habitantes de 10 a 12 annos, poderemos computar em 3.868 o numero das crianças entre esses limites de edade. E teremos, (então para os habitantes de 8 a 12 annos), o effectivo de 6.575, ou 12 % do total.

Deduzindo-se, agora, segundo esta ultima taxa, o numero provavel de crianças da referida categoria edade (8 a 12 annos), na actual população de Bello Horizonte, estimada em numeros redondos, em 120.000 almas, obteremos a cifra de 14.400 para a população cujo effectivo deve exprimir a capacidade total do apparelho escolar primario no municipio.

Ora, se os alumnos matriculados nos estabelecimentos de ensino primario da Capital, no primeiro semestre de 1928, eram 15.489, verifica-se que, deduzidas as matriculas dos cursos para adultos e das escolas infantis, a organização municipal do ensino elementar ás crianças verdadeiramente em edade escolar attendeu a 13.737 individuos, o que quer dizer que attingimos praticamente o ponto optimo quanto á "capacidade", que é sabidamente bem superior a este numero, e quasi chegamos ao maximo de "matricula", cirumstancia essa, aliás de facil constatação, pois, difficilmente se encontrará agora em Bello Horizonte uma criança que não frequente ou já não tenha frequentado a escola.

Quanto ao Estado agora.

O recenseamento de 1920 deu-nos, para uma população total de 5.888.174 habitantes:

Crianças de 8 annos..	203.789
Crianças de 9 annos..	141.851
Crianças de 10 a 14 annos..	784.851

Mediante o calculo acima utilizado, encontraremos 824.427 habitantes de 8 a 12 annos, ou sejam 14 % do total.

A esta ultima taxa, estando a população do Estado calculada para 31 de dezembro de 1928 em 7.308.853 habitantes, as crianças de 8 a 12 annos serão prova-

velmente em numero de 1.023.239, devendo marcar esta cifra o limite a que deve attingir a capacidade do nosso apparelhamento integral á obra em que estamos empenhados, de efficiente instrucção e educação das novas gerações.

Ora, havendo sido divulgado, por palavra auctorizada, que a organização escolar mineira comportará este anno 500.000 alumnos do curso primario, é obvio que já estamos a meio da jornada civilizadora que nos cumpre realizar, podendo-se dizer, mesmo, que já attingimos quasi o limite que nos impõem as condições de dispersão em que se encontra a nossa massa demographica, devido ás peculiaridades do povoamento do territorio mineiro.

Se a instrucção elementar é a pedra de toque das democracias, como affirmou o eminente republicano dr. Arthur Bernardes, os governos de Minas, sobretudo de João Pinheiro para cá, não podem receiar o juizo da critica imparcial.

Não preciso memorar, porque é de hontem, a acção constructora do estadista que se chamou Raul Soares e a actividade dynamica do seu illustre successor, o dr. Mello Vianna, que tantas escolas e instituições espalhou por todo o territorio mineiro.

Mas seria imperdoavel silenciar diante da obra corajosa do presidnete Antonio Carlos que, evocando na noite dos tempos o sonho generoso da Inconfidencia, não ficou satisfeito em ampliar e enriquecer o patrimonio do nosso ensino primario, com valores preciosos pela quantidade e, sobretudo, pela qualidade.

Escutando os échos da nossa indeclinavel vocação historica, resolveu sua excellencia plantar, no meio das arvores communs, o carvalho secular, debaixo de cuja fronde nobre e majestosa se hão de abrigar as gerações.

Tal a genese da Universidade de Minas Geraes, que surge, radiante de Vida e de Belleza, como a estatua de Pallas-Athenê no alto da acropole de Athenas.

Situada no centro do paiz, nestas terras livres, nestes ares sadios onde os corpos e as almas se retemperam, neste ambiente de paz e de trabalho tão propicio ao estudo e á meditação, a Universidade de Minas Geraes ha de ser, a um só passo, neste pedaço da America, templo augusto da sciencia e almenara da nossa fé nos destinos da Patria e da Humanidade.

Minas já era o sanatorio para as enfermidades do corpo e o asylo de todos os soffredores perseguidos.

Ella offerece hoje aos eternos romeiros do Ideal um grande altar votivo á Verdade, á Justiça, á Belleza...

Os fachos desta atalaia erguida no cume das nossas montanhas hão de illuminar o progresso de Minas e do Brasil, como as projecções de uma luz que nos guie através das brumas e incertezas da hora presente, aos novos destinos — de grandeza e de gloria".

«Adiós, muchachos»

Ha, no "Minas Geraes", uma parte que deverá ser lida por quantos se interessam por assumptos de ensino: é a parte do "Ensino pelo Estado". Convem ver a organização dos programmas de festas escolares que, muitas vezes, são de um mau gosto deploravel. Não raro, nas escolas e grupos são cantadas canções como estas: *Adiós, muchachos, La francesita, Papa Ladron, Adiós, mis farras*, etc. etc.

A finalidade das festas escolares é a commemoração de datas e vultos de nossa historia.

Com o implantar, nessas commemorações, cousas tão avessas ao ensino e ao nacionalismo e, muitas vezes, á moral?

Convém manusear o Hymnario e o Cancioneiro ou procurar outras

canções que envolvam a consecução do fim das festas escolares, que é accentuar o patriotismo na alma infantil.

(Da *Gazeta de Ouro Fino*).

Devemos copiar Vienna?

Após uma experiencia tentada pelo Conselho Municipal e o relatorio elaborado por uma delegação administrativa official, na Austria, eis que se annuncia a era das excursões escolares.

Desde muito não se contesta, em nosso paiz, a absoluta necessidade de abrir de par em par, ao mundo exterior, as portas da escola; hoje, a opinião dominante é que se deve ir buscar o documento util onde quer que este se depare, pela necessidade, que se tem, de estudá-lo *in loco*, no seu meio habitual.

Ai! ninguem é propheta em sua terra, e a verdade que vem de fóra tem sempre um sabor agradavel; eis porque as excursões escolares (aulas-ambulantes) organizadas em Vienna pareceram uma revelação aos que ignoram os ensaios tentados, ha já muito tempo, na França, — ensaios isolados, mal conhecidos e, de facto, pouco animadores, o que permitte que espiritos amargos e criticos interesseiros, deslumbrados, não sem motivo, pelo exito retumbante de alguns collegas viennenses, proclamem que nosso paiz occupa o derradeiro logar na obra de aperfeiçoamentos dos methodos de educação popular.

No momento em que um louvavel sentimento de emulação vae precipitar para fóra das classes professores e alumnos, não é inutil examinar, á luz das modestas experiencias francêsas, em que condições a classe-ambulante, que em Vienna serve de base á maior parte das disciplinas escolares, ministrando-lhes a materia do ensino, póde, igualmente, na França, corresponder ás exigencias das necessidades individuaes das crianças bem como as da collectividade em que estas ultimas são destinadas a viver.

Longe de nós o pensamento de diminuir, o menos que seja, o valor excepcional da admiravel iniciativa dos professores viennenses logo após a grande guerra.

Animados pelo ardente desejo de salvar a patria ameaçada de morte em consequencia da desorganização social causada pela derrota, elles encontraram no seu patriotismo a mais viva energia para refazerem a sua educação pedagogica, para se adaptarem, elles proprios, e adaptarem a escola a uma vida nova, inteiramente diversa da do passado. E', pois, uma verdadeira revolução social a que se opéra em Vienna ha dez annos a esta parte, consequencia da revolução politica e social que subverteu o paiz. A mudança da organização das classes foi ainda favorecida pela realização da escola unica na Austria. A burguezia, com effeito, não tendo mais á disposição de seus filhos os custosos estabelecimentos particulares de outrora, dirigiu para a escola publica toda a solicitude e para o pessoal docente um auxilio effectivo que permitte firmar a educação popular em bases mais racionaes. A collaboração das familias e dos professores sustentou incontestavelmente a reforma audaz do ensino primario em Vienna.

Por um açodamento bem consentaneo com a indole do povo francês, vamos adoptar, sem mais reflexões, os processos viennenses de educação nova e applicá-los immediatamente nas nossas classes? Se elles correspondem, nas linhas maiores a principios geraes de psychologia e de sociologia universalmente acatados, as applicações não podem ser feitas sem que

se attenda a factores locaes que se impõem. O que a revolução quebrou na Austria está ainda bem solida entre nós, mau grado a opinião de alguns mysticos; na França, não é chegada a hora da subservão social que permittiria, em assumpto de educação popular, a tabua rasa e a construcção nova, segundo o exemplo de Vienna. Além disso, não se destruirão, mediante um simples decreto, de um dia para outro, as instituições administrativas e sociaes de uma velha democracia, as tradições liberaes, uma mentalidade popular ainda muito fechada á idéa de progresso pela associação; cumpre levar em conta preconceitos fortemente arraigados no espirito de uma nação pouco disciplinada por natureza. Vamos então nós (só porque é moda) accrescentar um estalão novo á serie de manifestações pedagogicas impostas successivamente aos professores francêses e que desapparecem depois de alguns annos de experiencia, relegadas num armazem de accessorios donde as tiram ás vezes sem conviccão? Temos tantas vezes visto taes enthusiasmos de commando, que provocam esforços meritorios, mas estereis, obras pedagogicas sem unidade, sem plano de conjuncto, tão variadas quanto frageis, ensaios multiplos de ensino primario de toda especie!

As excursões escolares são tanto mais difficeis de crear na França segundo o plano viennense, quanto o nosso edificio universitario, ainda solido, máu grado as lagartixas que nelle apparecem, não se deixa gretar facilmente por tentativas isoladas, por esforços dispersos. Não se mudará subitamente o regimen de nossas escolas publicas; o regulamento nellas ainda é imposto com bastante rigor; os horarios e os programmas, de desoladora uniformidade, os mesmos para toda a França, do norte ao sul, na cidade e no campo, no mar e na montanha, jamais foram deixados á escolha dos professores; os exames e os concursos, sobretudo, de que não nos podemos desinteressar sem comprometter o futuro de nossos alumnos, estão em absoluta contradicção com os methodos da escola activa. De sorte que os ensaios que foram tentados, ha oito ou dez annos, depois da guerra, tiveram de ser feitos nos quadros existentes. Tudo isto está longe, é claro, da livre experiencia dos professores viennenses. Que seja necessario adaptar melhor a escola francêsa ás novas condições da vida social e economica, ninguem o põe em duvida. Entretanto não temos que nos envergonhar das gerações que formámos; ellas valem tanto como as dos paises vizinhos. O que importa é saber se, na instituição escolar francêsa, a reforma viennense pode adaptar-se ás necessidades nacionaes.

ÉMILE GLAY.

(Do *Manuel Général de l'Instruction Primaire.*)

Actos Officiaes

Horario

Para que os professores tenham maior liberdade na distribuição das materias, de accordo com as condições do meio em que trabalham, com as suas aptidões pessoaes e com o nivel mental de seus alumnos, resolvemos deixar-lhes a tarefa de organizarem o horario, conforme melhor lhes aprouver, obedecendo aos seguintes limites e tendo em vista, quanto possivel, as seguintes observações, além das que a experiencia lhes suggerir:

I — Numero de aulas, por semana, de cada materia

Leitura — 1.° anno, 15, 2.° anno 10, 3.° anno 5, e 4.° anno 3.

Escripta — 1.° anno 5, 2.° anno 5, 3.° anno 3, e 4.° anno 3.

Lingua materna — 1.° anno 3, 2.° anno 5, 3.° anno 7 e 4.° anno 8.

Instrucção moral e civica — 1.° anno 2, 2.° anno 2, 3.° anno 2, e 4.° anno 2.

Religião — 1.° anno 3, 2.° anno 3, 3.° anno 3 e 4.° anno 3.

Historia — 2.° anno 2, 3.° anno 3 e 4.° anno 3.

Geographia — 1.° anno 3, 2.° anno 3, 3.° anno 3 e 4.° anno 3.

Arithmetica — 1.° anno 4, 2.° anno 5, 3.° anno 7 e 4.° anno 8.

Geometria — 3.° anno 2 e 4.° anno 2.

Noções de coisas — 1.° anno 5, 2.° anno 5, 3.° anno 5, e 4.° anno 5.

Desenho — 1.° anno 5, 2.° anno 5, 3.° anno 5 e 4.° anno 5.

Trabalho manual — 1.° anno 3, 2.° anno 3, 3.° anno 3 e 4.° anno 3.

Hygiene e urbanidade — 1.° anno 2, 2.° anno 2, 3.° anno 2 e 4.° anno 2.

Exercicios physicos — 1.° anno 5, 2.° anno 5, 3.° anno 5 e 4.° anno 5.

Total — 1.° anno 55, 2.° anno 55, 3.° anno 55 e 4.° anno 55.

Escolas nocturnas:

Leitura — 1.° anno 9, 2.° anno 6.

Escripta — 1.° anno 5, 2.° anno 5.

Geographia — 1.° anno 2, 2.° anno 3.

Historia do Brasil — 1.° anno 2, 2.° anno 2.

Hygiene — 1.° anno 2, 2.° anno 2.

Arithmetica — 1.° anno 5, 2.° anno 5.

Lingua materna — 1.° anno 3, 2.° anno 5.

Desenho — 1.° anno 2, 2.° anno 2.

Religião — 1.° anno 3, 2.° anno 3.

Total, 33.

II) As aulas são de 20 minutos e devem dar-se 11 por dia, reservando-se 50 minutos para a chamada, inspecção de saude, canto e recreio.

III) As aulas de religião são de quinze minutos cada uma, devendo o professor determiná-las de

BIBLIOTECA
ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

accordo com a pessoa que a vae leccionar.

VII) A's disciplinas que ao professor parecerem de mais difficil comprehensão, de accordo com o que houver observado na pratica, (como, por exemplo, arithmetica e grammatica) podem reservar-se os dias e as horas mais apropriadas.. Em compensação, para as horas em que se presume diminuto o poder de attenção dos alumnos, podem reservar-se os trabalhos que exigirem actividade mecanica: desenho, trabalho manual, leituras e palestras recreativas, escripta, canto e gymnastica.

IV) Nos grupos escolares cujo funccionamento não attingir a quatro horas e meia, mas apenas quatro horas, poderá reduzir-se o tempo de recreio, visto que o trabalho é menor, e supprimir cinco aulas por semana, com o seguinte criterio: no primeiro e segundo anno, tres de leitura, uma de lingua materna e uma de noções de coisas, e no terceiro e quarto annos, uma de lingua materna, uma de historia, duas de arithmetica e uma de noções de coisas.

V) Nas escolas ruraes e districtaes, o tempo destinado á geometria e ao trabalho manual deve applicar-se á arithmetica e ao desenho, respectivamente.

VI) Nas escolas urbanas, bem como nos grupos e escolas reunidas, em que não houver aulas de trabalho manual, emprega-se ao desenho o tempo a ellas relativo.

VIII) Os praticos da pedagogia consideram melhores as seguintes horas: todas as horas de terça-feira, as de quarta-feira, cedo, as de segunda e sexta á tarde, e as de sabbado cedo. Ficarão bem, nessas horas, a composição, os exercicios de calculo mental, a resolução de problemas escriptos, experiencias, projectos e exercicios que exijam attenção e tranquillidade de animo.

IX) Segunda-feira de manhã, por causa do domingo, e sexta-feira de manhã, por causa de quinta-feira, todos os dias, afinal que succederem a feriados, não parecem adequados a um esforço serio.

X) Para evitar fadiga e larga permanencia na mesma posição, convem entremear as aulas por forma que a uma lição em que seja o alumno obrigado a ficar sentado succeda outra em que se levante. Assim, a um exercicio escripto, succeda a ida ao quadro negro, ao mappa, etc. Recommendam-se ligeiros movimentos no intervallo das aulas e canto, quando o professor notar fadiga e desattenção nos alumnos.

XI) O professor não deve tomar as lições marcadas, logo no principio das aulas, mas perguntar sobre o que ensinou e corrigir os exercicios, na hora de aula da disciplina respectiva.

XII) Convem que a aula seguinte de cada disciplina seja, quanto possivel, uma aula de applicação da materia explicada, fazendo os alumnos os exercicios, problemas, redacções, desenhos, etc., que a ella se refiram.

XIII) Os exercicios devem ser corrigidos na propria aula, em geral, no quadro negro, com excepção dos exercicios de redacção, que devem ser fóra do horario escolar.

XIV) Os professores das escolas singulares devem distribuir o tempo, de modo que os alumnos dos differentes annos fiquem sempre utilmente occupados. Não convem atulhar algumas divisões de exercicios, copias e outras industrias de encher tempo, para cuidar exclusivamente de outras.

Para uma boa distribuição de tempo, póde servir-se de aulas collectivas nas disciplinas que a isso se prestarem:: pontos de historia, de instrucção moral, de hygiene, de geographia, de noções de coisas, etc., podem ser ministrados,

com alguma habilidade, a toda a escola simultaneamente.

Repetimos: nenhum alumno deve ficar desoccupado nem fóra da influencia moral do professor: Nesse sentido, devem-se alternar intelligentemente os exercicios escriptos com as lições.

XV) E' muito de recommendar o seguinte criterio na ordem das disciplinas: em primeiro logar, as disciplinas *materiaes*, isto é, as que se referem directamente á realidade, como a geographia, noções de coisas, a historia, a instrucção moral e civica, etc., e, em segundo logar, as disciplinas *formaes*, isto é, que têm por fim exprimir o que se quer, se pensa ou se sente, como a lingua materna, o desenho, o canto, o trabalho manual, etc.

Para que o ensino se torne mais efficiente, é medida de alto proveito que os exercicios destas disciplinas formaes versem sobre o que se ensinou, no mesmo dia ou semana, nas disciplinas materiaes. Assim, a redacção, o dictado, a escripta, o desenho, o trabalho manual devem ter por objecto a materia tratada em noções de coisas, geographia, etc.

E' clara a utilidade dessa medida: os alumnos estudarão, por varias faces e de varios modos, o mesmo assumpto. Uma lição de geographia, por exemplo, encontra seu natural complemento com a feitura do mappa, na aula de desenho.

XVI) Afinal: distribúa o professor as materias da melhor fórma possivel e elabore um horario escripto, que deve ser exposto em aula, á vista dos alumnos, depois de visado pelo presidente da Federação ou assistente technico, onde houver, ou inspector escolar á falta delles.

Qualquer pequena modificação que se tornar necessaria, durante o anno lectivo, deve ser feita no ultimo dia do mez, com o visto da auctoridade escolar, na fórma atraz mencionada.

O professor deve observar se é bastante o tempo destinado a todas as disciplinas e fazer sentir á Inspectoria Geral da Instrucção o que a experiencia lhe for suggerindo, afim de que se consiga uma boa distribuição de tempo.

Bello Horizonte, 9-2-929.

Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção.

Ensino Normal

Relatorio annual apresentado ao sr. dr. Francisco Campos, Secretario do Interior

De accordo com o regulamento, venho apresentar a V. Ex. o meu relatorio annual.

A quatro de abril deste anno inaugurou-se officialmente o Curso de Applicação, e no dia nove, com a presença de trinta alumnos matriculados, abriram-se as aulas no predio da Escola Maternal. O corpo docente do novo curso ficou assim organizado: dr. Iago Pimentel, professor de psychologia educacional; dr. Oswaldo de Mello Campos, professor de biologia e hygiene; dr. José Bonifacio Olinda de Andrada, professor de historia da civilização; d. Luiza Valladares Ribeiro, professora de methodologia e de pratica profissional. As classes primarias annexas, em numero de quatro, foram regidas durante o anno pelas professoras d. Maria Emilia de Figueiredo Castro, d. Aurea de Mendonça, d. Aurelia Leal e d. Maria Augusta Alves dos Santos.

A nova instituição pedagogica veio em boa hora substituir, nas escolas normaes do segundo grau, o caracter mixto do ensino pelo preparo profissional. Devido á sua organização, ella promove o ensino normal á categoria de ensino superior. Esse facto constitue a mais valiosa de todas as realizações para o aperfeiçoamento do apparelho escolar do Estado. Póde-se dizer

foi em um momento da mais feliz inspiração que se normalizou o ensino normal.

Pelos fructos deste primeiro anno, representados no preparo technico das alumnas, ainda não é possivel reconhecer o valor integral do curso, visto que ellas somente o frequentaram pela metade do tempo regulamentar e porque a reforma não está em completa execução. Entretanto, essa experiencia poz em relevo o estructura solida e aprimorada do mesmo instituto. O que agora mais importa fazer é dotá-lo dos meios imprescindiveis a seu pleno desenvolvimento. Elle bem merece a constante solicitude do Governo, porque constitue de facto o eixo central da reforma do ensino.

Nem de outro modo, a não ser pela preparação technica do professor, poder-se-á resolver o problema educacional. Mas, não se alcançará tal objectivo sem consolidar, em todas as suas partes, o mencionado curso. Ainda qeu o plano delle seja magnifico e sejam optimos os professores, isso não basta para garantir-lhe a efficiencia. Sem proporcionar-lhe os recursos necessarios, sem conceder-lhe assistencia continua, sem apparelhá-lo como se faz mister, o Curso de Applicação jamais passará de um testemunho expressivo, porém meramente theorico, da elevada capacidade de quem o architecton.

A reforma escolar não se acha inteiramente concretizada nos regulamentos, nos programmas e nos professores. Dahi, talvez, assim considerando, tenha provindo o fracasso das reformas anteriores. Convem imprimir maior amplitude ás realizações, cumpre alimentá-las mais substancialmente, releva assegurar as suas finalidades.

Consiste a reforma, além do mais, nos compendios destinados ao curso normal e nos livros adoptados para o curriculo primario, nos museus, laboratorios e gabinetes, nas excursões escolares, nas bibliothecas com a frequencia regularizada, nos materiaes didacticos, em quaesquer outros meios, que tornem as aulas, não somente methodicas e assimilaveis, mas tambem attraentes e alegres, apreciadas e procuradas pelos alumnos. Para estes, geralmente, o agradavel da escola é o feriado, nada mais aprazivel do que não haver aulas. De quem será a culpa? Dos livros? Mas, elles se deleitam com a leitura de certas obras. Dos professores? Porém, elles não deixam de ser amigos destes. A escola, ao que parece, ainda não comprehende o escolar, nem se faz comprehendida por elle, ainda não corresponde ás suas expansões transbordantes de vida...

E' que o ensino continúa sob o dominio da palavra; impera o verbalismo com a sua consequente memorização de pontos; não ha nem póde haver inteira assimilação de conhecimentos; a observação e a experiencia, sobre as quaes se funda a pedagogia moderna, não occupam nas aulas os logares de honra; a escola activa apenas representa uma aspiração, longe de ser uma realidade; a rotina, adornada com o nome de tradição, reside em nossas classes.

Era bem que se collocasse em cada escola, como o mais suggestivo dos avisos, um quadro com este conceito enunciado por V. Ex.: "Uma lição não póde ser um monologo, porque presuppõe duas personagens: uma lição é uma collaboração, um trabalho em commum, um entendimento reciproco, uma cooperação de intelligencias."

As materias do curso, desconhecidas dos alumnos, convem notar, apresentam-se-lhes quasi sempre em lingua estrangeira, duplicando as difficuldades do

estudo e ao mesmo tempo revelando a penuria de nossa literatura didactica, que nem ao menos traduz os compendios. Ao Estado cabe aplanar essas difficuldades, promovendo a composição de obras em vernaculo ou a traducção de bons manuaes. A nossa lingua é que não póde ficar em posição tão inferior. E' desensinar a lingua patria fazê-la empregada pelos alumnos em traducções, que elles realizam de afogadilho e sem discernimento. Dest'arte, desaprendem o vernaculo, e, mais ainda, tomam aversão a seu estudo.

O regulamento accentua a conveniencia de poderem os alumnos contar com um guia seguro de todas as horas, competindo ao professor indicar-lhes para esse fim um bom compendio, que elle mesmo completará, simplificará ou rectificará, de modo a adaptá-lo ao seu ensino. Attendendo á disposição do regulamento, que é de summa utilidade, bem poderiam os professores organizar compendios para as respectivas cadeiras.

O dr. Iago Pimentel, professor de psychologia educacional, está organizando para a sua cadeira um compendio, do qual já tive o prazer de apreciar algumas paginas. E' um optimo serviço que presta ao ensino normal o illustre professor, em materia tão pouco conhecida do magisterio mineiro.

Quanto aos livros de leitura para o curso primario, têm elles innegavel influencia na pratica profissional. Os alumnos não devem encontrá-los em flagrante contraste com o ensino actual, conforme está succedendo. Assim como o regulamento e o programma são officiaes, assim tambem sejam officiaes aquelles livros. E' a providencia mais segura para não transigir em ponto de tanta relevancia. Assumindo o Governo a responsabilidade directa de obras, cujo merecimento será julgado pela critica, naturalmente irá officializar aquellas que tiverem valor. Da mesma fórma por que hoje elle tanto se esmera nos regulamentos e nos programmas, por força terá de esmerar-se nos livros de leitura officializados.

E' tão excusado encarecer a aprendizagem da leitura, quão necessario divulgá-la com a maxima intensidade. No corrente anno proferi duas conferencias a esse respeito, uma dellas relativa ás primeiras lições, á composição da cartilha e ás aulas de leitura combinadas com as de outras disciplinas. Tratei do assumpto praticamente, elucidando-o com applicações varias do methodo ideo-visual ou global. Na segunda conferencia apresentei um livrinho para a leitura intermediaria, a qual, como se sabe, tem grande relevo na escola por ser a que succede á cartilha. A . Ex. já conhecedor desse meu trabalho, solicito que se digne adoptá-lo nas classes primarias.

Poder-se-ia extrahir da organização do ensino um interessante livro de leitura, ao qual ajustaria bem o nome de "Memorial do alumno". Seriam assumptos do mesmo, convenientemente tratados para crianças, os seguintes: a escola; a caixa escolar; a bibliotheca infantil; deveres sociaes do alumno; deveres hygienicos; reclames escolares; normas civicas; caderneta escolar; Bandeira Brasileira; saudação á Bandeira; as armas da Republica; Hymno Nacional; Hymno á Bandeira; mappa do Brasil; o nosso paiz; a Capital Federal; o Estado de Minas, com o seu mappa; a cidade de Bello Horizonte; datas principaes da historia patria; calendario escolar.

Não menos que uma academia se ha de considerar o Governo do Estado. Ora, quando alguem me encommenda uma obra lite-

raria e me falta conhecimento proprio para escolhê-la, dou preferencia á que é premiada pela Academia Franceza, e tão alta auctoridade tem garantido sempre a excellencia da obra. E' de crer que o mesmo acontecerá, se os livros de leitura forem officializados.

Parece-me acertado incluir no programma de methodologia o estudo do regulamento normal, que abrange, em sua introducção e em outros pontos, ensinamentos utilissimos ao professor. Sem recommendação expressa nesse sentido, poderá tal estudo ficar esquecido.

Pelo proprio nome, o Curso de Applicação está a dizer que, em suas cadeiras theoricas não ha de a theoria separar-se da pratica, e que na cadeira de pratica profissional consiste o seu escopo, reservando-lhe por isso a maior parte do dia lectivo. Baseia-se a pratica nos programmas primarios, "que deverão ser estudados, analysados e discutidos em classe." Assim, o principal trabalho do curso cifra-se em habilitar os alumnos para pôr em execução aquelles programmas, desenvolvendo-os tanto quanto possivel, de sorte que correspondam ás lições. Cada uma das disciplinas seria, neste caso, baseada em programmas analyticos, acompanhados de instrucções clarissimas. E' o que de melhor poderia ser feito para a pratica profisisonal e para as escolas primarias.

Em relação á lingua patria, por exemplo, as prelecções, que realizei no Curso de Aperfeiçoamento, estão organizadas de fórma a solucionar o ensino primario dessa disciplina. Officializadas que sejam e impressas em folhetos, ellas irão levar ás escolas uma orientação segura, auxiliando e muito o trabalho didactico. E para completá-las, dever-se-á publicar um compendio, elaborado de accordo com o programma de duzentos pontos, que foi o assumpto de uma das prelecções.

A efficiencia do ensino depende de imaginá-lo como uma idéa em marcha, ganhando terreno, e não como uma idéa estacionaria, encerrada em si mesma. Procura-se imprimir maior exequibilidade aos programmas, conforme fiz com o da lingua patria. Cumpre vivificá-los, interpretando-os e desdobrando-os, afim de que o professorado encontre nelles um optimo auxiliar. Para servir os methodos activos, têm de ser activos os programmas, e não se admitte actividade dentro de uma letra inflexivel, quando ao espirito importa vivivificá-la. A vida intensa dos programmas está naturalmente nas aulas, mas com a condição de que elles contenham idéas vivas.

O mesmo poder-se-á dizer do Curso de Applicação: seus alumnos receberão nas aulas idéas vivas, com as quaes saibam aventar, nas classes primarias, a pratica profissional. E' o "saber melhor para melhor agir". Os programmas analyticos, equivalentes a interpretações e desenvolvimentos dos programmas officiaes, prestarão inestimavel subsidio ás aulas didacticas, como orientadores que serão do preparo das lições.

As classes annexas precisam de ser providas de material sufficiente. Urge dotá-las de museu escolar, installado segundo o respectivo plano, attendendo-se a quantidade e á qualidade dos objectos. V. Ex. ha de lembrar-se certamente dos mappas geographicos, que teve occasião de ver, quando visitou esta casa. Como esses mappas, de todo inadequados ao curso primario, assim varios outros materiaes. Releve-me dizer que se faz mister escolha mui cuidadosa de tal fornecimento, sem perder de vista o alvo a que elle se propõe.

Lembro a V. Ex. o estabelecimento de uma classe Decroly junto ao Curso de Applicação, onde ella encontraá ambiente apropriado. Escola activa, e porque não? tambem deve ser o referido curso, cujo funccionamento ha de firmar-se no principio do trabalho applicado ao ensino, principio energetico, assim chamado.

Não era bastante que a escola normal formasse a mentalidade do professor e lhe concedesse a technica do ensino: importava tambem garantir taes acquisições. A reforma provê a este caso com a obrigatoriedade de frequentar a bibliotheca. A frequencia desta, dispõe o regulamento, será observada e fiscalizada, de maneira que por ella passem todos os alumnos. O modo pratico de cumprir tão util dispositivo é collocá-lo no horario.

A escola serve de estagio para a bibliotheca, sua legitima successora. Esta prolonga-se por toda a vida, ao passo que aquella limita-se a poucos annos. Para que seja efficaz, ha de o ensino dar aos alumnos a capacidade de aprender. Na bibliotheca elles exercerão tal capacidade. Encaminhando-os por essa fórma, o mestre como que passará a reger duas classes, a do presente que é a escola, e a do futuro que é a bibliotheca. Victor Hugo disse: "Uma alimentação de luz, eis o de que precisa a humanidade. A leitura é o alimento."

Já organizei uma bibliotheca em grupo escolar, cujos alumnos a frequentam com regularidade. Para os mais adeantados estabeleci o trabalho de encadernação, que tem produzido optimos resultados. Não seria bem pensado manter esse trabalho junto á bibliotheca da Escola Normal? E' elle bastante attraente, e mais simples do que se póde suppôr.

Julgo de bom alvitre que, na hora da bibliotheca, os alumnos do curso façam leitura attenta, demorada e completa da organização escolar, contida nos regulamentos e nos programmas. Ficariam elles habilitados a responder pergutas como esta: "Póde expor-me desenvolvidamente sua opinião sobre o ensino primario no Estado de Minas?"

A vida nacional e a vida do Estado devem interessar aos professores. E' conveniente comprehenderem os futuros normalistas os proveitos, que dahi lhes possam advir. Qual o meio pratico para isso? Destinar vinte minutos por semana á leitura do "Minas Geraes" e da "Revista do Ensino". Será uma aula agradavel, na qual a classe ha de inteirar-se de factos importantes da actualidade, colleccionando em um caderno os que forem mais uteis ao magisterio.

Vem a proopsito aconselhar que haja para os alumnos mestres uma aula mensal, pelo menos, sobre a arte de estudar. E' incontestavel a vantagem de aprenderem elles como se estuda, extrahindo e organizando, desde a escola normal, as notas de suas leituras, para que estas não fiquem como acquisições desordenadas e inaproveitaveis. Um livro, de que se fez leitura attenta e de que se tiraram notas, tem valor intrinseco para a nossa intelligencia, e póde auxiliar-nos muito em nossos trabalhos.

Parece-me bem lembrado que, além da bibliotheca geral, se organizem pequenas biblothecas pedagogicas para servirem de modelo aos alumnos. Poder-se-iam installar tres estantes, de cincoenta, de cem e de duzentos volumes. A primeira somente de obras em vernaculo, e as outras de livros tambem em francez e castelhano. Seriam bibliothecas destinadas aos normalistas, com os respectivos preços, podendo o Etado fornecê-la pelo custo.

O regulamento do curso normal estabelece penas na gradação seguinte: admoestação, reprehensão, suspensão e cancellamento da matricula. Aos directores das escolas o art. 253 dá competencia para impor as penas de n. 1, 2 e 3 do art. 224, que constam de admoestação, reprehensão e cancellamento. Verifica-se ahi um erro de revisão, pois aos directores é natural que pertença applicar as duas primeiras penas e mais a de suspensão, competindo ao Governo impor a pena de cancellamento, que é a mais grave.

A disciplina, como se sabe, tem em vista fazer reinar a ordem na classe. "O que importa á escola, diz François Guex, é sem duvida a ordem externa, mas acima de tudo a ordem interna, a boa vontade do alumno, que deve inclinar-se voluntariamente para o bem." A disciplina, quem a implanta na escola é o professor com o seu poder de organização, com as lições bem preparadas, pelas suas maneiras polidas, pela firmeza de agir, por meio de seu espirito de justiça, mediante o amor ao magisterio. Por outro lado, cabe ao professor, com o seu tacto e perspicacia, evitar attritos irritantes, que somente servem para aggravar as situações. Entretanto, é necessario que elle esteja armado com as penas de admoestação, reprehensão e suspensão, tendo-as como remedios, que hão de ser applicados em tempo proprio.

Se nós attentarmos agora nos trabalhos do curso, verificaremos que elles abrangem aulas de psychologia, de biologia e hygiene, de historia da educação, de methodologia e de pratica Urge montar e organizar o gabinete de psychologia, como desde muito já se fez na Escola Normal de S. Paulo, e assim tambem completar o material destinado á cadeira de biologia.

Realiza-se diariamente a pratica profissional, que comprehende: aulas modelos, pelos professores; preparo das lições, aulas didacticas, critica das mesmas e relatorios, pelos alumnos, que são egualmente obrigados a frequentar a bibliotheca, a fazer palestras e a sahir em excursões. Estas apresentam duas fórmas differentes: as effectuadas com os alumnos mestres e com a classe primaria, para aquelles aprenderem como se organizam taes exercicios; as visitas dos alumnos ás escolas e grupos escolares, a centros de saude e hospitaes, para observações attinentes ao ensino e á hygiene.

Effectivaram-se, durante o anno, as aulas e os exercicios mencionados, esforçando-se os professores para que elles fossem proveitosos aos alumnos.

De conformidade com o regulamento, os alumnos do curso assistiram a algumas conferenrias effectuadas pelos professores da Escola Normal. Conviria serem estas illustradas, sempre que possivel, por projecções cinematographicas, o que se fez em relação a uma dellas. O fornecimento de *films* adequados a esse fim é assumpto digno da attenção de V. Ex. "Em França, só a cidade de Lyon possue tres mil *films* para as suas escolas, tendo-se realizado no fim do anno passado cerca de seis mil sessões educativas."

Não menos recommendavel paar o ensino é a radiotelephonia, sobre a qual produziu, ha pouco, bellissima conferencia o sr. Jeronymo Monteiro Filho, da Associação Brasileira de Educação. "A radiotelephonia, diz elle, é considerada o meio de cultura mais radical e impressionante, assignalado até hoje nas folhas da historia do espirito humano. Nos Estados Unidos é crença hoje firmada poder medir-se pelo numero de apparelhos de radio a vitalidade de

uma nação, e a juventude e vigor de suas idéas." Estou persuadido de que seria realmente util a installação de um autofalante na Escola Normal.

Sonando uma das falhas mais graves do ensino, que é a improvisação, a reforma determina possua cada professor um caderno de preparo das lições, e exige o mesmo do alumno mestre. Ora, uma lição primaria não prescinde de meio intuitivo, o qual nem sempre é facil de obter. Dahi, toda a conveniencia em que, no curso normal, tenha o professor aprendido a preparar, numa pequena officina, certos objectos apropriados ás lições. Merece estudo o plano de fazer do normalista um preparador, e no Curso de Applicação ficaria bem proceder a essa experiencia.

Para manter completa unidade entre as cadeiras de methodologia e de pratica, resolveu-se que o professor daquella materia se encarregasse tambem desta. Prevendo o tempo e o trabalho, que essa combinação iria absorver, o regulamento admitte varios professores de methodologia. Com effeito, aquella unidade é requerida pela pratica profissional,que não menos necessita de maior intensidade. Ensino que se baseia quasi todo no trabalho pessoal, a pratica só poderá ser intensificada em turmas pequenas, não excedentes de quinze alumnos, aos quaes será facultado exercitar-se em frequentes aulas e em outras provas. Tal divisão do trabalho permittirá ao professor attender melhor aos varios aspectos dos exercicios. Considero esta medida essencial ao preparo technico da classe.

As turmas pequenas de pratica podem caracterizar-se como technicas, ao contario das grandes turmas, que se caracterizam como ouvintes. Entre estas e aquellas existe a mesma differença que entre ouvir e fazer. Ora, é por este processo de fazer que se alcança a arte de ensinar, dando aulas, regendo classe, convivendo com os alumnos, identificando-se com a escola. Já no texto biblico se lê: "Sêde pois fazedores da palavra, e não ouvidores tão somente, enganando-vos a vós mesmos."

As turmas pequenas ainda favorecem a educação social, ponto este de grande alcance para os candidatos ao magisterio. A distincção das maneiras e dos actos tornará apresentavel o professor, attrairá para elle sympathia, dar-lhe-á força moral, irá, elevá-lo no conceito da sociedade.

Outro ponto que requer cuidado é a voz dos alumnos. Como orgam principal de trabalho do professor, ella precisa de ser educada, a bem da propria regencia e disciplina da classe. Entre os lumnos mestres não se deve permittir o grito, que somente é toleravel em casos extraordinarios, tal qual se observa nas relações sociaes.

Ao Curso de Applicação compete dar resposta á reforma do ensino, resposta que deverá ser completa, real e favoravel. Elle corporifica a grande novidade da reforma: crear professores primarios, verdadeiros technicos e profissionaes. Não o conseguirá desde logo, pois que terá de superar mil difficuldades de toda ordem, provindas do passado e ainda em grande parte conservadas pelo presente. Em vez de produzirem desalentos, taes difficuldades reclamam que se aprimore a execução da reforma, pondo-se este instituto em condições de corresponder á sua finalidade. Insta apparelhá-lo perfeitamente em suas aulas, em sua pratica profissional, em suas classes annexas, em sua bibliotheca, em seu museu escolar. E não se perca de vista

que a vida da escola, no pensar de Lombardo-Radice, é comprehendida como: "collaboração do alumno e do mestre, collaboração reciproca dos alumnos, collaboração dos professores."

O interesse e a iniciativa profissionaes são qualidades, que releva desenvolver nos alumnos. Nada melhor do que fazê-lo visitar escolas, com o intento de observá-las, tomando notas para serem apresentadas ao professor. E' a regencia da classe o trabalho que os espera e para o qual se preparam: deante della, ir-se-á despertando a consciencia magisterial. Outrosim, nas aulas do curso normal, tenha o professor de vez em quando palavras de vivo apreço para com a escola primaria. "O fim de seu trabalho, diz Herbart, é preciso que o educador o veja deante dos olhos, claro como uma carta geographica, ou ainda, como o plano fundamental de uma cidade bem construida."

Profissional é a palavra de ouro do ensino normal. Ser profissional, eis o pensamento que deve acompanhar o alumno mestre, constituindo o seu sonho dourado. Ensine-se a elle que o magisterio é a profissão por excellencia e que a profissão é uma das maiores riquezas para a vida. Eu disse uma vez ás normalistas: " A vossa predilecta ha de ser a profissão, que livremente abraçastes." O sentimento do dever profissional precisa de ser cultivado, como flor preciosissima, no coração dos futuros professores. Dessa grande lição não póde esquecer-se a Escola Normal.

Parte integrante da Escola Normal de Bello Horizonte, não convem que o Curso de Applicação fique desaggregado de seu todo. Ninguem irá favorecê-lo melhor do que aquella escola, com seu ambiente tão propicio ao estudo, em situação tão accessivel e attraente.

Por outro lado, desde que o curso se incorpore á Escola, irá elevar a importancia della, executando-se integralmente, sob o mesmo tecto, a reforma do ensino, tanto em seu grau superior, que é o instituto normal, como em seu grau elementar, que são as classes annexas. Em uma palavra, unido á Escola Normal, o Curso de Applicação irá ser valorizado por ella e irá valorizá-la.

Hermann Liety, um dos pioneiros da escola moderna, assim se expressa: "No dominio da educação, não se encontra quasi nenhuma idéa verdadeiramente nova. Os principios fundamentaes foram proclamados desde muito tempo pelos educadores eminentes do passado. Só a organização, a realização pratica, o modo de conferir e de applicar os principios, póde produzir alguma cousa de novo, de sempre renovavel e de original."

A realização pratica do Curso de Applicação merece enaltecida como problema de grande vulto para Minas. Instituição desconhecida em um meio de fraca cultura pedagogica, o novo curso terá de vencer a indifferença, a incomprehensão ,a desconfiança, a rotina, o preconceito. De outra parte, elle exige base solida, isto é, certo desenvolvimento de seus alumnos, a orientação delles para o trabalho, o esforço para attingir o alvo. Quem ha de conceder-lhes esses predicados, sinão os cursos anteriores, o de adaptação e o preparatorio?

Felizmente está dentro dessa direcção a Escola Normal de Bello Horizonte. Integralizada que seja, ella attrahirá desde logo a attenção de seus alumnos para tres pontos capitaes: o perfeito funccionamento das aulas; a frequencia regular da bibliotheca; a organização modelar das classes annexas.

Para os alumnos mestres, o presente estará então nas aulas que frequentam; o passado reviverá, cheio de gratas recordações, nas classes annexas, que lhes é concedido observar; o futuro será entrevisto nas mesmas classes, para cuja regencia se habilitam, e assim tambem na bibliotheca, cuja frequencia irá reavivar-lhes os conhecimentos adquiridos.

A escola moderna é centro de experiencias, officina de estudo, campo de cultura, laboratorio de socialização. No pensar de Dewey, "cumpre que o trabalho manual se torne o proprio principio de todo o trabalho escolar". Ajustando-se a esse conceito ,a installação das classes annexas offerece possibilidades de imprimir á Escola Normal um aspecto risonho e attraente. Em dimensões pequeninas póde haver alli, para o aprendizado dos alumnos, o jardim, a horta, o pomar, o bosque, o cafeeiro, o pau-brasil, a colmeia, o viveiro de passaros, o aquario, o estabulo com uma vacca, o parque com animaes do mato, a sala de modelagem, a marcenaria, a officina de costura e a cozinha. Com relação a estas, diz Ferrière: "Uma pessôa que ignora os rudimentos da cosinha e da costura, que não sabe preparar uma refeição simples ou fazer um concerto em sua roupa, é um sêr incompleto." No recreio dos alumnos menores, que haja o tanque para elles chapinharem, os monticulos de areia e os gramados para brincarem, as casas de boneca e as barraquinhas para arranjarem ou armarem.

Não é só a sala de aula e a area de recreio que formam a escola moderna. Esta precisa de ter encanto para se fazer querida. Não se comprehende a escola sem o lado attraente, gracioso, interessante. Alguem já disse que "a belleza é a palavra da educação."

Mas, será que a sciencia, a technica, a organização e a belleza, indispensaveis na escola, possam convertê-la em casa das crianças, ia dizendo em paraiso dellas, deixando-lhes, pela vida inteira, impressões capazes de chamá-las ao cumprimento do dever nos momentos precisos? V. Ex. já respondeu a essa interrogação: "O de que na educação mais se precisa do que de sciencia, é de alma. Porque só a alma transforma as verdades e os conhecimentos em forças espirituaes, transmutando, pela sua acção de presença, as apercepções neutras da intelligencia em valores activos e militantes. Minas Geraes se sentiria feliz, se pudesse contar em cada professora com uma alma disposta a transformar a sua escola ou a sua classe em uma cousa viva e magnetica, digna da sabedoria e da innocencia das crianças."

Quero apresentar agora os nomes das alumnas, que neste anno concluiram o curso. São as seguintes: Alice Dias Duarte, Anna Florinda Renault Jacob, Anna Jaguaribe da Silva Nava, Annita Lapertosa Brina, Antonietta Falleiro de Oliveira, Carmen Amador Passos, Celme Magalhães, Dulce Martins Ferreira Mello, Edith Bettamio Paraiso, Edith Miranda de Almeida, Ephigenia Tertuliano, Francisca Esmeralda Ferraz, Gelcyra de Jesus Caldeira Silva, Helena Cabral, Hilda Bergo, Imene Guimarães, Iracema Massena Mineiro, Laura Duarte de Assis, Laura Faria, Maria do Carmo Reis Silva, Maria Helena de Castro Silva, Maria José de Castro Reis, Maria Petronilha Franklin Drummond, Marina Costa, Martha de Paula Ricardo, Odette Auta Machado, Odette Celso de Abreu, Ruth Bahia, Thereza de Barros, Zoé de Oliveira.

Não ha, no Estado de Minas, um nucleo de cultura pedagogica, capaz de aperfeiçoar o seu

apparelho educativo. Esse nucleo bem poderá ser a Escola Normal de Bello Horizonte, perfeitamente organizada em todo o cyclo de seus estudos, verdadeiramente nacional pela sua cultura civica, fundamentalmente brasileira pela sua confiança no futuro de nosso paiz.

Tudo isso trará comsigo, além do resultado immediato, de caracter educativo, outro mediato, de valor inilludivel. Executando cabalmente a reforma, a Escola Normal de Bello Horizonte terá firmado a estabilidade da mesma. Não quererá nenhum Governo ir contra uma instituição, que se desata em fructos preciosos. Ha de naturalmente conservá-la.

O maior bem, que no Estado de Minas podia ser feito á educação popular, V. Ex. o fez com a reforma do ensino. O Curso de Applicação, ponto culminante da reforma, é insubstituivel em sua admiravel contextura. Elle baixou de uma alta concepção, como genio tutelar da escola, para lhe trazer a technica e a sciencia da educação. Tudo depende unicamente de sua realização pratica, para a qual solicito de V. Ex. os meios imprescindiveis, todos aquelles que tenho a honra de lembrar-lhe no presente relatorio.

Bello Horizonte, 23 de dezembro de 1928. — O director do Curso de Applicação, *Firmino Costa.*

Origem: Doação
Preço: —